ESCRITA

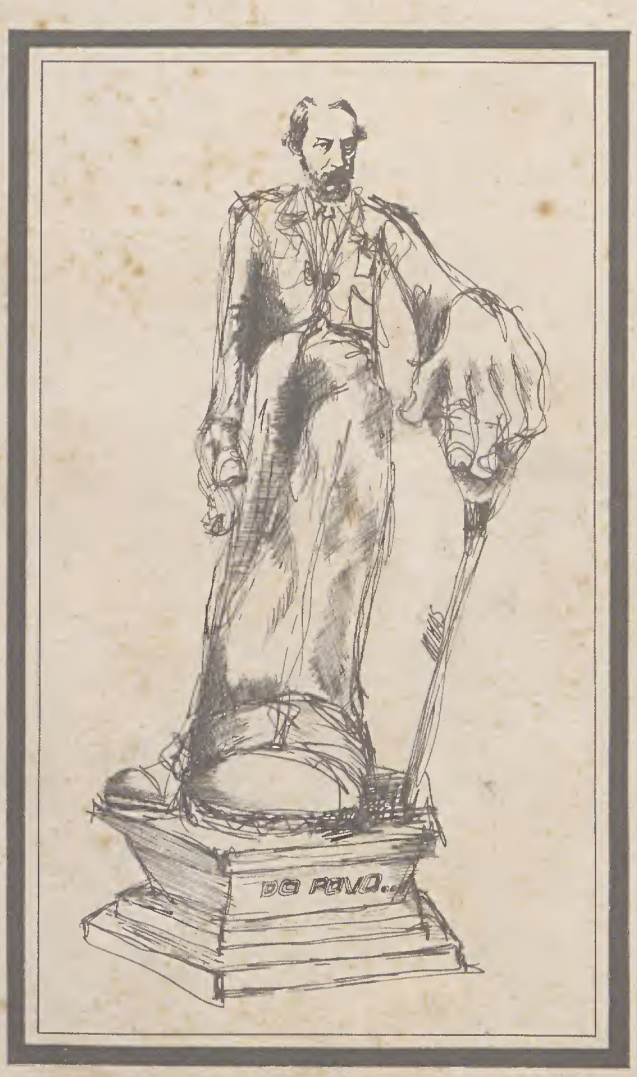
Ano I N.º 3 1975 Cr$ 10

Revista Mensal de Literatura

NOVOS POETAS E CONTISTAS EM CINCO PÁGINAS

DUPRÉ, A MULHER QUE MAIS VENDE LIVRO NO BRASIL

O TREM FANTASMA DE MOACYR SCLIAR



HEMINGWAY, ANTI-HERÓI DE UM CONTO CUBANO

CHAMIE RESPONDE A ANTÔNIO CÂNDIDO E ASSIS BRASIL

O DESAFIO DOS ARGENTINOS CASARES E MEDINA

O POETA VIVE NO CORAÇÃO DO POVO ALUÍSIO AZEVEDO MOSTRA COMO

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

3 — Pauta: 0,00003%, 36 páginas, os bons de lá, Fausto Cunha, dinamite e hidrogênio

4 — Moacyr Scliar: entrevista (a Tânia Jamardo Faillace) e conto *(Trem Fantasma)*

7 — Maria José Dupré (ex-Sra. Leandro Dupré) abre o jogo

8 — Do insigne Antônio Cândido ao interessado Assis Brasil — Mário Chamie

11 — Carlos Nejar e Affonso Romano de Sant'Anna, poetas

12 — O que atrapalha o escritor brasileiro — depoimento de Ignácio de Loyola Brandão

14 — *Urbana*, conto de Wladyr Nader

17 — Bioy Casares e Enrique Medina, argentinos

18 — A Cuba de Hemingway num conto de Edmundo Desnoes

22 — *No Maranhão*, conto de Aluísio Azevedo

24 — Conto-notícia de Nagib Jorge Neto: *Os Proletas*

26 — Novos: poetas

28 — Novos: contistas

31 — Uma estorinha de Lúcia Miners. Para crianças

32 — Livros: lançamentos

33 — Cartas: a opinião dos leitores

ESCRITA

Editor
Wladyr Nader

Redação
Astolfo Araújo
Hamilton Trevisan

Editor de Arte
José Américo Mikas

Criação Fotográfica
Leila Leandro de Castro

Uma publicação da
Vertente Editora Ltda
Rua Monte Alegre, 1434
Fone: 62-3699
05014 - São Paulo (SP)

Distribuição: Abril

Artes Gráficas

fotocomposição/fotolitos
Unida

impressão
Planimpress

fotografias
Pororoca

Registrada na D.C.D.P.
do D.P.F. sob n.º 1464 — P. 209/73

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

CEMAP_ESCRITA_1975_N_3

PAUTA

ESCRITA

Ano I N.º 2 1975 Cr$ 10

Revista Mensal de Literatura

UM TEXTO EXCLUSIVO DE ANTONIONI

IVY MARÃEY, O TRISTE CÉU DOS GUARANIS

GALEANO: SEGREDO AO CAIR DA TARDE

ANTÔNIO CÂNDIDO E A FATALIDADE DA VANGUARDA

O EQUÍVOCO DO TROPICALISMO, NA PG. 11

O MELHOR DE SAMUEL RAWET EM QUATRO PÁGINAS

PEDRO BARQUEIRO, TIPO DO SERTÃO
CONTO DE AFONSO ARINOS

No território impresso brasileiro, cada vez mais ocupado pela má literatura estrangeira e nacional de consumo, as publicações como ESCRITA são tentativas de reconquistar espaço para o autor nacional, reduzido ao silêncio por falta de veículo para a sua voz. A morte programada das revistas literárias é um folclore enganoso que reflete, infelizmente, a atitude passiva dos que se colocam na posição de meros consumidores, esquecendo-se de que esse tipo de publicação, por não ser comercial, deve ter no seu leitor, não apenas um colaborador eventual, mas um propagandista, um defensor da sua sobrevivência e, mais objetivamente, um assinante. Dizem que o escritor brasileiro não tem mais do que três mil leitores (0,00003% da população). É muito pouco, mas já é suficiente. Assine ESCRITA. (AA-HT)

Este número já traz pequenas mudanças de ordem técnica: utilizamos papel inferior e imprimimos em rotativa, para barateamento de custos. Assim, teremos melhores condições de contrariar a norma das revistas literárias, que é morrer nos primeiros números por não conseguirem sensibilizar virtuais anunciantes, como editores, livreiros e órgãos culturais. Para isso, contamos ainda com o apoio e o interesse dos leitores, expressos nas *Cartas* aqui reproduzidas, que comprovam a necessidade da existência de um veículo como este. É, portanto, pensando em vocês que saímos com mais quatro páginas. Antes de tudo, não temos pudores formais. Passaremos por todas as transformações realmente necessárias para manter *Escrita*. Se vocês continuarem conosco, não há o que temer. (WN)

A interliteratura, ou a forma literária dominante, oferece uma fórmula testada, o escoamento da produção pelos meios de comunicação de massa e (importante aos provincianos) o aplauso crítico (exceções e coisas e tais), que, como inspetores de qualidade numa indústria, separam o lixo. Em troca, bem, em troca a alma, mas isso é outra história. Acontece que uma cultura está sempre se refazendo e se recompondo e, se num certo momento histórico (pra mim é agora), fica fisicamente ameaçada, tem que se defender. Temos que nos defender publicando nossos escritores, impondo-nos à pressão alienígena, divulgando os livros e, principalmente, tentando formar uma crítica criativa e brasileira. E olha que a posição não é radical, não. Como leitor quero ler de tudo de todo o mundo, mas vocês acham que "eles" nos mandam os bons de lá? Acham? Pois é com tipos assim como você que ainda acabaremos mal, cara. (AA)

Devemos pensar no público que nos lê, ou no autor que aguarda ansioso uma palavra de estímulo ou de consagração? Nosso compromisso é conosco ou com a literatura brasileira tomada como um todo ideal? Devemos dirigir ou informar o público? Em outros países, e no Brasil em outras épocas, essas perguntas quase não teriam sentido, dada a diversificada cobertura periodística que existia. Hoje, é quase um drama de consciência.
Por definição, um leitor de crítica é um leitor de livros. Quando escrevemos, convém pensar sempre nesse tipo de leitor. O leitor que considera a literatura como coisa vital, da mesma forma como o pintor, o músico popular e o ator a vêem, cada um em sua arte, uma coisa vital para eles e essencial para a humanidade. E são vitais. São essenciais. Ainda que o comércio, a indústria, o consumo se tenham apossado dos frutos materiais da arte, ela não deixa de existir como tal. A relação entre o crítico literário e o leitor do livro, mesmo desprezando o já hoje lugar-comum da necessidade de comunicação, assume uma importância cada vez maior. Não pode ser mais uma relação unilateralmente irresponsável, nem uma relação de mestre para assistência. Estamos no mesmo barco. Ou remamos juntos ou viramos com ele. (*Fausto Cunha*, no IX Encontro Nacional de Escritores, realizado este ano em Brasília)

Criado para compensar os malefícios da invenção da dinamite, o Prêmio Nobel continua sendo, pelo menos no campo da literatura, uma excelente maneira de alegrar um país e enraivecer os demais. Desta vez ele foi conferido a um quase obscuro (internacionalmente falando) poeta italiano, Eugenio Montale, cuja escolha foi criticada por todos os que tinham candidatos próprios, especialmente pelos países africanos, que reivindicam a instituição do rodízio obrigatório na atribuição da coroa de louros (muito justo, digo eu, se não a gente não ganha nunca). Mesmo deixando de lado o fato de ser o Nobel, como de resto qualquer outro concurso literário, inevitavelmente unilateral (para não dizer injusto), já que não pode reconhecer todos os valores, parece ao mesmo tempo infantil e demodé a ansiosa disputa internacional pelo carimbo de melhor do mundo, concedido anualmente pela Academia Sueca. Nem Tchecov, nem Joyce, nem Kafka, nem Graciliano Ramos, foram premiados. E daí? O mínimo que se poderia fazer, diante do aumento vertiginoso da população mundial e, conseqüentemente do número de poetas e prosadores, somado à emergência (?) do Terceiro Mundo, seria a multiplicação do número de prêmios. Para isso, bastariam um adequado reforço de verba e o reconhecimento de que a láurea deve servir de penitência, não mais à prosaica dinamite, mas à portentosa bomba de hidrogênio. (HT)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

SCLIAR: SE O PAÍS EM QUE EU PRODUZO SÓ ABSORVE X% DO QUE EU PRODUZO, NÃO ADIANTA PRODUZIR MAIS.

entrevista a
Tânia Jamardo Faillace

Entre todos os escritores gaúchos que surgiram na década de 60, Moacyr Scliar, sem dúvida, é aquele que tem publicado com maior regularidade e alcançado maior projeção fora do Estado. De 1962 até hoje, participou de nove antologias de contos, editou cinco livros seus, e desde 1954 - a partir dos 17 anos - já recebeu oito prêmios e menções honrosas, entre concursos estudantis e nacionais, como o Prêmio Academia Mineira (1968), Fernando Chinaglia (1972), Walmap (1973) e Francisco Manuel de Macedo (1974).

No entanto, como qualquer outro escritor brasileiro, não é profissional de tempo integral. Trabalha como médico sanitarista da Secretaria de Saúde e escreve à noite, domingos e feriados.

Seu primeiro livro, *Histórias de Médico em Formação*, filiava-se à linha do realismo social, então em plena vigência na literatura jovem da época. Com o *Carnaval dos Animais* (1968), num panorama histórico totalmente diferente e com seis anos de distância da atividade estudantil, Scliar começava a cultivar a fábula fantástica que, até hoje, está sendo explorada pela atual geração de escritores brasileiros. Naquilo que chama de sua "trilogia judaica" - *A Guerra no Bom Fim, O Exército de Um Homem Só* e *Os Deuses de Raquel* - Scliar descobriu um veio até então desconhecido no Brasil, o transplante da cultura judaica na América Latina. Em "A Guerra do Bom Fim"(Expressão e Cultura, 1972), surgiu pela primeira vez em livro brasileiro a fusão mítica da cultura ídiche, das tradições afro-brasileiras, da propaganda aliada da política de boa vizinhança, com seus heróis de quadrinhos e seriados e o ideal rooseveltiano em luta contra o nazismo. Numa distância temporal inferior a 30 anos, Scliar conseguia captar o clima essencial dessa lavagem de cérebro, que moldou uma geração inteira. Em "O Exército de um Homem Só" (Expressão e Cultura, 1973), Scliar efetuou outra síntese difícil: a esquerda festiva inserida no quadro sionista e a euforia dos anos desenvolvimentistas. Entre os dois polos, seu personagem se dilacera e se desintegra inevitavelmente. Em "Os Deuses de Raquel" (Expressão e Cultura, 1975), Scliar parece ter feito um recuo. Enroscado sobre si mesmo, seu último livro, embora situado na época presente, foge de um confronto com esta, para mergulhar numa perspectiva subjetiva e a-histórica. É o final da saga judaica, admite o escritor.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

SCLIAR - Estou com muita vontade de voltar ao caminho de *Histórias de Médico em Formação* . Lá, eu estraguei o tema. Eu deixei de pegar o médico como um indicador da crise brasileira. Contando casos na base do anedótico, deixei escapar a sensualidade da medicina, o fato de o médico lidar fisicamente com a carne dos outros, remexer em suas entranhas. É preciso separar-se a profissão médica do estabelecimento médico, onde podem ser incluídos os curandeiros e pessoas afins. No livro em que estou trabalhando atualmente, meu personagem, Dr. Miragem, faz a síntese de tudo isso. E aquilo que é mais importante: o fato de que o médico só capta fragmentos de realidade.

Nas "Histórias de Médico em Formação" fui social, mas muito epidérmico, entusiástico, e muito imaturo, muito frágil. Hoje, estou à procura do "escavado", do que vem mais do fundo. Acho que está na hora de abandonar o fantástico gratuito: é muito fácil.

(Em 1962, "após 20 anos de silêncio", era publicada em Porto Alegre uma antologia de "novos", *Nove do Sul,* da qual participaram Scliar, Carlos Stein, Lara de Lemos, Sérgio Jockyman, Josué Guimarães, Sérgio Ortiz Porto, Tania J. Faillace, Ruy Carlos Ostermann e Cândido Campos, num esquema semi-artesanal de auto-financiamento coletivo. Em 1975, uma antologia nas mesmas bases, mas escrita por autores de 10 a 15 anos mais jovens, *Teia*, foi lançada na mesma Porto Alegre. Scliar aproveita para traçar o paralelo entre as duas, surgidas em circunstâncias semelhantes.)

SCLIAR - É interessante comparar "Nove do Sul" com "Teia". Nossa preocupação social, em 1962, era muito mais evidente. A gente de hoje, porém, embora tão interessada como nós estávamos pelo mesmos problemas, teve que lançar mão do simbolismo, da alegoria, do fantástico. Treze anos, com seu conteúdo de censura, de castração da palavra, deram como resultado uma literatura indireta que bebe suas fantasias em linha imediata da fonte: Nova Iorque, Estados Unidos. No mesmo enfoque, explico meu *O Carnaval dos Animais,* de 1968. A época favoreceu o aparecimento da linguagem alegórica. De minha parte, confesso ter lido muito então Kafka, Arreola, Borges, sendo que os dois últimos também têm o seu bestiário. No meio tempo, eu e o Carlos Stein publicamos *Tempo de Espera*, lá por volta de 1966. O nome já diz tudo. esperávamos que algo acontecesse.

(A crise da literatura. A ansiedade de publicar.)

SCLIAR - Antes, como todo o mundo, eu tinha a ansiedade de publicar. Perdi-a, felizmente, com minhas crônicas semanais no jornal "Zero Hora". No início a gente sempre tem a ilusão do best-seller. Outra ilusão dos 20 anos é que se vai mudar o mundo com a literatura. Percebe-se depois o lento movimento da história, lento demais - e o que muda é o movimento das forças sociais. Quanto à crise da literatura, é fenômeno mundial, e muito mais no Brasil por razões como: subdesenvolvimento, preço do livro, mercado. Se a literatura está em crise, pode acontecer que não se possa viver de literatura, mas isso não impede que se trabalhe seriamente em literatura. Isso, o entanto, tem reflexos sobre a produção do escritor. Se o país em que eu produzo só absorve x% do que eu produzo, não adianta produzir mais. Se em vez de 50 livros, só há condições para publicar três, esses três devem ser feitos com todo o cuidado; devem concentrar tudo o que eu poderia dizer em 50.

"No início a gente sempre tem a ilusão do best-seller. Outra ilusão dos 20 anos é que se vai mudar o mundo com a literatura. Percebe-se depois o lento movimento da história, lento demais - e o que muda é o movimento das forças sociais."

(As razões da trilogia judaica.)

SCLIAR - Minha motivação para escrever a trilogia judaica - fora o fato de que é difícil para um escritor escapar da trilogia - teve vários componentes. Um, o componente pessoal. Tive uma experiência judaica muito rica e uma grande quantidade de demônios judaicos para exorcizar. Dois: de repente me dei conta de que todo esse material era o material de uma literatura possível. Li bastante os judeus americanos, Malamud, Bellow, Roth... Três: a viagem que fiz a Israel. Foi coisa que me marcou bastante. Marcou até demais. Hoje, acho que a segunda parte de "A Guerra no Bom Fim" não teve tempo suficiente para sedimentar-se, isto é, os elementos de reportagem ainda estavam muito frescos, muito óbvios, para serem aproveitados literariamente.

As duas novelas seguintes da trilogia, portanto, foram muito mais trabalhadas. Em "O Exército de Um Homem Só" eu reduzi ao máximo o elemento anedótico; enquanto que, em "Os Deuses de Raquel", cortei muito o texto original, só deixando o essencial, o mais enxuto.

(O término da temática judaica.)

SCLIAR - Não posso assegurar o futuro, é claro. Mas de momento eu encerrei essa fase. Creio que já escrevi o que tinha que escrever. Na literatura brasileira, só posso assinalar os "Contos do Imigrante", de Samuel Rawett, sobre o mesmo tema, uma obra bastante importante. Li outros livros afins, mas mais nenhum que prestasse. Superei essa temática, porque, de uma certa forma, a coletividade judaica foi rica de experiência no período que se seguiu à imigração, com sua espiritualidade intensa, sua pobreza, seu sentido comunitário. À medida que os judeus brasileiros subiram na vida, perderam suas características culturais, equiparando-se à burguesia brasileira em geral.

(Literatura e crise.)

SCLIAR - Já disseram que a matéria-prima da literatura é a crise. Quando os problemas imediatos da sobrevivência humana são resolvidos, a literatura entra numa fase crepuscular, inexpressiva, até que volte a ser referir a problemas existenciais da condição humana, o que ainda não é o caso da literatura latino-americana. Quanto à literatura escapista, a verdade é que serve de compensação para o dia-a-dia do homem médio. Se seu dia tiver sido massacrante, ele vai procurar o romance policial. Se no decorrer de sua jornada de trabalho, ele se sentir emocionalmente esterilizado, é certo que vai procurar o primeiro cinema com uma pornochanchada. Se sentir tédio, uma telenovela cheia de intrigas será sua opção recreativa. O problema com a literatura escapista está em seu final feliz. É uma mistificação do leitor e do espectador, porque a vida continua após a palavra "fim".

(O novo livro.)

SCLIAR - *Dr. Miragem*, minha última novela, como já disse, retoma a temática de "Memórias de Médico em Formação". Dentro de uma perspectiva bem mais ampla. Não abandonei completamente a linha do fantástico, apenas me dei conta de que o fantástico principal está na realidade que se vive. E a realidade do médico é essencialmente fragmentária - não falo de médicos em casos extremos, como o Dr. Nutels, que se integrou na realidade social do indígena, ou do Dr. Pitanguy, que se circunscreve aos meios elegantes. Falo do médico comum, que trabalha na Santa Casa de Misericórdia ou no INPS. Ele vê a realidade brasileira como se, dentro de uma mansão, visse uma face escaveirada espiar por um momento numa janela. E não só com o médico acontece isso, com qualquer outro profissional liberal.

(A crônica. Scliar há mais de um ano, escreve uma crônica semanal para o jornal "Zero Hora".)

SCLIAR - Fui deixando aos poucos a crônica, que é o comentario da realidade, para escrever contos sobre coisas atuais. Acho que a crônica como veículo de opinião é da maior importância, em vista de sua repercussão. Mas, por outro lado, tendo uma formação técnica, sei como é difícil dar um palpite sobre outro assunto técnico que não conheço (seja trânsito, abastecimento, ou coisa parecida). Não me sinto à vontade nessa área. Por outro lado, os fatos mais chocantes do noticiário cotidiano - como a execuçãodos patriotas bascos na Espanha - bastam-se por si, não precisam de comentários. Essa execução, só sua notícia, já é um negócio obsceno. O jornal é uma coisa transitória, fugaz, mas atinge um público enorme, que nem sempre chega ao livro. Por isso acho importante esse trabalho que venho fazendo.

(Os problemas do livro.)

SCLIAR - Escrever é uma ocupação eminentemente individual e artesanal. Porém o livro é um produto industrial. Daí serem tão complicadas as relações entre editor e escritor. O que é cruel é o mercado, cruel e implacável. Temos que dar graças a Deus que nossos editores ainda editem brasileiros, que lhes saem mais caros que os best-sellers estrangeiros. Por outro lado, acho certo que os escritores se reúnam para defender seus interesses.

(Quanto a uma proteção estatal.)

SCLIAR - O Instituto Nacional de Cinema tem sua ação completada pela Embrafilmes, se não não funcionaria. Mesmo assim, quais os filmes brasileiros que têm sido produzidos ultimamente? Qual seu valor na filmografia nacional? Com relação a uma atuação semelhante por parte do Instituto Nacional do Livro, acho necessária mas não suficiente. Se houvesse uma porcentagem obrigatória de edição de nacionais, provavelmente não seriam traduzidos os melhores estrangeiros, tudo dentro da perspectiva da rentabilidade imediata. Mais importante me parece o problema do ensino. A escola é essencial num país, para promover a cultura nacional. Seja como for, com todos seus defeitos e carências, a rede escolar está aí, e estão aí os professores de literatura. O problema é prepará-los para motivar a juventude e mostrar a literatura como atividade atraente e lúdica. Se o cara é obrigado a estudar literatura apenas para passar no exame, aí é que ele vai abandonar o livro.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

TREM FANTASMA

Moacyr Scliar

Afinal se confirmou: era leucemia mesmo, a doença de Matias, e a mãe dele mandou me chamar. Chorando, disse-me que o maior desejo de Matias sempre fora passear de Trem Fantasma; ela queria satisfazê-lo agora, e contava comigo. Matias tinha nove anos. Eu, dez. Cocei a cabeça.

Não se poderia levá-lo ao parque onde funcionava o Trem Fantasma. Teríamos de fazer uma improvisação na própria casa, um antigo palacete nos Moinhos de Vento, de móveis escuros e cortinas de veludo cor de vinho. A mãe de Matias deu-me dinheiro; fui ao parque e andei de Trem Fantasma. Várias vezes. E escrevi tudo num papel, tal como escrevo agora. Fiz também um esquema. De posse destes dados organizamos o Trem Fantasma.

A sessão teve lugar a três de julho de 1956, às vinte e uma horas. O minuano assobiava entre a árvores, mas a casa estava silenciosa. Acordamos o Matias. Tremia de frio. A mãe o envolveu em cobertores. Com todo o cuidado colocamo-lo num carrinho de bebê. Cabia bem, tão mirrado estava. Levei-o até o vestíbulo da entrada e ali ficamos, sobre o piso de mármore, à espera.

As luzes se apagaram. Era o sinal. Empurrando o carrinho, precipitei-me a toda a velocidade pelo longo corredor. A porta do salão se abriu; entrei por ela. Ali estava a *mãe* de Matias, disfarçada de *bruxa* (grossa maquilagem vermelha. Olhos pintados, arregalados. Vestes negras. Sobre o ombro, uma coruja empalhada. Invocava deuseus malignos).

Deis duas voltas pelo salão, perseguido pela mulher. Matias gritava de susto e de prazer. Voltei ao corredor.

Outra porta se abriu — a do banheiro, um velho banheiro com vasos de samambaia e torneiras de bronze polido. Suspenso do chuveiro estava o *pai* de Matias, enforcado: língua de fora, rosto arroxeado. Saindo dali entrei num quarto de dormir onde estava o *irmão* de Matias, como *esqueleto* (sobre o tórax magro, costelas pintadas com tintas fosforescentes; nas mãos, uma corrente enferrujada). Já o gabinete nos relevou as *duas irmãs* de Matias, *apunhaladas* (facas enterradas nos peitos; rosto lambuzados de sangue de galinha. Uma estertorava).

Assim era o Trem Fantasma, em 1956.

Matias estava exausto. O irmão tirou-o do carrinho, e, com todo o cuidado, colocou-o na cama.

Os pais choravam baixinho. A mãe quis me dar dinheiro. Não aceitei. Corri para casa.

Matias morreu algumas semanas depois. Não me lembro de ter andado de Trem Fantasma desde então.

REGISTRO

1 - O grande número de cartas que recebemos diariamente, quase todas acompanhadas de contos e poesias, prova que é intensa a atividade literária no Brasil. Na medida de nossas limitações, destinaremos o maior espaço possível à publicação desses trabalhos. Por isso, não devolvemos originais.

2 - Poucos autores aceitaram o desafio do conto-notícia. O mesmo está ocorrendo com o conto infantil. Qual é o problema?

3 - As colaborações devem ser datilografadas, obedecendo aos seguintes limites: contos, 250 linhas; poemas, 100.

TRABALHOS RECEBIDOS

Contos

Álvaro Meira: *"A Ilha Perdida", "Na Serra";*
Vera Lúcia F. Figueiredo: *"Contrato de Risco";*
Salomão Rovedo: *"A Última Vez que Vi o Verde";*
Sérgio Machado: *"Saturno Publicações";*
Cláudio Feldman: *"Carta Trazida no Biquinho da Moribunda Pomba da Paz", "Na Guerra", "Os Responsáveis";*
Vivina de Assis Vianna: *"Conversa de Ninar", "Viagem";*
Marcelo Cavalcanti: *"Isso É que É Vida! Mulheres..."*
Gustavo Barcellos: *"Elza ou o Tango Tropical", "Falso Sonho";*
Dominga Jamardo: *"O Homem Presente";*
Nagib Jorge Neto: *"Roda de Imagens", "Guerreiros e Donzelas";*
Elias Fajardo da Fonseca: *"O Garoto Índio";*
Tânia Jamardo Faillace: *"A Boneca no Poço", "O Especialista", "Três, Quatro, Feijão no Prato";*
Mário Jorge Lescano: *"Amanhã São Peron", "O Tronco", "Dizer que Sim", Final", "Ele Tem que Morrer", "O Espião".*

Poemas

Ítalo Moriconi Júnior: *"Entre Morro e Mar", "Noite Paulistana", "Telex de Brasília", "O Exército Macabro do Poder";*
Édson Costa e Silva: *"A Pomba Cinza", "A Escada", "Suor do Céu", "A Romaria";*
Adão Ventura: *"Para Ciência das Partes";*
Álvaro Meira: *"Procissão na Bahia";*
Luiza Martins Netto: *"Tristeza Maior", "Chorar", "Serenidade";*
Alexandre Eulálio: *"LT a Murilo Mendes";*
Cláudio Feldman: *"O Esquivo Silêncio".*

Livros

Bismael B. Moraes: *"Ipiranga do Sol e da Lua", crônicas;*
Nagib Jorge Neto: *"O Presidente de Esporas", contos;*
Assis Brasil: *"História Crítica da Literatura Brasileira";*
Antônio César Bergantini, Jary Mércio e João Fernandes de Barros: *"Presente", poemas;*
Carlos A. de Sá: *"Canto Tentado", poemas;*
Raul Miranda: *"Canto Mudo", poemas;*
João Domingues Maia: *"Mesa Posta", poemas;*
Adão Ventura: *"A Musculatura do Arco do Triunfo", poemas;*
Cláudio Feldman: *"Ciranda de Mitos", "Caixões Eldorado", poemas.*
Plínio Rigon: *"Cor-poema", poemas.*

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

DUPRÉ, A MULHER QUE MAIS VENDE LIVRO NO BRASIL

"Nunca planejei ser escritora, pelo menos até sete anos de casada. Minha carreira começou quase por acaso: tive que ir uma vez com minha mãe visitar umas moças de Minas que estavam em São Paulo. Fui de má vontade, imagine só, por obediência. E essas moças acabaram por inspirar meu primeiro conto. Sua vidinha no interior mineiro era ao mesmo tempo triste e bonita: elas não se casaram e costuravam para fora, seu sonho era juntar dinheiro para conhecer São Paulo. Cheguei em casa empolgada com a história e escrevi um conto só para ver no que dava. Era a história delas, e se chamou **Meninas Tristes**. Perguntei ao meu marido: Que fazemos com isso? E ele levou o conto para o Guilherme de Almeida. De vergonha assinei Mary Joseph, ao invés de Maria José, e sem sobrenome. Passaram-se uns dias e telefonei para o Guilherme. Ele disse que gostou, mas que a publicação não era com ele. Desanimei. Quinze dias depois, o Suplemento do "Estado" anunciou que o conto "Meninas Tristes" sairia no próximo número. E saiu mesmo, com ilustrações e tudo. "Mamãe, acho que sei escrever!" comentei com minha mãe. E disse a meu marido que agora partiria para um romance".

Seu primeiro livro, publicado em 1941, foi o **Romance de Teresa Bernard.** Assinado: Sra. Leandro Dupré.

"A primeira edição tinha três mil exemplares, e meu marido teve que pagar todas as despesas. Mas a edição se esgotou, fizeram mais cinco mil. "Dessa vez o senhor não paga nada", disseram. E o livro não parou mais de vender e de ser reeditado até hoje. Depois desse veio **Éramos Seis, Luz e Sombra**. Escrevi dez livros para adultos e outro tanto para crianças".

"Sempre busquei assunto em fatos e pessoas que conheci. "Éramos Seis", por exemplo, não é a vida de ninguém especificamente. Mas a personagem, dona Lola, é uma quituteira como muitas que conheço. São senhoras que perdem seus maridos, ficam sem fortuna da noite para o dia e com filhos para educar. Como elas não se prepararam para exercer nenhuma profissão, começam a trabalhar fazendo doces e salgados para festas de amigos, da sociedade. O Brasil é o único país onde sei que existem essas quituteiras. Algumas chegam a ficar ricas."

Entre um e outro romances, a Sra. Leandro Dupré escreveu dez livros para crianças. Ela não acha difícil conciliar as duas coisas: escreve um livro infantil assim que "esquece o último romance". Como sempre, o estímulo inicial vem da família:

"Comecei a pedido de um sobrinho. Por que a senhora não faz livros para nós também"? ele perguntou. Escrevi então **As Aventuras de Vera, Lúcia, Pingo e Pipoca**, inspirada em duas sobrinhas. As crianças gostaram, pediram mais e eu continuei. Para agradá-las, o ideal são temas de aventura - criança adora aventura. **A Ilha Perdida**, por exemplo, agradou demais. Eu estava voltando de viagem no avião de um amigo e passamos sobre uma ilhazinha no meio do rio Paraíba. Achei o cenário bom para uma aventura e imaginei logo a história toda. Criança também gosta muito de ler história de bichos. Muitos dos meus livros infantis são sobre o Cachorrinho Samba, que aliás era um fox inteligentíssimo que eu tinha."

"Em tudo isso, meu marido me ajudava demais. Ele foi um colaborador e um amigo. Nós não tivemos filhos e eu nunca trabalhei fora de casa, escrever era minha ocupação. Ele arrumou uma mesa para mim no escritório, me deu uma máquina de escrever e ali eu ficava horas. Uma vez conheci uma senhora que escrevia muito, mas o marido não a deixava publicar nada. Ela tinha que escrever para si mesma, coitada. Não posso entender uma coisa dessas."

Os adultos em sua opinião, preferem os fatos da vida comum escritos de maneira a tocar seus sentimentos.

"Outro dia li um artigo falando desses santos anônimos que estão tão perto de nós. As pessoas com defeitos físicos, os idiotas, os pobres que não têm como pagar suas contas, os fracos. Padecem de males sem cura e vivem anos ao lado dos fortes, dos poderosos. São pessoas comuns, mas têm algo de santos e de heróis lutando sem ter com quem contar. Meus livros falam dessa gente."

"Mas quando escrevo, não tenho objetivos morais; não pretendo dar lições ou conselhos a ninguém. Não é que eu ache que está tudo certo! Hoje em dia, a educação é o que eu considero o mais errado no mundo. Não sei dizer por quê, mas há muita criança mal educada. Eu nunca dizia não a minha mãe, obediência era uma coisa muito importante. Hoje em dia criança nenhuma obedece. Mas eu não me intrometo... não sei quais vão ser os resultados dessa educação liberal, só no futuro é que saberemos. Acho que educação é o principal, fora isso não teria nada a criticar no mundo de hoje."

Para Maria José Dupré, a literatura deve:

"Dar conhecimentos, ensinar coisas, isso é imprescindível. Mas também ajudar a passar o tempo. Às vezes a gente está desanimada, pega um livro e já melhora."

Ela não acompanha muito o que se faz hoje em dia. Já ouviu falar ou talvez tenha lido alguma coisa de Borges. Cortázar não conhece ("mas pelo que você está me contando não apreciaria"). Brasileiros, Veríssimo, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, e já gostou muito de José Lins do Rego.

"Meu irmão mais velho era um literato, era ele quem me indicava o que ler. Li os russos, os franceses, os espanhóis - Vicente Blasco Ibañez, por exemplo, ninguém conhece, não sei por quê. Também li muito aquele português, como é que se chama mesmo? (Eça de Queirós). Mas não acho que algum deles tenha me influenciado, pelo menos diretamente".

De cinema gosta também, viu "O Último Tango" na Europa.

"Uma indecência. Fui só por curiosidade, porque acho que devo assistir de tudo. Estava sozinha e tive que me sentar entre dois rapazes porque não tinha outro lugar, mas eles foram formidáveis, muito educados. Não fizeram nenhum comentário desagradável."

"Viajo muito. Fui umas quatro ou cinco vezes à Europa e aos Estados Unidos com meu marido, fizemos muitos amigos fora. Quando fiquei viúva, há 15 anos, fui passar uns tempos com uma amiga na Espanha para me recuperar - e veja como está a Espanha agora! Íamos muitas vezes de carro até a França comprar chocolate e queijo franceses, que são muito melhores que os espanhóis."

A escritora, hoje, tem tudo para se sentir emancipada, mas não se preocupa muito com a libertação feminina:

"Emancipada, quer dizer, livre? Eu sempre fui livre, mas me dava muito bem com meu marido, fomos um exemplo de casal. Não acompanho o movimento feminista, diria que sou um pouco diferente. Mas não sou contra, acho que cada um tem direito de fazer o que quer. Mulheres oprimidas? Não conheço, até estranho que existam casos assim. Minhas amigas são viúvas mas todas viveram bem com os maridos e são ao mesmo tempo independentes - viajam muito, vão à Europa e freqüentam a sociedade. Eu também freqüento esse meio, e gosto. Talvez porque sou escritora ou porque meu marido ganhou muito dinheiro, o fato é que sou sempre convidada para acontecimentos em altas rodas."

"Tenho tido vontade de escrever outro livro, mas está me faltando assunto. Quem sabe uma viagem me ajude a encontrar um tema."

No entanto em sua literatura há muitos temas que ela não costuma abordar:

"Não falo de homens porque sou mulher. A Casa do Ódio é meu único romance sobre a vida de um homem. Eles lá que escrevam sobre eles. Dos jovens também não aproveito nada porque eles ainda viveram pouco, não dão material para um romance. Escrevo mais sobre mulheres, a vida de família, terrenos que conheço melhor. Também nunca abordei sexo em meus livros. Hoje só se fala nisso, não vejo vantagem. Às vezes bem que me dava vontade de falar da vida sexual de minhas personagens, mas depois pensava: "Não, para quê? Vai tão bem sem isso! Tenho um nome limpo, falar de sexo pode mudar o que consegui, estragar minha fama sem necessidade."

Maria Rita Kehl

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

DO INSIGNE ANTÔNIO CÂNDIDO AO INTERESSADO ASSIS BRASIL

Mário Chamie

Do insigne

Sou o lançador da vanguarda nova brasileira. A vanguarda que se chama *Instauração Praxis*, nem sempre aceita por ciosos professores e amadores de crítica. Sou um dos responsáveis pela transformação da linguagem poética (poemas ou derivados como letras de música popular) que, hoje, se pratica entre nós.

Tudo o que, portanto, direta ou indiretamente, diz respeito a Praxis e, em termos gerais, a problemas das vanguardas brasileiras, me interessa de perto.

Nesse interesse costumo me situar sem rodeios diante de quem emite juízos, e conhecer suas qualificações. Situando-me e situando os "interlocutores", fico à vontade para não me deixar levar por nenhuma forma de temor reverencial ou de menosprezo presunçoso.

Um bom começo, assim, dessas minhas anotações será esclarecer que as faço porque, nesta revista, deparei com dois autores opinando sobre vanguarda: Antônio Cândido e Assis Brasil. Ambos com pontos de vista que nos obrigam a pensar na autoridade de cada um para emiti-los. Na verdade, não há ponto de vista dissociado de posição e não há autoridade intelectual que se faça respeitar apenas pela imagem de prestígio construída. Até pelo contrário, é muito importante procurar saber não só a real validade dessa imagem bem como o uso a que o seu portador a destina.

Começo, pois, com Antônio Cândido, o primeiro autor que, nesta revista, deu prosseguimento às suas opiniões sobre vanguarda brasileiro. Digo: *deu prosseguimento*, já que antes, nas publicações *América Latina en su Literatura*, *Banas* (n. 1.109) e *Veja* (n. 371), escorado no seu habitual brilho, discorreu a respeito.

O professor Cândido dispensa apresentação: é ensaísta perspicaz, dotado de sutilezas previsíveis; é autor de livros indispensáveis e as suas paráfrases críticas, de há muito decodificadas, são de grande utilidade para estudantes; é, justamente, amado e venerado por alunos inscritos nos seus cursos e por não-alunos não-inscritos como Carlos Drummond de Andrade; é coroado de láureas, auras e teses, orientando e formando pesquisadores que, na maioria, insistem em recusar ou ignorar a atualidade de propostas novas em nossa literatura; tem a seu crédito o ter elogiado, na década de 40, o livro *Memórias Sentimentais de João Miramar*, e a seu descrédito não ter entendido, na mesma época, *Serafim Ponte Grande*.

Parece-me que Antônio Cândido padece desta duplicidade: ele recusa a atualidade de propostas novas, supondo uma forma de aceitação. Mistura isso a uma simpática misantropia de consciência sócio-humanitária, em nome da qual, cheio de boa-fé, dá largas, para quem quiser ver, a um conservadorismo empenhado em desacreditar o esforço e as conquistas revolucionárias de uma vanguarda poética.

Com a responsabilidade do seu nome, infelizmente, essa duplicidade tem lances e características conhecidos. Essas características podem ser lastreadas no que escreve, no que diz e, em particular, no que omite.

Acompanhemos alguns dos seus pronunciamentos:

1. No volume *América Latina en su Literatura*, Cândido comparece com o ensaio "Literatura y subdesarollo". Acena com um ponto de vista original que seria o de que o verdadeiro eixo crítico de nossa literatura estaria no conflito desenvolvimento/subdesenvolvimento. Para tanto, se serve de uma visada de Mário Vieira de Mello, em torno da qual anota: "As consequências que Mário Vieira de Mello extrai dessa distinção não me parecem certas; mas considerada em si mesma ela é justa e ajuda a compreender certos aspectos fundamentais da criação literária na América Latina".

Aí está: negando (como, aliás, devem ser negadas) as implicações do pensamento de Vieira de Mello, Cândido se apresenta como o ensaísta que conduz para o caminho certo a aplicação da relação existente entre subdesenvolvimento e literatura. E assume a atitude de quem põe os pingos nos *ii*. Acontece que os pingos já tinham sido postos antes de Vieira de Mello (cujo livro *Desenvolvimento e Cultura* é de 1963) e do ilustre professor. Falando das conseqüências daquela relação, e embatucado com a cantilena de que vanguarda no Brasil é Concretismo, Antônio Cândido não quer saber nem desconfiar de que a dicotomia subsdesenvolvimento/literatura foi colocada em questão, de modo pioneiro no Brasil, pela *Instauração Praxis*. E, ao ser colocada por Praxis, foi analisada e dimensionada nas suas implicações em termos de uma produção de uma vanguarda nova, fundada num pensamento dialético e transformador, que o professor despreza com a serenidade própria de um Delfim de cátedra. A propósito, remetemos o leitor, entre outros, aos nossos ensaios "Manifesto, Praxis e Ideologia" (publicado em junho/62) e "Literatura-Praxis" (com o subtítulo "Por uma consciência de leitura", publicado em julho/62.) Nesses dois ensaios, sustentamos que até o Modernismo o eixo crítico de nossa literatura se fixava no conflito metrópole/colônia, fixando-se depois no conflito desenvolvimento/subdesenvolvimento. Esses trabalhos e os seus desdobramentos se encontram nos dois volumes de meu livro *Instauração Praxis*.

Sem nenhuma preocupação de precedência, aponto o fato por uma simples razão: Cândido, que fecha os olhos à vanguarda nova, manipula os argumentos desta, insinuando conclusões a que esta mesma vanguarda já chegara antes.

2. Outro pronunciamento se acha na revista *Banas* (reproduzido, em parte, na revista *Veja*). Aí, em tom de alerta previdente, o insigne mestre avança vários sinais, de marcha à ré. Com perdão do paradoxo meio atrevido, trata-se de um peculiar avanço para trás, eivado de julgamentos que têm na penumbra, na reticência e nos etcéteras seus dóceis aliados. Ressalvando a minha total concordância com tudo o que Cândido afirma sobre a prepotência e a censura reinante (estou, há sete anos, impedido de publicar a revista *Praxis*), não posso deixar, também, de ressaltar o seu contraditório patrocínio de uma visão deformada e passadista que nutre em torno do sentido transformador da produ-

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ção de uma vanguarda nova brasileira. E esse patrocínio, ele o pratica dividido entre a aparência da opinião original e o equívoco promocional de moda. Atado a essa divisão, Cândido - lamento dizer - acaba oferecendo o mais iniludível exemplo do "kitsch" crítico de que, no momento, tenho notícia. O "kitsch" decorre disso: o nosso professor serve-se, para uso próprio e facilitado, de postulações e constatações que pertencem a fontes, que ele quer ignorar, mas que conferem a estas constatações e postulações significado próprio e definido.

Vejamos como a coisa se dá. De saída, nos informa, sob um ar de novidade, o seguinte: "Vivemos hoje uma crise de gêneros. Hoje estamos convencidos de que não há mais gêneros literários bem definidos, como eram antigamente o romance, o conto, a poesia lírica, a poesia épica, a fábula, etc. Não havendo mais gêneros literários, fica um pouco difícil, para os escritores, encontrar enquadramento, porque, apesar de se rebelarem contra as normas, estas são no fundo muito confortáveis. Quando está amarrado a elas, o escritor sabe o que fazer, mas a coisa muda de figura quando ele vive a aventura fascinante de estar entregue à sua própria liberdade, o que acontece desde o Modernismo. Hoje, um escritor, sendo responsável pela sua liberdade, deve em grande parte formular as normas, e com isso encontra sérias dificuldades no caminho. Daí o fato de estarmos vivendo um período de experimentação permanente. E dentro dela o setor mais avançado foi o poético — através das realizações do grupo concretista e outros grupos, paralelos ou dissidentes. (...) Tudo isso tem uma riqueza muito grande, e requer mais consciência teórica do que as fases precedentes, mas, ao mesmo tempo, não parece pretender chegar ao nível das grandes realizações".

Não há nenhuma novidade na informação. Num ensaio de 1965 (1), fixando a dissolução dos gêneros literários escrevíamos: "É na prática dessa dinâmica (relação entre linguagem e informação acima dos gêneros) que o ato de escrever encontra possibilidade de escoimar-se de rescaldos técnicos e expressivos do *gênero* e adquirir o seu processamento atual de eficácia e validade. Não se trata aqui de escrever romance, mas de produzir a ficção em que a praxis do autor é a convergência da praxis dos leitores, dos eventos humanos e sociais que constituem e mobilizam os projetos de transformação". Desde o seu lançamento, a vanguarda nova vem sustentando, teorizando e realizando na prática, com excepcionais resultados, um discurso (veja-se o *textor*) fora das classificações retóricas da literatura literária.

Mas, na constatação de Cândido há dois objetivos claros, a saber: 1) o de mostrar que a dissolução dos gêneros, levada a cabo pela vanguarda, pôs os vanguardistas numa situação de liberdade e não de "enquadramento", que os impossibilitaria de criar, segundo o professor, "obras-primas"; 2) o de alardear a incompatibilidade entre experimentação e obra acabada.

Quanto ao primeiro objetivo, o passadismo de Antônio Cândido está em que "enquadramento", na verdade, é um eufemismo de retorno ao gênero, mesmo disfarçado em sua fachada. Não ocorre a Cândido que a dissolução do gêneros está na razão direta de uma *escrita* articulada e coerente, sem compromissos formais prévios e unidimensionais. E ainda: associando - como associa em outro momento de sua entrevista - obra-prima com enquadramento, não lhe ocorre que o próprio conceito preconceituoso de obra-prima não se desvincula de uma convenção paralisante. O professor sobrepõe essa convenção à eficácia detonadora de um texto que, exatamente por ser fruto da "liberdade" e não do "enquadramento", tenha força e poder de transgredir, transformar e gerar novas condições de comunicabilidade. Exemplo no passado: *Serafim Ponte Grande*. É certo que hoje, estando o livro de Oswald historicamente consagrado, Antônio Cândido não tem dúvidas em considerá-lo uma obra-prima. E é certo, também, que essa consideração revela uma atitude "kitsch" caracterizada pela compreensão a meio-termo do significado dos conceitos e denominações.

Quanto ao segundo objetivo, patenteia-se a incompreensão acadêmica do nosso crítico em relação ao fato de que qualquer obra de nível realizada é, em si mesma, experimentação. Não existe, no plano da produção de uma escrita literária, dois momentos distintos e estanques: um correspondente à fase de experiência e outro à fase de acabamento. *Macunaíma* é a experiência finalizada e a finalização da experiência, ao mesmo tempo. O movimento modernista não ficou esperando, na pessoa de Mário de Andrade, vinte anos de experimentação para produzi-lo. Nem *Memórias Sentimentais de João Miramar* marcou compasso de espera entre experimentação e ato de escrever. Em pleno fervilhar do movimento de 22, ou seja, em 1924, o livro foi publicado. Não tem fundamento, pois, identificar "grandes realizações" com "obra-prima" e "consciência teórica" com "período de experimentação permanente". E muito menos fundamento terá a afirmação eventual de que os *Macunaíma* e *João Miramar* de hoje, em termos de vanguarda nova, não estão escritos. É que a escrita agora é outra. Não é esse ou aquele livro (embora também o seja), mas um projeto e uma praxis atual e atuante de linguagem o que importa. Não fosse essa linguagem, nem mesmo Antônio Cândido teria elementos para destacar o que lhe parece realizado daquilo que não teria vencido as barreiras de experimentação.

A incompreensão acadêmica seria irrelevante se não viesse do ilustre ensaísta e se não tivesse as conseqüências que tem. E as conseqüências imediatas são estas: favorece opiniões superficiais de moda e estimula uma campanha reticente de descrédito. No plano da opinião superficial, cito a menção de Cândido ao Tropicalismo, à música popular de Chico, de Caetano e à cultura de massa. No plano do descrédito injusto, cito a técnica do etcétera subreptício que adota ao referir-se a grupos de vanguarda.

Sobre o tropicalismo escreve: "uma afirmação de inconformismo e irreverência, mas também de explosão criativa"; "uma espécie de retomada de certas tendências modernistas de cunho antropofágico. Trata-se de um movimento bem adequado ao tempo, exprimindo uma espécie de estouro devorador". Ao falar em "afirmação de inconformismo", em "retomada de tendências" e em "movimento adequado ao tempo", passa uma borracha nas verdadeiras causas e condições de que o Tropicalismo (mais digestivo do que devorador) é um simples reflexo de segundo grau, beneficiário, e a nível de música popular. Tanto é assim que, no período indicado por Cândido (1964 a 1968), é quando a vanguarda nova consolida, a partir do lançamento feito em 1962, um levantamento inconformista e revolucionário da realidade brasileira: levantamento traduzido na instauração de um processo dialético dessa realidade, envolvendo o cotidiano urbano, a situação do homem do campo, o descompasso entre indústria e consciência social, a tradição literária acumulada e neutra, a manipulação viva da palavra e de um discurso capazes de localizar e acionar as contradições de um contexto e de uma "geléia" geral. Sem essa vanguarda, seria inconcebível não só a encenação (baseada na interpretação pan-sexualista proposta e discutida por praxis com José Celso) do *Rei da Vela*, como também as letras de músicas populares posteriormente à la *Tropicália*, *Mamãe Coragem* ou *Alfômega*. São letras em que a palavra é usada numa relação de energia e não como *coisa* e *objeto*, conforme a cartilha superada da vanguarda velha. Se o atilado professor se preocupa com "movimento adequado ao tempo", deve investigar o que acontece no tempo adequado, inclusive vasculhar a marginalidade e boicote universitário a que se vê relegada uma vanguarda descomprometida com o universo estratificado da literatura literária.

Sobre Chico e Caetano, Cândido esclarece: "Se a produção do grupo concreto e análogos não chega ao público, isso não é devido a algum *defeito* particular, pois muitas das suas produções são virtualmente de grande impacto. Mas devido a um traço geral da poesia moderna - que não atinge e no fundo não procura atingir o público. Por isso, as necessidades poéticas deste são hoje preenchidas pelo conto curto, ou pela canção popular. Em outras palavras, a cota de poesia que o público precisa absorver vem mais através de Chico Buarque, Caetano Veloso e outros, do que pelos poetas propriamente ditos". E continua: "Não creio que se possa incluir Chico Buarque na cultura de massa. Trata-se de cultura *tout court*, isto é, propriamente dita, só que revestindo formas de comunicação que alcançam o público. Em suma, é uma cultura que alcança as massas, sem ser de massa; cultura de massa, eu considero coisa negativa, porque em geral é de má qualidade, e age mais em função da quantidade, o que me parece condenável nesse domínio".

Aqui, os erros de apreciação são vários. Outra vez centralizado no Concretismo, resguarda-se numa generalização inadmissível. Pois, quais seriam os grupos "análogos" ao grupo concreto que "não atinge (n) e no fundo não procura (m) atingir o público?" Como é possível falar de um grupo que, pelo seu bizantinismo intelectualista, tem esse objetivo aristocrático e estender os mesmos objetivos a "outros" que o professor oculta na penumbra do seu descarte e do seu descrédito? Quais seriam esses outros? Já, em algum momento de sua entrevista, tinha tomado esses "outros" por "antagônicos" ou "paralelos". Ora, como pode um projeto ter os mesmos objetivos daquele que é o seu antagônico?

Essas, porém, são questiúnculas que não interessam à auto-suficiência "kitsch". O problema mesmo está em que há muitas formas de se atingir o público e muitos planos de leitura e consumo que arrazoados professorais desconhecem. Nesse sentido, é tolice dizer que a necessidade da poesia do público é preenchida pela música popular e transformar, assim, o compositor popular no verdadeiro poeta da atualidade. Tolice completa: primeiro, porque, sendo hoje o compositor um autor escolarizado e não mais de morro (sem perda, é claro, de suas raízes populares), é ele o leitor natural e intermediário da poesia do seu tempo. É ele já uma parte do público alcançada pela poesia dos nossos dias. Como tal, e lidando com um meio de difusão eletrô-

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

nica (que não é o livro), esses compositores abastecem, a nível de massa, - e sob a direta influência dos recursos, técnicas, soluções, conquistas e nova expressividade da poesia -, o público consumidor mais horizontalizado. Ninguém melhor do que Chico e Caetano para comprovar a escolaridade que os torna leitores intermediários, que reduzem e reproduzem a originalidade da linguagem da vanguarda nova a componentes comuns e incorporados no seu canto. Eles apenas testemunham aquilo que Antônio Cândido não enxerga, ou seja: o poder de atingimento público e de incorporação coletiva, (talvez nunca ocorrido com tal intensidade na literatura brasileira como agora), dos projetos instaurados de transformação da palavra, da fala e da frase. Afinal, não é preciso ser nenhum "expert" em música popular ou literatura para saber que *Pedro Pedreiro* ou *Construção* sejam a praxis de uma dicção e de uma correspondência ambígua e produtora de significados.

Caetano e Chico não substituem ninguém, como o Tropicalismo não é nenhum movimento integrado na perspectiva original de uma vanguarda. São extensões e reflexos de uso, em termos de uma faixa intermediária e coletiva, da palavra dos poetas e das propostas da vanguarda. Estas não são, por isso, experimentações dissociadas de resultados, mas soluções que encorpam dinamizam e dimensionam o seu poder de interferência numa época em que a "medida eletrônica" se põe à disposição.

Se é verdade que o que fazem é cultura - tanto quanto é cultura o folclore, a culinária, a gravura popular ou a literatura de cordel - não é menos verdade que a sua cultura é de massa, pela simples razão de que os veículos que a veiculam são de massa.

Cândido, aqui também, comete um erro de entendimento ao identificar cultura de massa com "má qualidade" e "coisa negativa". O que determina a condição de massa de um produto cultural (música popular ou não) não é a sua qualidade interna específica, mas sim o meio pelo qual é ele divulgado. Shakespeare seria cultura de massa se o seu meio de divulgação normal e frequente fosse a televisão, cujo auditório é um conjunto heterogêneo de pessoas que, ao mesmo tempo e em lugares diferentes, diariamente estão diante do vídeo. Chico e Caetano são cultura de massa - e de boa qualidade - porque a casa de disco, o rádio, a tv e o "show" são os seus veículos normais. Estivessem eles sendo divulgados através de livros contendo as suas composições, e seriam, talvez, apenas, cultura *tout court* sem alcance *maciço*. E digo *talvez*, já que suas letras desacompanhadas do envolvimento sonoro e rítmico (sem contar a personalização da voz do cantor), correm o risco de não irem além de um espectro sofrível da poesia de vanguarda de onde haurem e bebem.

O professor coroa seus enganos ao confundir "quantidade" com "má qualidade". A boa qualidade da poesia de Manuel Bandeira, cantada pelo ex-conjunto "Secos Molhados", não deixou de ser boa depois que dezenas de milhares de discos foram vendidos, ou depois que milhões de pessoas ouviram a música em "shows", radinhos de pilha, alto-falantes de quermesse e de estádios de futebol.

A posição, portanto, de descrédito em relação à poesia de vanguarda e, em particular, da vanguarda nova (que Cândido omite sistematicamente), é um fato que não se ameniza nem com a sua tática dos panos quentes. Não adianta o ilustre professor pensar que Caetano e Chico suprem a "cota de poesia" do grande público e, em estranha compensação, subestimar, nas suas linhas cheias de entrelinhas, a mesma cota que o poeta Cassiano Ricardo, no mesmo grau de leitor intermediário, conseguiu suprir. Essas compensações não funcionam e levam a estimativas interessadas e destorcidas como a que pretende eleger Murilo Mendes grande poeta, esquecendo, que, precisamente, Murilo é um adaptador plástico, versátil e epigonal das últimas vanguardas.

3. O terceiro pronunciamento de Antônio Cândido foi publicado no número anterior desta revista. Interessa-me, agora, um simples confronto. Seguindo a linha geral das observações acima, reproduzo algumas passagens do professor. Por exemplo, explicando a sua afirmação de que estamos "condenados à vanguarda", adianta: "No momento em que vivemos, em todos os países com civilização de tipo ocidental, me parece que isto é um fato, independente de qualquer juízo de valor. A mudança social e técnica é tão acelerada, muda tanto a fisionomia das sociedades, que as formas literárias e artísticas se desgastam rapidamente, requerendo o esforço de refazê-las. Daí uma certa inviabilidade da obra-prima, da obra feita para durar. (...) Nessa espécie de necessidade do nosso tempo, há riscos muito graves, porque a vanguarda não é feita para permanecer, e sim para provocar a mudança e dar lugar a uma fase estável. Mas como na verdade ela só suscita estabilizações fugazes, surge automaticamente e, logo após, uma nova e aflita vanguarda; e a gente fica pensando o que será de uma literatura só movimento, sem as paradas indispensáveis".

De acordo. Mas perguntamos mais uma vez: - a que vanguarda se refere Antônio Cândido? Supomos que à chamada vanguarda velha. Se for, também, à nova, ele comete dupla deformação: de um lado, por não reconhecer que a proposta e a produção de Praxis fixam a permanência na mudança; de outro, por usar conceitos de praxis contra o projeto que os lançou. Quais são estes conceitos? Estes: Praxis não é "movimento" literário, mas "instauração" dinâmica e problemática, exatamente para não incorrer no paralelismo mecânico e imitativo da velocidade das re-novações (não inovações) técnicas e teconológicas. A vanguarda que é "movimento" não muda nada nem prepara nenhuma fase estável. É vítima novidadeira da novidade, e quer ser apenas contemporânea do estágio passageiro que reflete. Não propõe o *novo* que dura, mantendo-se *atual* nas transformações.

As palavras de Antônio Cândido são as nossas, só que as escrevemos antes e para fins opostos aos defendidos, com equívoco, por ele. Transcrevemos sem comentários os nossos textos que valem por princípios de ação criadora: "O sintoma vivo desse paralelismo está nos tipos de rotatividade periódica existente entre as vanguardas literárias e os movimentos de transformação social. As primeiras se fazem (especialmente, depois do romantismo) em curtos e intercalados espaços de tempo; os segundos só se realizam à base de uma sedimentação lenta. As primeiras, sob a inspiração dos seus modelos ideológicos, ensejam um experimentalismo onívoro, uma literatização constante da literatura. Os segundos, motivados pela necessidade de superar anacronismos, radicalizam (veja-se o exemplo da primeira revolução industrial) as condições de mudança da consciência individual e coletiva por via do chamamento à *praxis* dos valores revolucionários. Se existe a possibilidade de, em dado país, ocorrer, num período de dez anos, três ou quatro "revoluções" estéticas, a possibilidade de revolução de consciência política ocorre num espaço de tempo dez vezes maior. Isto, de passagem, evidenciaria o furor casto e inofensivo do mito lítero-livresco de todo o vanguardismo velho feito à base de uma consciência comunitária de leitura, conforme expusemos em nosso manifesto didático" (2)

Isto posto, dispenso comentários. Mas não dispensaria o bom-humor da ousadia deste conselho a Antônio Cândido: - abandone a postura de primeira-dama da crítica com idéias de segunda mão. Valeria a pena.

Do interessado

Quanto a Assis Brasil, apenas duas coisas.

A primeira é a de que, sendo um crítico modesto e interessado, acerta quando, nesta revista, declara: "Alguns poetas e críticos dissidentes das correntes de vanguarda, e outros não realizados em seus projetos, costumam falar no que seria um "movimento" tropicalista na poesia de hoje no Brasil, destacando-se alguns conhecidos compositores e letristas de música popular. A poesia pós-vanguarda seria, então, o tropicalismo, dizem eles, com Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Carlos Capinam. Trata-se de um grande equívoco. As letras das músicas desses autores, se isoladas, sem a participação harmônica da melodia, transformam-se em poemas velhos, cujos recursos imagínisticos ou lingüísticos a poesia verdadeira no Brasil já explorou há 50 anos."

A segunda é a de que, sendo um modesto crítico, a gente perdoa certa cândida falta de informação. Ele sentencia: "Enquanto os poetas concretistas davam por encerrado o ciclo histórico do verso, em 1962 Mário Chamie lideraria um grupo para restabelecer a validade do verso, ou melhor, do poema em sua carga semântica."

Informemo-lo. Quem propugnou a volta ao verso não foi a Poesia Praxis que instituiu os chamados *signos de conexão*, os quais nada têm a ver com o problema folclórico da literatura, consistente na discussão de verso, não-verso ou reverso.

Quem propugnou a volta ao verso foi a Poesia Concreta, através da tese de Décio Pignatari *A Situação Atual da Poesia no Brasil*, apresentada ao II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado em Assis, em 1961. Nesse Congresso, os concretistas propuseram o "pulo para trás". Na tese, o retrocesso tem esse ar de perplexidade: "A onça vai dar o pulo. Até onde pulará para trás, para o êxito do verso?" Se Assis Brasil quiser saber por que os concretistas resolveram voltar ao verso, é simples: - na época, tinham eles chegado à conclusão de que o poema verbivocovisual era uma manifestação alienada e alienadora diante de um contexto e de uma realidade que reclamava e reclama do escritor uma atitude participante. Um erro, enfim, em cima do outro.

Que Assis Brasil anote isso, e pare com essa conversa de sopro que não faz justiça nem mesmo à sua modéstia.

(1) Ver Instauração Praxis, Ed. Quiron, vol. 2 pág. 128.
(2) Idem, ib., vol. 1, pág. 50.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

DOIS POETAS

CARLOS NEJAR

Cantochão

O aparente chão de meu chamado
é canto
e o chão de sangue é pássaro voando
que ao bico traz
o chão de algum recado
que pão se torna
ou verso ou deus alado.

Assim o mundo
e seu mutante fado.
Fato, vestígio.
Uma larga paixão
que mais me busca
no intento
que no gesto de paixão.

Meu componente e vaticínio,
mundo,
chapéu aberto de chamados fundos,
peito de tempo contraído,
chão de vivos e mortos,
horto absurdo.

Mundo, coberto pelo próprio musgo
que é céu não descoberto.
O chão onde te espreito
é amor de amada e povo.
E a terra, se não vinga,
é porque foi sumida
que a terra por tão pouca
é mundo. E de tocá-la
com mãos ou pés ou sangue,
nos fazemos humanos.
Conscientes da consciência
de saber onde estamos.

Mundo, não te abandono.
O canto me precede.
A ele sigo, cavalo
tão mudo quanto cego.
Apesar do intervalo,
canto,
eu sempre chego.

Ó árvore do mundo,
só o canto me prende
e me despreende.

O poema de Carlos Nejar, gaúcho autor de *Ordenações*, *Canga*|*Jesualdo Monte* e *O Campeador e o Vento*, pertence ao inédito O Sopro da Execução.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

DEPOIS DE TER EXPERIMENTADO TODAS AS FORMAS POÉTICAS, TER-SE ALISTADO NAS VANGUARDAS E DELAS SE DESVIADO (TATICAMENTE), O POETA RECAI FELIZ NO SONETO, FAZENDO NÃO APENAS AQUELES CONCRETOS, MAS UM POEMA ONDE REPENSA DIVERSOS PROBLEMAS AO NÍVEL DO CONTEÚDO NUM TEXTO ESCRITO NUM JORRO SÓ.

A vida por outros já descrita e os sentimentos antes únicos, agora tornados comuns, de todo o mundo, recaio no soneto, forma de silêncio, onde o dizer é não-dizer, que não-dizer é o que (dizer) venho.
Forma melhor de escrever é ler e ler nos outros o que pensamos ser só nosso e é de tantos, há tanto, o que nada de novo existe, **topoi** com que topo eu, lugar comum de tantos tipos comuns que me reescreveram.
Aceitar o não-dizer, dizer-nenhum, abrir mão da fala e do falo, para que o amor flua e nunca falho se retenha numa só parte do corpo avesso a se entregar.
O silêncio da fala do verso, o silêncio difícil da forma alcançada como quem se deposita vivo numa linguagem maior que nos transcende e que nos engana enquanto fala.

(Rio, 1971)

TEORRÉIAS

. Don Miguel de Saavedra y Cervantes, talvez porque perdesse muito tempo prisioneiro no Norte da África até que a rainha o resgatasse por 500 moedas de prata, não pôde estudar estilística com Dámaso Alonso e Helmut Hatzfeld, mas já temia que Borges e Pierre Menard lhe escrevessem o **Don Quijote**.

.Scheherazade, sem que o Rei notasse e acoimada pela irmã, pulou as páginas das **1001 Noites** escritas por Tzetan Todorov sabendo que naquele exato momento ele estava reescrevendo **O Decamerão**.

.Rabelais ainda não pôde ler Starobinski, Skolovsky e os pesquisadores da École de Hautes Études, mas soube de Balzac que ele deixou de lado **A Comédia Humana**, tão interessado anda no **S/Z** de Barthes e nos cursos de semiologia da Sorbonne.

. O cacique Bororo com **O Cru e o Cozido** debaixo dos braços bateu à porta da Alliance Française pedindo que M. Lévi-Strauss lhe ensinasse finalmente a língua de Montaigne.

. Joyce certamente escreveu o **Finnegans Wake**, viveu em Trieste e sabia mil línguas, mas morreu, e isto é grave, sem ter lido o Plano-Piloto da Poesia Concreta.

. Cristo, por exemplo, não foi à missa no último domingo.

. O passado é que precisa de profetas.
O futuro a Deus pertence.

(Rio, 1972)

O poeta, professor e crítico Affonso Romano de Sant'Anna está lançando *Poesia Sobre Poesia*, que inclui o poema aqui reproduzido.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

LOYOLA: O EIXO DE ZERO ESTÁ NAS CASAS DE AUTO-PEÇAS

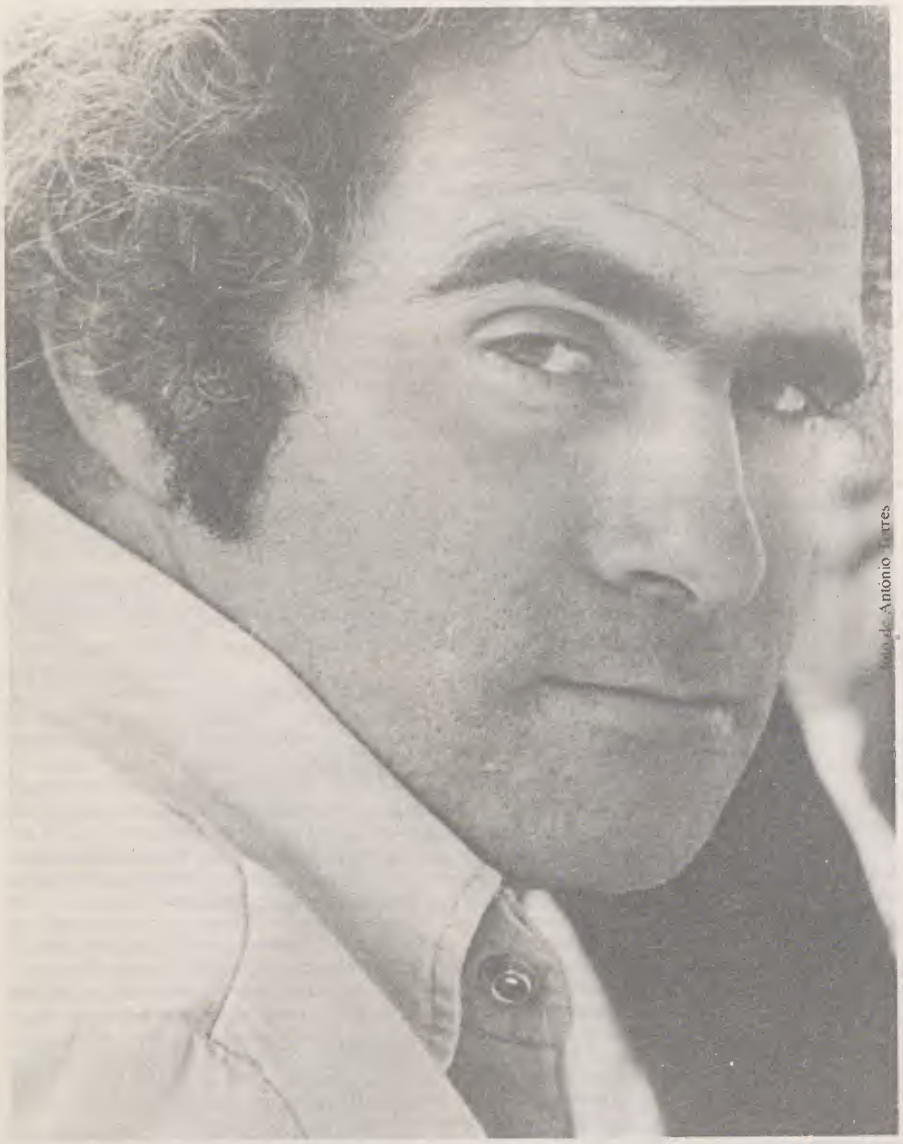


Foto de António Torres

Descobri recentemente, que no Brasil o escritor não deve só escrever. O escritor brasileiro, se quiser realmente atingir o público, precisa se transformar num homem múltiplo. E esta multiplicidade, se por um lado pode ajudá-lo a promover o produto, isto é, o livro, por outro é perigosa, porque ameaça a sua própria carreira de escritor.

As etapas para quem quer escrever um livro são, pela ordem:

1 — Escrever o livro propriamente dito, nos intervalos de uma outra profissão, seja jornalista, publicitário, funcionário público, bancário, comerciário.

2 — Datilografar os originais em dezenas de vias, para que as cópias sejam entregues nas editoras, onde se perdem, ou não são devolvidas. São poucos os escritores brasileiros com possibilidades de pagar os serviços profissionais de um datilógrafa de boa qualidade.

3 — Percorrer as editoras, esperando horas nas ante-salas de fictícios conselhos editoriais. É uma via-sacra de paciência, um jogo de astúcia, uma prova de persistência. O diretor editorial ou não está, ou se encontra em reunião, ou tem visitas, ou está lendo originais de um outro autor. Este outro autor, invariavelmente, é um best-seller estrangeiro.

4 — Entrevista com o diretor editorial. Ou se recebe o original de volta, às vezes fechado do mesmo modo como o entregamos. Ou aberto, mas com uma negativa acompanhando. "É difícil", "intelectual demais", "complicado graficamente", "muito grosso", "falta psicologia às personagens", "não tem estrutura", "carece de mecânica interna", são alguns dos argumentos apresentados. E neste caso, estou apenas me referindo a algumas das justificativas que deram para recusar *Zero* . O repertório é extenso e inclui ainda: "não se encontra dentro dos critérios editoriais desta casa", "a programação já está fechada até o meio do ano que vem", "estamos em recesso, enquanto concluímos um acordo com o MEC, ou com o Instituto Nacional do Livro", etc.

5 — O diretor editorial acha o livro bom e publicável. Indaga primeiro, cautelosamente, de nossas condições financeiras, para saber das possibilidades de um auto-financiamento da obra. Sabendo que não podemos pagar, o editor concorda em publicar, mas temos que esperar. O tempo de espera nunca é determinado. Também, não se faz nenhum contrato. O normal seria o contrato, escrito e assinado. Quando vendi "Zero" para a Itália, assinei um contrato e recebi um adiantamento. Por esse contrato, a editora tinha um ano para publicar o livro. Não publicasse, perdia a opção e o dinheiro. Isto se chama profissionalismo. Falta às editoras brasileiras. Ou seja, seriedade nas relações. O editor nos dá uma promessa de edição, sem prazos definidos. Quer dizer, continuamos na mesma angústia de antes. Às vezes, pior. Porque paramos de procurar editora. O tempo se arrasta e podem se passar meses ou até anos. Tudo pode ser esquecido. E o autor fica na situação do pedinte. Não quer insistir muito para não ficar sendo um chato. Não pode procurar o editor, nem exigir nada, porque a simples promessa de edição já é um grande favor.

6 — Finalmente, passado muito (ou pouco, tempo, o livro sai. Vamos sobrevoar os detalhes gráficos como capas ruins ou erros de revisão. São poucas as editoras que se preocupam com a qualidade editorial, e com o livro bem feito. Por livro bem feito não se entenda edição de luxo, capa dura, ou coisas semelhantes. E sim uma boa apresentação, um tipo de boa leitura, um layout simples e direto e uma composição absolutamente fiel ao original do autor.

7 — O livro pronto, o autor recebe sua quota para os amigos e a imprensa. Ele tem de percorrer reda-

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

ções, rádios e jornais, televisão. Caitituando a obra, como fazem os cantores e compositores. Quanto mais espaço conseguir, melhor. Porque é em função das notícias publicadas que as livrarias começam a fazer suas encomendas. Esta instituição arcaica e obsoleta que são as livrarias, em sua estrutura atual, só perde para a idiotice das editoras. São poucos os livreiros que estão a par dos últimos lançamentos, que sabem exatamente o que vende e o que não vende, que sabem expor o produto e atrair o comprador. E caixeiros de livrarias não sabem mesmo onde os livros estão localizados. Existe uma técnica que autor novo ou desconhecido emprega. Que empreguei e emprego ainda. É sair pelas livrarias, indagando: Já saiu "Zero"? Não, puxa, a televisão tem falado nesse livro. Ainda não chegou a São Paulo? Isto deve ser feito em equipe, por todos os amigos e parentes. Tem efeito apenas local, mas ajuda. As reportagens em jornais e televisão completam o circuito.

8 — O livro está nas livrarias. Dependendo da sorte, bem localizado. O autor torna-se então o fiscal da distribuição. Passa numa loja, vê que não tem mais o livro. Indaga por quê. A distribuidora não entregou. O próprio autor liga para a distribuidora. Esta culpa o livreiro, diz que ele não fez o pedido. O livreiro culpa as distribuidoras de não atenderem pedido por telefone, ou de não mandar o vendedor. Há pouco tempo, passei pela livraria da Editora Abril, na rua Augusta, em São Paulo. Não havia um só exemplar de "Zero". A gerente da loja é minha amiga, trabalhamos juntos certa vez. Perguntei por que não havia o meu livro.

— Não tem, porque não sei quem distribui. Me dá o nome da distribuidora.

— Eu dou. A distribuidora é a Abril.

9 — Com sorte, com boas críticas, com a propaganda oral, o livro conseguiu esgotar uma primeira edição. A tiragem, vocês sabem, é alguma coisa de fantástico: três a cinco mil exemplares. Brasileiro quanto atinge cinco mil exemplares é best-seller. Não se incluem aqui Jorge Amado, Érico Verissimo, José Mauro de Vasconcelos. Mas, esgotada a primeira edição, o normal é sair para uma segunda, é claro. Este é o processo habitual em todos os países. A segunda edição pode vir imediatamente. Mas também pode vir 12 anos depois, como é o caso de João Antônio, ou 20 anos depois, como é o caso de Murilo Rubião. Ou nunca, como é o meu caso, que estou à espera, ainda, de novas edições de meus dois primeiros livros, *Depois do Sol* e *Bebel que a Cidade Comeu*. E o segundo esgotou-se seis meses depois de ter saído, em 1968.

Isto tudo quer dizer: o escritor é autor, promotor, fiscal de distribuição, relações públicas, pedinte. O livro sai, com enorme sacrifícios, e a gente ainda precisa se considerar agradecido ao editor.

Terminei "Zero em 1969. Até 1973, procurei editoras. Tenho três livros publicados, sou jornalista e tenho um razoável acesso aos editores. Mesmo assim, nada. Finalmente, sempre batalhando, faço um contacto na Itália. O livro é aceito, comprado, publicado. Está saindo em segunda edição, agora mesmo. No momento em que o livro foi lançado lá e a notícia saiu aqui, fui procurado, por carta, por nada menos de seis editoras nacionais, querendo lançar aqui. Uma delas, inclusive, tinha recusado, e se esquecido. Só que, então, era preciso comprar os direitos do livro lá na Itália. E a editora Brasília saiu na frente, comprou, editou. Isto comprovou. Eles querem mesmo é estrangeiros, mesmo que esse estrangeiro seja um brasileiro.

Quero só retomar um gancho que lancei no início. Quando disse que a multiplicidade era perigosa, eu me referia ao seguinte: as atividades que o escritor tem de desenvolver para a publicação e após publicação são tão intensas e tomam tanto tempo que esgotam o pouco tempo que ele tem para escrever e que é roubado ao seu trabalho cotidiano e à sua família. Dependendo de quanto demore todo o processo, o escritor pode ficar até um ano ou mais sem escrever. O que é péssimo para o autor, ainda que os editores achem muito bom.

Tenho feito um trabalho interessante, e essencial. Encontros com alunos de faculdades. Alunos de comunicação, ciências e letras e outros. Noto um interesse enorme por coisas que estão acontecendo e uma falta de informação profunda. Recentemente, nas Integradas Alcântara Machado, em São Paulo, durante um debate, uma aluna me disse: "Não sei quase nada de literatura brasileira a não ser Machado de Assis e José de Alencar. Eu não sabia que você (eu, o escritor) existia até agora. Você pode me explicar o porquê?" E para explicar o porquê seria necessário passar em revista todo o panorama cultural brasileiro, estagnado. Mas posso detectar dois fatores: a falta de hábito de leitura e os professores. Aquela aluna era estudante de comunicações e não lia uma única revista, um jornal, não compulsava sequer livros, nem entrava em livrarias. Culpa dela? Em parte sim, em parte culpa do nosso ensino. Os professores de literatura não enfrentam os modernos, os contemporâneos. Convivem apenas com os clássicos, porque já estão mastigados, triturados, de fácil digestão. Porque não enfrentar um João Antônio, um Antônio Torres, um Roberto Drummond, um Murilo Rubião, um Trevisan, um Palmério, um Guimarães Rosa, um Haroldo Bruno, e não sei mais quantos? Por que não analisar a literatura que se faz atualmente em função de um esquema que nos rodeia? Por que não debater literatura e realidade? Os autores inclusive estão aí, prontos a discutir a própria obra com os alunos. Por que não se institui no Brasil o hábito salutar das universidades norte-americanas de terem, de tempos em tempos, um "escritor residente?" Isto é, um autor que permaneça um certo tempo na faculdade, expondo a própria obra e discutindo problemas de criação literária. Quem melhor que um criador pode falar de *criar?*

A crítica é um capítulo à parte. A morta, a inexistente. A grande maioria é mera registradora de livros. Tem coluna para formar biblioteca de graça. Não lê os livros recebidos. quando lê, não entende. "Zero", parece-me, tem deixado alguns críticos perplexos. E eu perplexo com o que leio. Um deles disse que o romance se realizaria melhor fora de forma de livro, como um objeto em espiral. Vou promover um simpósio em torno dessa frase. Admirável. Sintetiza tudo, toda a problemática do ser e não-ser, da criação e não-criação, do romance e anti-romance, como diria o próprio crítico. Outro ficou procurando o eixo do livro. Onde está o eixo? Nas casas de auto-peças, é claro. Onde mais?

E isto resume a situação, o desamparo, o caos cultural em que nos encontramos. Ou, como diz o João Antônio, o miserê cultural.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

URBANA

Wladyr Nader

Wladyr Nader tem três livros publicados: Lições de Pânico *e* Espinha Dorsal, coletâneas de contos, e Camisa-de-Força, romance.

Cada criatura tiene su razón.
García Lorca (Yerma)

Goela seca, mãos trêmulas.

Você fumou demais e o vinho era nacional.

Sair correndo, bater o ponto. No elevador sorriso para o ascensorista. Simpatia para os colegas, são divertidos, estão sempre jogando papelzinhos e elásticos, sorte terem caído na mesma seção.

Nada disso é verdade, você agüenta porque não vê saída, seu gosto era quebrar os dentes da frente desse pigmeu fantasiado à esquerda ou entortar o nariz do ascensorista, feito da mesma massa deprezível.

Os maiorais têm mesas diferentes e cuidam de mantê-las cobertas de processos, folhas soltas e pastas velhas. Um deslize pode custar a posição. Os subordinados — chamam-se realmente assim e tanto uns como outros estão satisfeitos — recebem os documentos separados por assunto. Como o próprio serviço é dividido em setores, nem sempre as tarefas que cabem a cada um se equivalem.

Você queria estar lá em cima, no alto, ter uma mesa tão especial que mesmo os clientes saberiam a importância da sua posição.

Embora divertidos, terão sempre seus cacoetes: aquele ali finge que não ouve, que está fazendo uma coisa dificílima, por exemplo, prender papéis com clips; o *industrial* (sim, tem uma firma fantasma) vive falando mal da empresa, salários injustos, más condições de trabalho e o esforço que se despende em vão por uma irrisória aposentadoria, para contradizer-se em seguida e ressaltar a tranqüilidade que ela dá; a jovem perto do arquivo tem: alergia ou conjuntivite ou dor no pé ou intestino preso ou falta de ar, mas se diz *bem* esportiva; a amiga, cabelos pretos tingidos, sobrancelhas falsas, ainda não dormiu com o noivo e queixa-se de uma incompreensão geral, sem dar nome aos bois; a glória da intimidade com o gerente parece que aquele perdeu: pediu para a mulher ser gentil, sem se atirar em cima do outro, ela falou que viviam na miséria, o marido era sovina e nem para roupa dava dinheiro, o gerente convidou para um chope vespertino. A dois.

Você queria ter uma mulher compreensiva — e hábil — que se entregasse até a languidez, mas não a ponto de despir-se, você seria um sujeito feliz. Pena que a que tem está com a cara amassada e cheira a cozinha vagabunda. Só quando se arruma tem gosto — isto é, na sua opinião, porque hoje você se pergunta se gosto vale alguma coisa — mas para você não faz mais nenhum efeito, da mesma maneira que na sua idade tentar parecer sóbrio não vai adiantar.

O pessoal da produção se acomoda, é só cumprir a tarefa — quase duas vezes uma cota razoável — para ganhar duas horas extras de presente. É um lugar privilegiado, menos para os ambiciosos. Os ambiciosos adotam posturas especiais para sugestionar os diretores, cujas visitas de surpresa são raras mas acontecem.

No começo você era veloz, era citado como exemplo. Os mais novos aprendiam só de olhar o desembaraço com que você trabalhava. Sentia-se muito orgulhoso quando vinha uma moça, levantava-se, perfumava as axilas, escovava os dentes e só então ocupava seu lugar. A impressão era boa, podia surgir namoro, flerte, talvez uma daquelas de idéias bem avançadas pudesse passar por cima do fato de você ser casado e aceitá-lo como amante. Bastava isso, porque entre as duas alternativas haveria de manter o casamento, por comodismo. Não há nada, criatura de espécie alguma, mais comodista que o ser humano. No começo você era veloz, mas os dedos foram ficando vagarosos, canseira, falta de jeito, idéias confusas, saco cheio. Compreendeu que ia mal mas só teve uma prova concreta quando resolveram tirá-lo dali: perguntava se tinha serviço, diziam que o material estava acabando e que, por uma questão de treino, teriam que dar preferência aos novos contratados. Outra desculpa: podia ser chamado a qualquer momento para uma substituição, mesmo em tarefas afins e em outras salas. Diabo, teria que pegar a caderneta de endereços e contar pra todos — os poucos que conhecia — que o ramal havia mudado, assim só não ligava quem não queria. Foi mais um logro, como tinham sido tantos outros, e agora, rápido ou não na máquina de escrever, tinha a sua mesa bem cuidada, é verdade, mas tão sem importância como todas as outras, a mesa comum de um funcionário estúpido.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Muitos tiveram coragem e pediram demissão ou tiveram coragem e ficaram. O problema é ficar satisfeito com as próprias opções, por mais infelizes que possam parecer.

Você teme ser despedido ou permanecer no emprego, deixar a mulher e os filhos ou ficar com eles, você é um idiota, pode entrar sorrindo no elevador, receber e dar tapinhas nas costas, comer na lanchonete, flertar com a balconista ou qualquer freguesinha, que você é um idiota. É uma questão de índole, uma predestinação. Se pelo menos você compreender isso, está bem, está muito bem mesmo. Você só é capaz de coisas dispersivas, heroísmos bestas, mas nada verdadeiramente heróico, nada para provar que afinal tem um caralho no lugar certo. E precisa parar de temer esse câncer que não vem, você já tem quase quarenta anos, está na hora de saber que a ficção é sempre mais forte que o dia-a-dia e que normalmente ela devia lhe bastar, seu fujão.

O uísque vai passando de mão em mão e também não é estrangeiro, embora segurem os copos como se fosse. Uma mulher loira, que chegou por acaso e ninguém sabe de onde, domina as atenções. Valeu-se de uma referência, aqui pensava encontrar um certo Henri — a pronúncia francesa, ao menos para essa palavra, é perfeita — que os alegres amigos não conhecem. O vestido longo esconde as pernas certamente rijas e sem marcas — que é o que se depreende de sua maneira de andar, se é que isso é possível. Senta-se um pouco para descansar, de baixo para cima é contra-mão e estão no topo e foi necessária uma caminhada. Pede licença — dão — mas promete ir embora logo. Protestam por delicadeza mas se arrependem os homens, deviam ser mais decididos, só um estranho pode quebrar a monotonia das festas muito organizadas (têm ilusões de que, na alta burguesia, tudo é perfeito e correto, principalmente comida e bebida, mas um deles já foi e ficou decepcionado, o desdém dos garçons tirou-lhe fome e sede). Do que lhe oferecem só aceita um café, que mais uma vez pronuncia com acento francês: os mais imaginativos pensam se é uma esnobe ou foi apenas, pela segunda vez, um erro de tom. Com atmosfera propícia ou não, telefone só há na padaria e é até lá que ela vai, recusando oferecimentos de companhia, afinal, diz com graça e sem sotaque, sabe andar sozinha. Esperam em silêncio conjeturando e ela volta com a má notícia de que não conseguiu localizar a pessoa que procurava. Está, então, sem compromissos e pode ficar, não era isso que queriam, que ficasse? Respondem que sim e ela aceita comer e beber um pouco de tudo que se encontra na mesa aumentada e nos móveis da sala, nada muito especial, coisa improvisada, de supermercado. Sua fome é grande mas come bonito, de vez em quando fica uma lasca de pão nos dentes alvos, tem muito charme e sorri, como se estivesse muito satifeita com a acolhida.

Esquecem-na um pouco os casais, sim, porque são todos casados e do único que está sozinho a mulher chega daqui a pouco. Como afastam as cadeiras e começam a dançar com vestidos longos e cheios de babados e os homens, de calças largas e sapatos altos, que usam com dificuldade — para não ficarem muito atrás da moda — nos fins-de-semana, o solitário se aproxima e começa a conversar, ela sempre gentil, sorrindo para a frente e para os lados, os dentes alvos, os cabelos loiros caindo perfeitamente sobre os ombros. Modelo internacional, concluem os casais, que se esforçam por demonstrar que seus dotes de dançarinos não são só aparentes. Se for realmente modelo, há de dizer algum dia, na Europa, que há no Brasil um grupo de gente pacata e excepcional, capaz de morder-se pela razão mais boba e perdoar-se no momento seguinte, sem o menor vestígio de remorso. Sim, ela vai dizer isso para uma madame num desfile, para o costureiro nos bastidores, para a amiga de quarto, gente pacata e excepcional. Refugiam-se num canto os dois, de copo na mão, todos sabem o que o marido solitário há de dizer, mostrar-se distante e ao mesmo tempo ávido será apenas um expediente: graças a Deus, ela parece calejada, não há de se deixar envolver, não querem que haja diferenças, um seja pecador e os outros inocentes, tudo é uma massa só. Permanecem tão próximos que devem estar engolindo o mesmo ar, tendo os mesmos pensamentos, exalando cheiros que se identificam. E a mulher não chega, aquela, para repor as coisas no lugar, para mostrar que aqui não há ninguém livre, que todos têm destinos traçados e que é perda de tempo querer começar uma aventura. Graciosamente ela se desfaz do copo, que fica na pontinha do móvel da vitrola mas sem perigo de cair e, está bem, ergue ligeiramente o vestido e passa a mexer os pés para dançar, dançando muito mal. A música demora um pouco, mas ela não está exausta, antes prefere continuar enquanto o par tira um cigarro do bolso da blusa para disfarçar o cansaço. Agora é fatal, em cinco minutos no máximo a mulher vai chegar e é só bater o olho para perceber que ele centraliza as atenções, que se o obstáculo não existisse estariam tratando de pôr as cartas na mesa e ir para a primeira cama disponível, afinal sexo não é coisa que se evite.

Que pensam essas criaturas? Que mulheres mais sem graças, que olhos mais gordos, que gente mais barriguda! Este aqui finge distância por puro charme, tem unhas limpas, cabelo comprido, mas a boca parece feita de picles, o cheiro de tempero é forte demais, tenta mostrar que é inteligente, se pudesse seria artista, diz que a moda européia é muito criativa. Por que isso de moda, não sei, o meu magro indicaria que eu desfilo? Meus homens me deram esses cacoetes originais que assustam as pessoas. Falei *Henri* como uma francesa, pedi *café* como uma canadense. Estava bêbada demais, nem sei como vim parar aqui, me lembro que estava com um amigo, mas qual, que encontrei num restaurante qualquer, mas onde? Pode ser qualquer amigo, tenho muitas amizades, será amnésia pura? Esse homem não sai de perto, já reparei que a calça está bastante retesada naquele ponto ali, mas o que é que ele quer? Foram tão gentis no início que ainda agora eu não hesitaria em dar uma saída rápida para, mesmo num carro, deixar que ele se perdesse entre as minhas pernas, não me importaria de andar com o molhado alguns minutos. Mas sei como não perdoariam, estão todos de olhos muito afiados em nós, preciso me manter calma, me recuperar, ficar no ponto certo para ninguém poder dizer nada contra mim. Ah, não, que falem, chega de concessões, se eu tiver vontade sapeco um beijo nessa boca de picles, quero ver o que vai acontecer. Vou erguer mais meu vestido, assim, não desejo que tenham uma falsa impressão de mim, não sou leviana, sou das que fazem o

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

que querem e não vejo mal nisso, não vou pagar pecados que não tive, que é pecado, afinal?

A loira está de sandália, os pés são bonitos, mas há um sujinho aqui e ali. A campainha toca, mudam-se as posições, há gente fazendo café na cozinha, mexendo na vitrola, atendendo ao telefone, indo ao banheiro. Entra uma mulher baixota, cabelos encaracolados de peruca, mãos brancas. Pela recepção é muito amada ou será apenas uma arma que pretendem usar contra a intrusa. Chega perto do marido, dá-lhe um beijo formal e larga a bolsa no sofá. Também parece mais jovem do que todos, teve que levar os filhos a uma festinha, está cansada e faminta. Não examina a jovem de alto a baixo, fica no superficial, embora estejam todos torcendo para que lance um desafio, mas só daqui a pouco, pois ainda não sabe. Mesmo conversas são mal vistas aqui, porque podem redundar em deslizes, e nenhum quer isso para o outro, estão todos vendo um futuro, se não maravilhoso rico, uma velhice cercada de netos, propriedades e respeito. Tornam a bailar e a loira fica só, parecem ter prazer em fazê-la sentir-se sozinha, afinal pode decidir ir embora. A recém-chegada vai e volta farejando o perigo. Em voz baixa troca insultos com o marido, seu ar é superior, veste-se bem mas as mãos cheiram a tempero de cozinha. Com o rabo do olho o marido olha para a outra, mas é repreendido na hora, sem um grito — que a mulher ainda tem um resto de classe — mas com um toque leve na mão. É possível que uma mulher com quem não se tem mais nenhum prazer possa ser assim tão repressiva? pergunta ele mas isso só está na indiferença do seu rosto. Qualquer resposta, qualquer rebeldia, há de lhe custar caro, e provocações não são o seu forte. Terá algum?

Bem, é hora de pegar a minha bolsa e desaparecer, estão descontentes comigo, as mulheres naturalmente, porque os homens, eu sei o que eles querem e eu não posso ter esse gesto de bondade neste momento. Já estou vendo a bolsa, começo por onde as despedidas?

Pronto, a porta está fechada, a estranha foi embora, ficaram mais tristes, pelo menos era uma distração. Agora o uísque corre mais depressa pela garganta, o álcool libera, está ligada a TV a cores, param a vitrola e conversam, a conversa acaba em política. Liberais todos, preferem, porém, as atitudes ponderadas dos que não se revoltam, está bem o mundo do jeito que está. Teriam, de outra maneira, liberdade de reunir-se, de trocar idéias, de expulsar indesejáveis, não teriam sempre um olhar suspeito em volta? A TV é abaixada, resta a imagem, e os discos voltam a rodar. Maridos recusam mulheres, é a alegria, mulheres recusam maridos: está feita essa dança lasciva, de insuspeitadas traições. Melhor é ir só até certo ponto, naturalmente uma troca de carícias, mas que os interessados não vejam, um toque pecaminoso num braço, quem sabe mesmo um cheirinho na nuca. É até esse ponto que as coisas estão permitidas, não mais, afinal sempre conviveram de outras maneiras, uns mais, outros menos, sempre conviveram. Casais, às vezes mais do que casais, quando a conversa esquenta, terminam nos cantos, nas poltronas confortáveis, puídas demais para quem quer talvez uma aparência de coisas no lugar. Mas o fim da noite é cada um de volta para casa com o cônjuge de sempre.

Feitas as contas, pagas as dívidas, curtidos os pecados, é preciso voltar na segunda-feira, achar novamente as pessoas admiráveis por tais e tais razões — se não como agüentar até sábado? — se é filho-da-puta nisso é afetuoso com a família, se é velhaco, puxa-saco, oportunista, há de ter tido uma infância feliz, hoje se matou, ontem devem ter-lhe arrancado o pênis, se é sovina foram ricos antes e o pai foi à bancarrota, se agora faz farra com mulher foi sempre reprimido. Tudo se desculpa, se perdoa, a cada semana os homens tiveram mais uma frustração e as mulheres mais uma atenção noturna. A partir deste instante condicionam-se para melhor chegar a sexta-feira.

É uma explicação como qualquer outra, o mau humor vem das mazelas, que são muitas, pessoais e provocadas pelo mundo exterior. Geralmente o sujeito desopila diante de um desgosto premente. Não é o seu caso? Você está sem dinheiro, tem prestações a saldar, as coisas não estão como você esperava. Ademais, mesmo um flerte lhe é proibido, como a ascensão social para certas pessoas.

Eu não quero nada disso, quero uma vida simples, uma sobra pra remédios, viajar uma vez por ano, nem que seja por dez dias, ter dinheiro pra dar a uma mulher que me diga *você é um homem*, sim, porque eu não sou nada, sou um cara carente de amor.

Seus filhos são inteligentes.

Que me adianta? É uma coisa que não me diz respeito, eu queria lutar e conseguir alguma vantagem sobre a vida também por causa deles. Por minha causa e por causa deles.

Sua mulher tem razão quando te chama de egoísta?

O que é um egoísta? Pensar um tiquinho em mim é ser egoísta? Os garotos crescem rápido, estou vendo alguma coisa sorrir pra eles. Minha mulher está muito feliz com a ponte fixa que eu comprei. Eu também preciso ter amor às minhas camisinhas. Elas umedecem gostoso quando a gente goza.

Ninguém mais usa camisinha.

Querem todos procriar. E, além do mais, eu estou cansado desses meus pileques baratos, de pinga vagabunda e vinho estragado. Queria ter dinheiro pro meu uísque importado. Enquanto ele não chegar fico com chope, foda-se a barriga. Fodam-se todas as pessoas.

Gente cética é ruim porque não dá conversa.

E o que é que você quer que eu faça? Diga amém a tudo que me contam, a todas essas falsas declarações de bem-estar, de progresso e de confiança no futuro do país? Não são eles, não, eu mesmo me vacinei, virei insensível. Nada mais me entra pelos ouvidos sem uma boa peneirada. É isso que me faz ficar fora dos planos dos meus chefes, me acham um cara muito problemático. Já me aconselharam a ser sereno, mas eu entendo o que querem dizer por serenidade: que eu não diga um ai, que não manifeste discordância, que não tenha idéias — qualquer uma que tiver, fora do esquema, é uma ameaça — que reze o mesmo terço, que cuspa na mesma latrina. Pergunto: isso é vida?

Você está nervoso, alguma coisa está perturbando, não é assim que a gente age com as pessoas, cada uma pensa de um modo. Não é possível ser tão crítico, tão besta. Você é o tipo da criatura que não sabe viver. É preciso ver mais longe, você se contenta com os poros do seu corpo, com o mau humor dos gatos, com as buzinas dos carros, mas, esteja certo, isso é errado. Se você ainda não aprendeu a viver, vamos começar tudo de novo.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Então você tem a fórmula mágica?

Eu não, eu sou só sua consciência. São regras elementares, você passa por cima ou desconhece.

Minha mulher me disse outro dia, pelada, que eu era incapaz de generosidade. Fiquei pensando se ela quis dizer isso de modo geral ou se foi só um desabafo do momento, afinal ela ficou meia hora pelada na minha frente e eu continuei lendo a Manchete. Por outro lado, não consigo ser generoso à toa, já me dei muito mal fazendo isso, não tive lucro. Com as crianças consigo às vezes, mas é porque elas não conhecem o mundo, até agora só levaram umas porradinhas. Daqui a pouco eu me aposento, olho pra trás e vejo a merda que fui. Vai me dar muita náusea e eu sei que, se a cabeça não parar no lugar, vou descarregar em alguém, naturalmente nos que estiverem na frente. Minha mulher merece, ela passou todos estes anos juntando as bolotinhas para fazer esta merda de elefante que é a nossa vida. Não sei como as pessoas podem ser assim tão pacientes, tão insensíveis, tão capazes de navegar no mau cheiro tapando as narinas, eu sufoco. Não quero descarregar nas crianças, não quero influenciar mal, não quero, não quero, pra mim é até melhor darem o fora quando estiverem crescidas, não vou ficar aprisionando ninguém.

É angústia demais, vale a pena?

O que é que vale a pena? A verdade é que estou envergonhado de ter uma vida tão quadrada e meu cabelo branco me diz que já é tarde. É como se eu fosse dois e o inconformista exigisse definições do conformado a cada minuto. E eu sei também que não sou nem melhor nem pior do que ninguém. É a lei das pessoas: boa vontade comigo, dureza com os outros.

Nunca pensei que você pudesse ter tanta coisa na cabeça.

Quem tem poder é capaz de tudo e o único poder que eu tenho é pensar com alguma liberdade e às vezes repetir meus pensamentos em voz baixa. Para o grosso das pessoas, sou um mau cara de bons princípios. Dá pra entender?

Quanta incongruência, meu Deus! E que frieza! Por que você não rompe com tudo, vai viver sua vida?

Porque o inverno me faz pessimista e covarde. Prefiro deixar os grandes rompimentos para o verão.

DOIS ARGENTINOS

CASARES

MÉTODO

Em geral componho mentalmente a história antes de começar a escrever, por gosto de inventar e também por prudência, para livrar-me da ansiedade de saber se poderei ou não resolvê-la de modo aceitável. A outra parte do meu modestíssimo método consiste em escrever diariamente. Italo Svevo tinha razão: "Não há melhor maneira de escrever com seriedade do que rabiscar um pouco todos os dias."

VIVER DE ESCREVER

Com esperança e algum temor creio que num dia que está próximo hei de viver de literatura. Faz tantos anos que publico livros! Aparentemente o escritor é o homem cujas horas de trabalho valem menos; menos ainda do que as dessas professoras a quem os colégios pagam 40 mil pesos mensais para ensinar línguas.

LITERATURA-COMPROMISSO

A melhor talvez esteja em *O Vermelho e o Negro, Germinal, Guerra e Paz,* no teatro de Ibsen e de Bernard Shaw. Também há de haver literatura comprometida em Balzac.

Na verdade acredito que estamos todos comprometidos e que esse compromisso é que nos impele a escrever. Hoje estamos comprometidos com nossa consciência e, quase tão vivamente, a favor e sobretudo contra algumas opiniões. Logo, o compromisso do contista e do novelista é manter a fidelidade a uma espécie de idéia platônica da história contada. Por último, o compromisso geral da profissão, uma cortesia com o leitor, que nos obriga a escrever claramente e o melhor que pudermos.

FONTES DE INSPIRAÇAO

Já se sabe: essencialmente os contos que minha mãe me contou. E os temores que me espreitavam antes de eu conhecer a segurança, um pouco arrogante e parecida com álcool, que dá a vida junto às mulheres. E a fascinação pelas mulheres e pela literatura.

Adolfo Bioy Casares é de 1914, Enrique Medina, de 1942. Os dois são argentinos e famosos. O primeiro escreveu A Invenção de Morel, *que deu a Resnais a possibilidade de fazer uma obra-prima, "O Ano Passado em Marienbad." Já é considerado clássico da literatura de seu país, ao lado de Borges, Sábato e uns poucos outros. O segundo é um autor proibido ao menos na Argentina.* Las Tumbas e Sólo Ángeles, *porém, foram suficientes para mostrar que Medina pertence à melhor safra da nova geração de escritores argentinos.*

MEDINA

METODO

Sou um operário e não quero que me interpretem mal: me levanto muito cedo, trabalho e trabalho, como, volto ao trabalho. Nessas horas escrevo, rasgo montes de papel, corrijo, sinto náuseas e sigo escrevendo. Esse é o cotidiano. O método está antes, a partir do momento em que me proponho o livro, o conto, o que seja; claro, essa proposição chega depois de eu acalentá-la muito, e, então, a estratégia, o plano, estão ali, ao lado da proposição.

VIVER DE ESCREVER

Que é viver? Comer, dormir, comprar meias quando se rasgam as que estou usando? Em contrapartida, não posso ficar doente, não posso viajar.

LITERATURA-COMPROMISSO

Acredito que nenhuma novela tenha feito uma revolução, nem sequer pretenda tornar-se um fuzil. Mas existe e é útil na medida em que funciona para despertar consciências, registrar coisas que passam ao nosso lado e não vemos ou nos recusamos a ver. Isso é, para mim, "Sólo Angeles"; ali está a opinião concreta do que eu entendo por compromisso do narrador.

Penso que há uma ordem: eu escrevo, esse é o meu primeiro compromisso; escrevo para ser lido, esse é o segundo compromisso, o leitor; depois vem a narrativa, porque sou um novelista, e tudo isso aqui e agora, como homem da Argentina e de alguma coisa mais.

FONTES DE INSPIRAÇÃO

A vida, Louis Ferdinand Céline, minhas ansiedades, as mulheres "matadoras", os livros de Manuel Puig, Henry Miller, Rodolfo Walsh, tudo que me choca, tudo o que eu gostaria de ser, tudo que tive que suportar e todos os projetos que vou concretizando.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

UMA AVENTURA NO TRÓPICO

Edmundo Desnoes
tradução de Serafim Ferreira

O texto aqui reproduzido foi especialmente escrito pelo cubano Desnoes para a adaptação cinematográfica de seu livro Memorias del Subdesarrollo. *O autor, de 45 anos, publicou ainda os romances* No Hay Problema *(1961) e* El Cataclismo *(1965), além de um volume de ensaios,* Puntos de Vista *(1967).*

Voltei a encontrar-me com um grupo de russos em casa, não, já morreu, no museu de Hemingway. Sempre a mesma coisa. Não havia cinco minutos que tínhamos chegado, quando também ali entrou um penetrante sopro de vida, um homem que desatou a gesticular: "Companheira, por favor, só um minuto, por favor". Olhei-o bem, entre seduzido e incomodado; era ruivo, com um rosto grande, a pequena câmera escura sobre a camisa de quadrados azuis. Movia as mãos insistentemente para Elena, como se procurasse alguma coisa, pedindo que se mantivesse na mesma imobilidade, como os troféus de caça pendurados nas paredes da sala. Enquanto Elena colocava descontraidamente uma perna adiante e a outra um pouco mais atrás e estendia a mão sobre o espaldar de uma cadeira almofadada com uma cena de caça, dois homens e uma mulher detiveram-se atrás do fotógrafo, que mudou diversas vezes de posição com a máquina de filmar junto do rosto.

Sempre a mesma coisa. Os mesmos turistas de sempre. A grande potência visita uma das suas colônias; eles são os emissários. É um descaramento. Um pouco mais humildes, é verdade, e sem propriedades físicas em Cuba, mas a atitude é idêntica. Além disso, o que não conseguem sacar em dólares, conseguem obter em propaganda. E o mais triste seria descobrir que têm razão, que a vida é assim mesmo. Uma atitude muito parecida com a de Hemingway. Para isso é que apenas servem bem os países atrasados, para essa vida dos instintos, para matar animais selvagens, pescar ou estender-se na areia e tomar banhos de sol. Para gozar a vida. Todos os russos estavam queimados, bronzeados. Para eles, Elena era *a beautiful Cuban señorita*.

"Essa pose é já muito antiquada" — disse eu para meter a minha colherada no jogo. "Deves abrir as pernas com arrogância como se fosses um rapaz e estender os braços como se estivesses prestes a fugir do caçador..." "Anda, cala-te!" disse-me ela, sorrindo. Aquela grande puta estava a gozar o seu papel de animal exótico e subdesenvolvido. O antílope imóvel, Elena imóvel, sorrindo outra vez. Os soviéticos, como agora chamam aqui aos russos, sorriram delicadamente, ingênuos, com sorrisos salpicados por uns dentes de ouro. "Expansiva, camarada, expansiva, muitas gracias. Krasivinka, muito bonita, expansiva."

"Este aqui chama-se um veado-girafa, é uma gazela muito apreciada na África pela beleza dos seus chifres elegantes e enroscados — explica o guia mulato, com uma monotonia quase religiosa. "O pescoço comprido é também um dos atributos da sua beleza. Hemingway apreciava muito esta peça, é um animal bastante difícil de encontrar; quando Hemingway viu este animal hesitou em disparar, não se atrevia a atirar dominado pelo efeito que lhe produziu a sua extraordinária graça e beleza. Era uma das suas peças favoritas de caça."

Afastei-me para não continuar a escutar essa repelente litania. "Talvez Hemingway bebesse para esquecer que tinha matado esses animais tão indefesos", pensei ao ver a mesa com diversas garrafas vazias de uísque, vinho espanhol e conhaque, embora ele dissesse que matava para não se matar. Agora também ele está morto. Assomamos à janela aberta entre a cabeça do antílope e um cartaz que anuncia uma corrida de touros. Os quatro russos passaram diante da janela e o grupo colocou-se debaixo da ceiba, o grosso tronco era quase tão sólido como os corpos embarrilados, um perto do outro; a mulher, com as mãos sobre a jarra de pequenas flores silvestres; os homens, os braços cruzados sobre camisas azuis e verdes de quadrados ou de "nylon" amarelado, sujo e transparente. Como se parecem com os americanos! Mostram-se desesperados por serem os americanos do futuro, admiram mais Hemingway do que Fidel, corto a cabeça se não admiram mais Hemingway do que Fidel. "São feios", comenta Elena. "E mesmo assim ainda hão-de ser os senhores do mundo". "Não me interessa — e Elena começa a cantar: *Sombras nada más, entre tu amor y mi amor...* Vamos, vamos ver o resto da casa."

Quando entramos numa pequena saleta, Elena abandonou os sapatos para caminhar sobre a pele de leão estendida no solo. Pensei imediatamente nas mulheres que tinham visitado Hemingway naquela mesma casa: Ava Gardner, Ingrid Bergman, Marlene Dietrich. Certamente também tiraram os sapatos para sentir a pele morta do leão debaixo dos seus pés. E sofri um golpe baixo ao descobrir que Elena não compartilhava nada do que me passava pela cabeça. Calçou novamente os sapatos e traçou grosseiramente um semicírculo no ar, com o dedo indicador e deu uma palmada na coxa: "Aqui vivia esse tal míster Way? Não vejo nada desse outro mundo nesta casa, na verdade, só os livros e animais mortos. Uma grande merda. Parece-se muito com a casa dos americanos da central Preston".

E era verdade. Parecia a casa de um administrador de qualquer fábrica americana, porque eles viviam assim mesmo. Não tinha pensado

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

nisso antes e Elena acabou por descobrir isso. Se quisesse, Elena podia desenvolver a sua idéia... Revelava uma inteligência natural e acabava de evidenciar uma idéia bastante sutil. Sim, não há dúvida, eram os típicos móveis de qualquer família norte-americana da classe média, do Middle West, as poltronas atapetadas com cenas de caça inglesa, a pequena mesa cheia de bebidas, a mesa com revistas, até os ridículos cartazes de corrida de touros. "Os mesmos móveis e o mesmo cheiro de americano". Perguntei-lhe como cheiravam os americanos e em seguida ela respondeu-me: Só vejo, não sei como é. Um cheiro de "nylon", de pasta dentifrícia, de gelatina de framboesa, de batom dos lábios, de desodorante. Os americanos têm um cheiro peculiar e os russos cheiram a peste.

O que vale é que isso não preocupa. Nada se radica em profundidade dentro da sua cabeça. Quando diz coisas assim, saem-lhe espontaneamente. Acreditava que tinha passado toda a sua vida em Havana e não sabia que esteve no Oriente, que conhecia as grandes centrais açucareiras dos americanos. Não me tinha contado nada disso."Nem sequer me recordo. O escândalo que nos causaram à minha prima e a mim." Tive que insistir, não queria falar. "Não sei, a porta estava aberta. Uma porta exatamente igual àquela que está ali, com um painel metálico, levávamos a roupa lavada que pertencia à americana, a porta estava aberta e, não sei como foi que isso aconteceu, nós entramos no quarto onde a americana estava estendida na cama quase despida, a cortar as unhas e com a cara cheia de creme... Insultou-nos." Voltei a insistir. "Não sei, não percebia nada, começou a gritar-nos em inglês... Eu olhava-lhe a cara, fiquei quase boquiaberta, só olhava para seus chinelos de quarto que tinham uns enfeites. Como uns que me deste e eram da tua mulher... Não me fales disso, eu não fiz nada. Não quero falar de nada". Perguntei-lhe quantos anos tinha nessa altura. "Dez ou doze, nem sei, isso não importa. O meu pai estava sem trabalho, passávamos grandes dificuldades, mandaram-me para casa de minha tia, que era lavadeira. Não quero falar mais disso. Recuso-me. É por isso que não gosto de recordar nada, prefiro inventar as coisas..."

A verdade é que a casa de Hemingway me impressionou vivamente. Tudo ali dentro demonstrava um profundo desprezo pela vida. A gente desperdiça e esbanja e mostra-se generosa quando tem tudo em abundância. Tudo estava de maneira a evidenciar uma desordem consciente; tinham imobilizado a vida daquela casa como a própria vida de Hemingway. Tudo estava tenso. Mas os móveis estavam colocados de qualquer forma; recordações de toda a espécie estendidas sobre a mesa: uma cruz gamada nazi, arrebatada durante a Segunda Guerra Mundial ao inimigo, a uma das suas vítimas, provavelmente a um cadáver já apodrecido; uma fotografia em forma oval de quando Hemingway era jovem; uns espelhos velhos com uma delicada armação em ferro; anzóis disfarçados de insetos; moedas de outros países; um ridículo "sputnik" dourado. Tudo se mostrava assim. O que realmente me impressionou foi o ar austero e monacal de toda a casa, mesmo do seu quarto. Faltava o guitarista de Juan Gris atrás da cama e havia um retângulo mais pálido, mais limpo, no sítio onde durante tantos anos esteve despendurado o óleo. Sorri, porque eu era ali um verdadeiro intruso, um violador de túmulos, porque tudo aquilo tinha já lido em qualquer artigo, num livro, como tinha lido que a "Smith-Corona" dele era o seu único psiquiatra; recordava coisas a cada passo, tinha-o visto ali fotografado na *Life:* Hemingway em *shorts*, sentado sobre a cama, tendo atrás o quadro de Juan Gris, e rodeado sempre de gatos domésticos.

"... e pensei que Cuba nunca tinha interessado, de maneira nenhuma, a Papá Hemingway. Botas para caçar na África, móveis norte-americanos, fotografias espanholas, revistas e livros em inglês, cartazes de touros. Em toda aquela casa não havia nada que fosse cubano, nem um objeto de santeiro ou um quadro. Nada. Para Hemingway, Cuba era um lugar onde pôde se refugiar, viver tranqüilamente com a mulher, receber, os amigos, escrever em inglês, pescar na corrente do golfo."

"Eh, porque está aqui?", exclamou Elena detendo-se junto da máquina de escrever colocada sobre um enorme dicionário. "Onde querias que a pusesse?", respondi-lhe irritado. "Ali, na mesa. A tua máquina está sempre sobre a mesa". "Mas Hemingway escrevia de pé", foi tudo o que me ocorreu dizer, comovido e envergonhado. "Por que não escreves também de pé?" "Não sei, creio que ele tinha hemorróidas." Mas terei lido isso ou inventei tal coisa?

Ficamos em silêncio durante algum tempo e Elena começou a mexer uma por uma em todas as teclas da máquina de escrever. Entretanto, entrou ali o guia e pensei que ia repreender severamente Elena, mas não, começou a falar numa voz suave, cheia de respeito, eloquência e submissão: "Todas as manhãs Hemingway levantava-se bastante cedo e começava então a escrever aí mesmo, onde a senhorita está, sem camisa e descalço, gostava de sentir o frio solo das lajes espanholas debaixo dos pés ou essa suave pele de kudu". "E você donde veio?" — perguntou-lhe Elena franzindo o sobrolho. — Não o vi quando entrou". O mulato, com a sua cara redonda, parecia estar envergonhado e orgulhoso. "Assustei-a? Desculpe-me se a assustei."

Estive com os soviéticos até agora... Não me viu? Entrei pela porta, caminho muito silenciosamente, como uma pantera, dizia-me Hemingway. Sabe uma coisa, quando escrevia, eu era a única pessoa que podia entrar no quarto, podia ficar ali mesmo. Deixava-me entrar porque não fazia qualquer espécie de barulho quando entrava, usava então estes mesmos sapatos de lona..."

Apoiava-me com os tornozelos contra a cama, todo vestido de branco, embora as calças fossem mais brancas do que os lencóis. Recordei-me, então, que se chamava René Alcázar, não Villarreal, e que Hemingway o tinha encontrado um dia nas ruas de San Francisco de Paula. Também li isso em qualquer lugar. Vê-se que Hemingway o modelou às suas necessidades, o criado espécie de cão fiel do grande senhor. O colonizador e Gungha Din. De todas as formas, Hemingway deve ter sido um tipo insuportável.

"Trabalhava até às onze, mais ou menos, e ia em seguida tomar banho de piscina. Gostava sempre de dar um mergulho quando acabava de trabalhar e antes de almoçar. Aqui,

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

nesta estante, encontram-se as diferentes edições dos seus livros em todas as línguas. Olhe, aproxime-se, esta é a edição russa; quando esteve aqui o senhor Mikoyan, ele trouxe estes livros e esta pequena recordação, que é um "sputnik". As obras de Hemingway estão traduzidas em todos os idiomas do mundo, mesmo em japonês. Esta é uma edição de *Adeus às Armas* em japonês..."

Reparei que tinha ali também as obras completas de Mark Twain e que tinha escrito *As Verdes Colinas de África,* que toda a literatura norte-americana saía do *Huckleberry Finn,* especialmente das primeiras cem páginas, que eu tinha lido com rigoroso e estúpido cuidado; Elena dava algumas voltas pela sala, não mostrava nenhum interesse pelo que dizia Villarreal e muito menos por Mark Twain ou pelas traduções do *Adeus às Armas*.

"Que sapatões!", exclamou Elena com um sapato descomunal nas mãos. "Calçava quarenta e dois", informou logo o nosso guia. Pareceu-me ver Hemingway pela primeira vez na minha vida, em carne e osso, caminhando com esses sapatos de cor escura, já gastos e sujos. Nunca o tinha visto pessoalmente e agora via-o ali pela primeira vez, alto e sólido, desportivo e já morto. "Calçava quarenta e dois", repetiu Villarreal, passando os dedos pelo couro cheio de poeira, deixando algumas estrias limpas sobre os sapatos.

"Os americanos têm os pés muito grandes. Mas isso é a única coisa que não molesta a mulher americana, mesmo as que se revelam mais formosas", disse para modificar a situação, mas Elena exclamou: "Num homem isso é bonito" — e voltou a colocar o sapato no chão. "Eu tenho um pé bonito, não é verdade?" "Os teus dedos parecem anões cabeçudos", menti-lhe eu, mas Elena entrou logo a seguir na casa de banho e murmurou: "Que engraçado! Olha, olha, também aqui há livros, até lia durante o banho", e apontou para uma pequena estante que estava junto da bacia de porcelana.

"Sim, Hemingway tinha esse costume, todos os dias lia durante algum tempo na casa de banho... Isso? é um lagarto. Foi um dos gatos que o encontrou no jardim, agarrou-o pelo pescoço e enterrou-lhe os dentes, sacudindo-o pelo ar. Hemingway viu isso e procurou salvá-lo. O lagarto procurava defender-se com a cauda, era valente, mas não conseguiu nada. Hemingway resgatou-o, tentou salvar-lhe a vida, porque ele tinha sabido lutar com o gato. Aqui mesmo o tratou e guardou, curando-lhe as feridas e trazendo-lhe comida. Mas na semana seguinte o lagarto morreu. E Hemingway agarrou-o e mergulhou-o em formol".

Já me aborrecia um pouco a idolatria do guia, as suas histórias sempre muito humanas e reveladoras. Sentava-se na casa de banho e cagava como toda a gente, parece até com alguma dificuldade. "Houdini — disse, agarrando num livro —, olha, tem aqui um livro sobre Houdini. Houdini mastigava e vomitava espadas e limas..." "Hemingway lia muito, lia tudo especialmente revistas e jornais. Lia todas as revistas que recebia dos dos Estados Unidos... Todos os dias se pesava e anotava aí o seu peso, na ombreira da porta. Tinha uns algarismos muito pequenos, tinha uma caligrafia bastante elegante. Procurava sempre manter o seu peso à volta das duzentas libras, cuidava muito da sua saúde física. Dizia que para escrever era preciso ser saudável, que quença, qualquer mal-estar físico, interfere sempre no trabalho. Por isso, cuidava sempre do seu peso".

Voltamos ao salão que tinha a pele estendida no chão e vimos um russo sorrindo com o sapato na boca do leão, entre os dentes já mortos e amarelecidos. O guia tirou um montão de fotografias de uma gaveta e colocou-as sobre a mesa baixa, perto de um sofá. "São fotografias da guerra civil de Espanha. Hemingway esteve lá. Estas são de Robert Capa." Um grupo comprimiu-se em redor da mesa. Procurei ver a corpulência de Hemingway em qualquer fotografia, mas não estava em nenhuma, pelo menos não a via. Devem ter sido levadas por sua outra mulher. Uniformes desiguais, boinas, poeira e metralhadoras que hoje parecem brinquedos, espingardas compridas e um homem correndo através de um campo, com o rosto ensangüentado, caindo, morrendo, largando a espingarda escura ainda com o braço estendido, as calças largas e brancas todas enrugadas, arrastando-se por entre a erva indiferente, com munições ou bolsas de couro e correias à cintura ou granadas, como se fossem sementes para espalhar pelo campo, um camponês morto enquanto regava as suas terras, um dinamiteiro asturiano.

Em seguida, Elena afastou-se da mesa porque não compreendia a morte ou não sabia o que se tinha passado durante a guerra civil da Espanha ou simplesmente porque os russos sem desodorante a incomodavam muito. Quando passamos à sala de jantar encontrei-me em frente da mesa das revistas, vi-a folhear um velho Harper's Bazar, espreitei por cima do ombro dela e vi a Suzy Parker delgada, interminável, em biquíni verde, deitada sobre a areia, os cabelos soltos, os lábios entreabertos e uma onda subir-lhe pelas costas. Elena voltou ligeiramente a cabeça para contemplar uma suave sala azul e viu-me: "Olha, se eu tivesse uma saia como esta, tão bonita, sairia para a rua sem vestido. É mais bonito do que os vestidos que vendem por aqui." Passei-lhe o polegar pela espeinha e ela ergueu-se. Sorriu, mas continuou a folhear a revista de modas.

A mesa da sala de jantar estava posta para ninguém. Sobre a superfície de cristal, os pratos e os talheres, os copos e um centro de mesa cheio de flores insignificantes e brancas. "Preparava-se sempre assim com a mesa", diz o guia e não havia quem o fizesse calar. Reparei entretanto numa argola de guardanapo com uma grande letra H. "Era assim mesmo todos os dias." "Mas agora ninguém vem comer aqui", disse-lhe eu, mas ele continuou a falar, parecia quase um boneco de corda. "Almoçava dois ovos estrelados, bem fritos, porque não gostava das claras babosas. Gostava muito que estivessem bem fritos, com uma torrada sem manteiga. Sentava-se sempre diante do quarto de Miró, o quadro de uma herdade catalã, um quadro que Hemingway comprou quando era jovem, em Paris por trezentos pesos. Comprou-o a prestações e agora vale mais de cem mil dólares..." Perguntei-lhe pelo quadro, porque na parede não estava nada. "Esse e outros quadros foram levados por Miss Mary; depois que Papá Hemingway morreu veio aqui e levou-os e agora, é verdade, prometeu a Fidel que mandaria reproduções exatamente iguais para que tudo aqui ficasse tal como estava quando Hemingway vivia. Prometeu mandar reproduções iguais, do mesmo tamanho, para que fossem colocadas aqui".

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

"Mas isso não é a mesma coisa", disse eu, para o interromper. "As reproduções não valem nada e os quadros sempre valem alguns milhões de dólares. Não é a mesma coisa." Não sei se ele me escutou, mas não disse nada. "Os cartazes de corridas de touros, sim, esses são originais, não é verdade?", gritei-lhe e ele respondeu na mesma toada de voz: "Sim, esses são realmente os originais." Eram de fato reproduções originais. Era tudo o que merecemos, simples cópias, não somos mais do que uma imitação mal feita dos países poderosos e civilizado, uma caricatura, uma reprodução barata.

Voltamos a percorrer a casa e tive a sensação de que tudo estava envernizado. Olhei tudo como quem observa através de um vidro as jóias de qualquer museu e sabe que nunca mais poderão brilhar no peito de uma mulher. Revelo sentimentos paralelos. Sinto amor e ódio em relação a Hemingway; admiro-o e ao mesmo tempo sinto-me humilhado. Como a minha gente, é a mesma coisa que sinto quando penso em Fidel e na revolução. Permanentemente dividido, não me coloco de acordo nem comigo mesmo.

"Esta torre foi mandada construir por Miss Mary", ia dizendo o guia, enquanto subíamos uma escada de caracol, ferrugenta, passando primeiro junto de uma buganvília de ramos púrpuros e amarelados, até que os olhos esbarram lá no alto com o penacho de uma palmeira real. Lanças de madeira escura, compridas lanças africanas, botas engraxadas, cobertas por uma camada de sebo; cabeças de animais selvagens fixadas sobre lousas com losangos castanhos e ramos esverdeados. Tudo disperso pelo solo. "Trabalhou aqui apenas no primeiro dia, quando Miss Mary lhe deu a chave, foi uma prenda de anos. Depois, nunca mais voltou a trabalhar aqui, não lhe agradava. Trabalhava sempre lá em baixo, no seu quarto..."

Enquanto explicava toda esta merda doméstica, fiquei a olhar um pedaço de pele já gasta, tinhosa, na cabeça do leão, e pensei que Cuba nunca tinha interessado, de maneira nenhuma, a Papá Hemingway. Botas para caçar na África, móveis norte-americanos, fotografias espenholas, revistas e livros em inglês, cartazes de touros. Em toda aquela casa não havia nada que fosse cubano, nem um objeto de santeiro ou um quadro. Nada. Para Hemingway, Cuba era um lugar onde pôde se refugiar, viver tranqüilamente com a mulher, receber seus amigos, escrever em inglês, pescar na corrente do golfo.

Por entre os arcos das folhas de palma, ao longe, brancas, amarelas e sujas, viam-se algumas casas e edifícios ao redor da baía de Havana e diversas chaminés, uma sim, outra não, deitando um fumo escuro que continuava a sujar as casas distantes, enfim, via-se dali toda a paisagem.

Quando descemos para ver a piscina sem água, sentia-me já completamente aturdido e, claro, continuei a ouvir o guia porque ele falava com uma voz doce e monótona: "Estão enterrados aqui todos os animais", e baixava a cabeça. As árvores que estavam à volta da piscina espalhavam sombra sobre os pequenos túmulos, feitos de cimento áspero. "Está aqui enterrado *Black Dog,* seu cão preferido; acompanhava sempre Papá Hermingway por todos os lados, acompanhava-o mesmo enquanto escrevia, estendido no chão, quando bebia ao longo da tarde com a cabeça apoiada nas patas, aqui mesmo, na piscina, na sombra, enquanto ele andava a nadar; mas *Blac Dog* não gostava de tomar banho na piscina..."

Elena aproximou-se correndo. Eu a estive olhando durante todo esse tempo, ela deteve-se na sombra, debaixo dos reflexos da luz, que se filtrava entre os ramos, caindo-lhe sobre a face esquerda e um dos seios: "Que é isto?" "É o túmulo de *Black Dog*". "E quem é *Black Dog?*" "É um cão." "Um cão?" Nesse mesmo instante as manchas espalhadas pelo sol caíram-lhe sobre as coxas. "Um cão." Afastou-se e caminhou debaixo do sol, distraidamente, ao redor da piscina. Vi ainda quando tropeçou e esbarrou com dois soviéticos, que se apressaram a dizer: "Desculpe, camarada, desculpe; desculpe, camarada." "*Black Dog* foi morto pelos soldados... Não, antes da revolução; os soldados de Batista vieram aqui uma noite procurar uns rapazes, uns revolucionários, que tinham vindo buscar armas, *Black Dog* ladrou, ladrou e não os deixou passar, mas eles mataram-no com uma coronhada. A partir desse dia, Hemingway começou a sentir-se mal dentro desta casa e aqui em Cuba. Precisava de tranqüilidade para escrever"

A ti também te mataram, Papá Hemingway, acabaram-se os criados e os americanos aqui — e nós também. Todos terminaram mal.

"Socorro, orro, orro! Auxílio, lio, lio!" — gritava Elena do fundo da piscina. "Socorro, orro! Tirem-me daqui, daqui!" Não sei como é que ela caiu dentro da piscina, como foi parar lá no fundo. Olhava para ela — de pé, lá em baixo, no fundo inclinado da piscina, na parte mais funda —, cá em cima, na borda. Não a tinha visto inclinar-se estava perplexo. "Mas que se passa? Que fazes aí?" "Nada, ada! Não posso sair, ir!" "Tu te feriste?" "Não sei, sei. Tira-me daqui, daqui, vamos, depressa, não fique aí embasbacado, ái, ái, vou desatar a chorar, orar."

Não quero voltar a vê-la. Sinto-me apaixonado por Elena e não quero. Acontecerá o mesmo que aconteceu com Laura. Estou apaixonado, sinto vontade de gritar. Recordo em todos os pormenores aquilo que fizemos juntos. Elena causa-me obsessão e não pode ser. Cada vez que aparecia por aqui Elena, nestas páginas, falando-me da visita ao museu de Hemingway, emocionava-me e erotizava-me. Sinto-me agora mais calmo por dentro quando escrevo sobre Elena e a recordo. Estou fugindo de mim próprio e vão me ferir. Até o estilo do jornal diário tem mudado, observo isso: para fora, para o mundo, para a outra gente. Por dentro, sinto-me mais seguro. É uma tentação que tenho em recusar seja o que for. Mas tenho de quebrar esta relação. Estou muito velho e ela é uma criança. Apenas me pretende para passar um pouco de tempo e mais nada. Acabará por me atraiçoar tal como fez Laura. Tem outro mundo muito diferente do meu dentro de sua cabeça. Não me vê.

20,

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

NO MARANHÃO

Aluísio Azevedo

Quando eu tinha treze anos, lá na província, uma das famílias que mais intimamente se dava com a minha era a do velho Cunha, um bom homem, já afastado do comércio a retalho onde fizera o seu pecúlio, e casado com uma senhora brasileira, D. Mariana.

Tinham um casal de filhos: Luís e Rosa, ou Rosinha, como lhe chamávamos. Luís era mais velho que a irmã apenas um ano e mais moço do que eu apenas meses.

Fomos por bem dizer criados juntos, porque, quando não era eu que ia visitá-los, eram eles dois que vinham passar o dia comigo.

Morava na praia de Santo Antônio, num grande e belo sobrado, cujos fundos, como o de todas as casas do litoral da ilha do Maranhão, davam diretamente para o mar.

O Cunha, além desta casa, que era de sua propriedade, tinha um sítio onde ia freqüentemente passear com a família.

Quase sempre levavam-me também. O sítio chamava-se "Boa-Vinda" e ficava à margem do rio Anil, para além de Vinhais. Embarcava-se no próprio quintal da casa.

Estes passeios à Boa-Vinda contituíam um dos maiores encantos da minha infância. Criado à beira-mar na minha ilha, eu adorava a água; aos doze anos era já valente nadador, sabia governar um escaler ou uma canoa, amainar com destreza a vela num temporal, e meu remo não se deixava bater facilmente pelo remo de pá de qualquer jacumaúba pescador de piabas.

Saíamos quase sempre no segredo da primeira madrugada e chegávamos ao sítio ao repontar do sol.

Ah! que deliciosos passeios! Que belas manhãs frescas, deslizadas por entre os mangais, sentindo-se recender forte o odor salgado das maresias! E depois, lá no sítio, instalados na varanda de telha-vã, que prazer não era devorar o almoço, assentados todos em bancos de pau, de volta de uma mesa coberta de linho claro, a beber-se o vinho novo do caju por grandes canecas de terra vermelha! E depois — toca a brincar! toca a correr por aí afora, em pleno mato, cabelos ao vento, corpo e coração à larga!

E, à tarde, depois do jantar, quando a natureza principiava a cair nos desfalecimentos chorosos do crepúsculo, vínhamos todos assentar-nos na eira, defronte da casa, ouvindo o pio mavioso e plangente das sururinas que se acoitavam para dormir nas matas próximas. Então, Luís ia buscar a sua flauta, Rosinha o seu violão, e eu, acompanhado por eles, punha-me a cantar as modas mais bonitas de minha terra.

D. Mariana e o Cunha gostavam de ouvir-me cantar. Nesse tempo a minha voz tinha ainda, como minha alma, toda a frescura da inocência.

À noite, enfim, metiam-se de novo no balaio as vasilhas do farnel, carregava-se com tudo para bordo da canoa, estendia-se por cima uma vela de lona, em que no assentávamos os três, Luís, a irmã e eu; o Cunha tomava conta do leme, com a mulher ao lado; três escravos encarregavam-se dos remos; e rebatíamos para a cidade.

Tanto era risonha e viva a ida pela manhã, quanto era arrastada e quase triste a volta pela noite. D. Mariana começava a cabecear de sono; o Cunha punha-se a falar conosco sobre as nossas obrigações de aula no dia seguinte; Luís em geral deitava-se com a cabeça no regaço da irmã; e eu esticava-me sobre a lona, de rosto para o céu, a olhar as estrêlas.

Uma noite voltávamos do sítio nessas condições. Mas havia luar.

E que luar! Desse que parece feito para quem anda embarcado; desse que vai espalhando pelo caminho adiante brancos fantasmas que soluçam, correndo pelas águas, surgindo e desaparecendo com as suas mortalhas de prata, numa agonia de morte, como se fossem as almas aflitas dos afogados.

Tínhamos já passado Vinhais havia muito e íamos agora deixando atrás de nós, uma por uma, todas as velhas quintas do Caminho-Grande, que dão um lado para o Anil. D. Mariana toscanejava como de costume, recostada numa almofada, o rosto pousado na palma da mão; Rosinha, com um braço fora da canoa, brincava pensativa, com as pontas dos dedos na orla fosforescente que se fazia nas águas a cada rumorosa braceagem dos remos; Luís cantarolava distraído; o velho Cunha, vergado sobre o braço do leme, com o seu grande chapéu de carnaúba derreado para a nuca, a camisa e o casaco de brim pardo abertos sobre o peito, fitava as praias que íamos percorrendo, como se a beleza daquela noite do Norte e a solidão daquele formoso rio azul lhe enleassem traiçoeiramente o espírito burguês, fazendo o milagre de arrebatá-lo para um devaneio contemplativo e poético.

Qual! No fim de longo recolhimento, quando passávamos em certa altura do rio, disse-me ele com um suspiro de lástima:

— Que desperdício de dinheiro e quanta incúria vai por aqui!... Vês aquelas ruínas cobertas de mato? aqui foi principiado há bem quarenta anos para um grande armazém de alfândega... nunca passou do começo! Teve a mesma sorte do cais da Sagração e do dique das Mercês!

Que gente!

E eu pus-me a considerar as ruínas, que pareciam crescer à luz do luar; e o Cunha, possuído de uma febre de censura, continuava a derramar pelas tristes águas do Anil a sua cansada indignação contra os malditos presidentes de província, que tão mal cuidavam da nossa pobre e querida capital.

E, à marcha monótona e vagarosa da canoa, ia-se desdobrando lentamente ao lado de

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

nós todo o flanco alcantilado da cidade.

Surgiu à distância o largo dos Remédios, elevando-se da praia como um velho baluarte dos tempos guerreiros.

Ouvia-se já um rumor tristonho de casuarinas.

— Está ali! exclamou o Cunha estendendo o braço para o lado de terra. Para que esbanjar dinheiro com uma estátua daquela ordem, quando há por aí tanta cousa de necessidade séria de que se não cuida?...

Olhei a direção que o Cunha indicava e vi a estátua de Gonçalves Dias, erguida no meio do largo dos Remédios, toda branca, muito alta, triste ao luar como a solitária coluna de um túmulo.

Não achei ânimo nem palavras para protestar contra o que dizia o velho Cunha. De Gonçalves Dias sabia apenas que fora um poeta infeliz e nada mais.

— É! rosnou o pobre homem. Para o luxo de encarapitar aquele grande boneco no tope daquele imenso canulo de mármore — houve dinheiro! E dinheiro grosso! Todo o povo do Maranhão concorreu! Ao passo que para concluir o trapiche de Campos Melo, que é uma necessidade reclamada todos os dias pelo comércio, não apareceu ainda quem se mexesse? Súcia de doidos! Isto é uma cousa tão revoltante que, eu confesso, chego quase a arrepender-me de me ter naturalizado!

Tornei a olhar para a estátua e, não sei por quê, as palavras do velho Cunha não me produziram desta vez a impressão de respeito que costumavam exercer sobre o meu espírito de criança. Pungia-me aquilo até como uma blasfêmia cuspida sobre uma imagem sagrada. Lá em casa de minha família todos veneravam a memória do nosso poeta, e na escola onde eu aprendia a escrever a língua portuguêsa o meu próprio mestre lhe chamava a ele mestre.

No entanto, não opus uma palavra de defesa; mas, fitando agora de mais perto a branca figura de pedra, que na sua mudez gloriosa encara aquele mesmo mar que serviu de sepultura ao cantor das palmeiras de minha terra, achei-lhe o ar tão tranqüilo, tão superior, tão distante de mim e do Cunha, que balbuciei para este timidamente:

— Mas, seu Cunha, se o povo lhe fez aquela estátua, é porque ele naturalmente a mereceu, coitado!

— Mereceu?! Por quê? O que foi que ele fez?... "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá. As aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá"?! Está aí o que ele fez! Fez versos!

E o Cunha, no auge da sua indignação, redobrou de fúria contra a loucura dos homens, que levantavam estátuas a poetas em vez de cuidar dos trapiches que o comércio a retalho reclamava.

Nesse instante a canoa deslizava justamente por defronte do largo dos Remédios.

A lua, perdida e só no meio do céu luminoso, banhava no seu misterioso eflúvio a imóvel e branca figura de mármore.

E Rosinha, que não prestara atenção à nossa conversa, abriu a cantar, com sua voz cristalina de donzela, uma das cantigas mais populares do Brasil:

"Se queres saber os meios
Por que às vezes me arrebata
Na asas do pensamento
A poesia tão grata;
Por que vejo nos meus sonhos
Tantos anjinhos dos céus,
Vem comigo, oh doce amada!
Que eu te direi os caminhos
Donde se enxergam os anjinhos,
Donde se trata com Deus."

E aquela menina, na sua virginal singeleza, estava desafrontando Gonçalves Dias, porque são dele os versos que ela ia cantando aos pés da sua estátua, inocentemente; rendendo, sem saber, enquanto o pai o amaldiçoava, o maior preito que se pode render a um poeta: repetir-lhe os versos, sem indagar quem os fez.

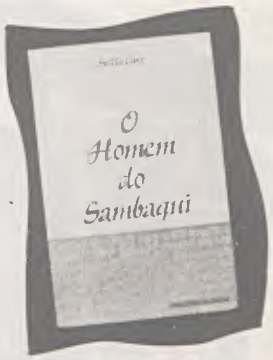
Não sou supersticioso, nem o era nesse tempo, apesar dos meus treze anos, mas quis parecer-me que naquele momento a estátua sorriu.

Efeitos do luar, naturalmente.

EDIÇÕES QUÍRON

À venda nas boas livrarias
ou
Reembolso Postal: Edições Quíron Ltda.
Rua Carlos Steinen, 40
(04004) S. Paulo

30,



Peça por reembolso postal à Vertente Editora Ltda.

20,

Peça por reembolso postal à Vertente Editora Ltda..

25,

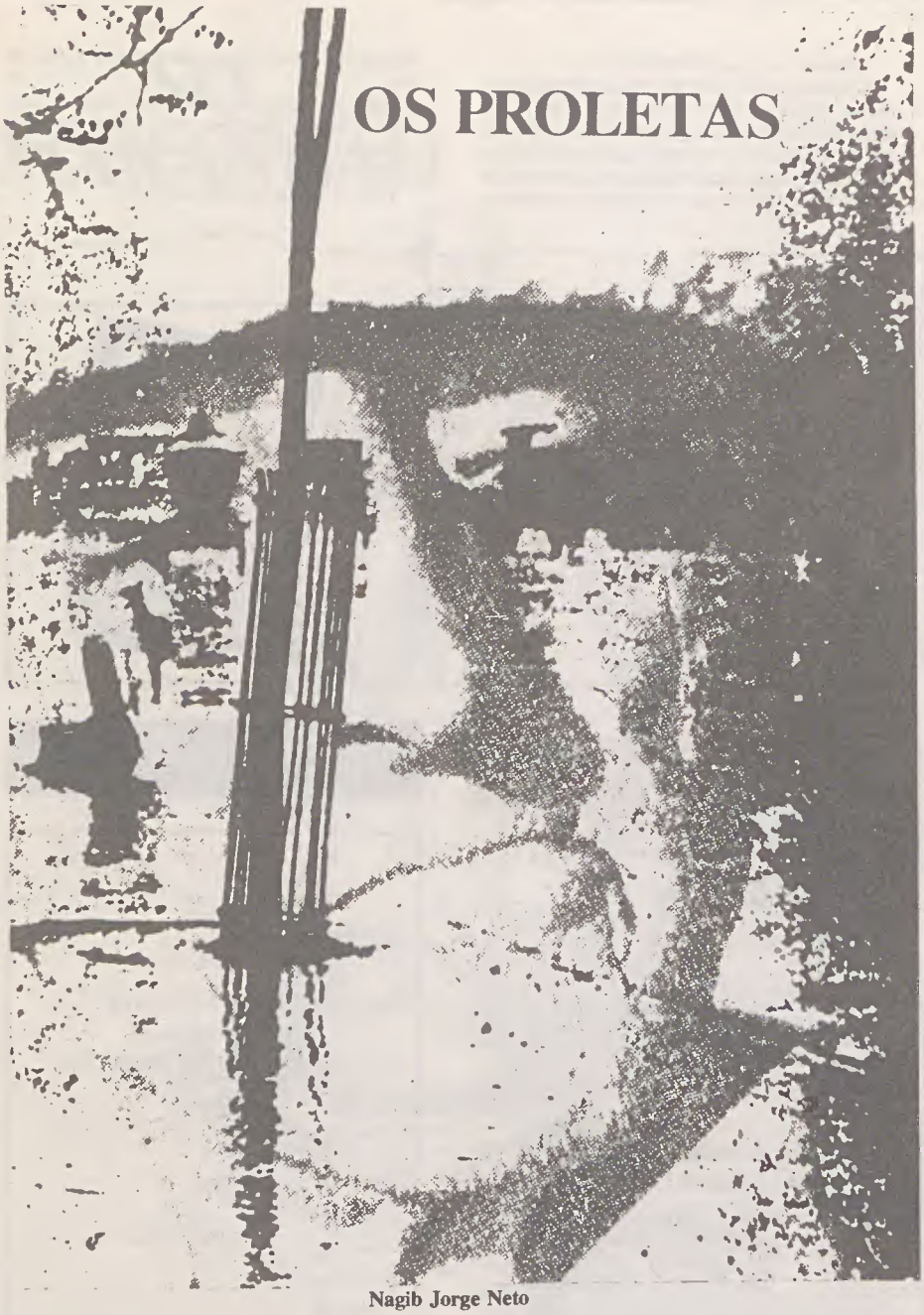
ASSINE ESCRITA

Por Cr$ 50,00 seis meses de literatura em sua casa. Envie cheque visado ou vale postal à Vertente Editora Ltda., rua Monte Alegre, 1434, 05014 - São Paulo (SP).

ASSINE ESCRITA

1.º LUGAR EM PARIS
10 SEMANAS
NA LISTA DOS MAIS VENDIDOS

OS PROLETAS



Nagib Jorge Neto

Em 1972 o maranhense Nagib Jorge Neto lançou O Presidente de Esporas. *"Os Proletas" é um conto do seu próximo livro,* As Três Princesas Perderam o Encanto na Boca da Noite. *Radicado em Recife, Nagib, que é editor de um jornal e redator de publicidade, está reformulando algumas peças de teatro.*

É uma manhã de céu azul, sol quente, e os homens vêm em grupos, silenciosos, mal vestidos e sofridos. Homens de agora, mas náufragos do seco, eles evocam o passado da área, quando as águas invadiam terras, casas, batiam na fragilidade dos corpos, dos tetos, e afogavam pessoas, animais e coisas. As águas não tinham tanta força, violência incontida, peso insuportável, contudo navegavam sobre a miséria, a pobreza, e matavam, e desabrigavam, tornando a fraqueza maior e constantes o sofrimento e a morte.

Esse tempo, perdido na distância, a zona dos Afogados esqueceu, e nesse instante, distraída e de memória morta, mal sabe dos homens que descem aos poucos, humildes e medrosos, em busca da fonte de água fina e clara, na qual podem erguer os braços, as vozes, ou sentarem-se sem esperança, cansados e abatidos.

Nesse momento, em pequeno número, os homens sentam-se na amurada da fonte e ficam a esperar, esperar. Espera, espera, e a gente da rua (ela não sabe da agonia de afogar-se, nem se lembra dos que sumiram nas águas) começa a olhar os invasores, os estranhos saídos do suor, da lágrima, do casebre e da dor. Toda a gente fica ansiosa e inquieta: nesta hora há braços cruzados, calma, paz. E logo mais, o que haverá?-

Não demora, não tarda muito, e a fonte vai ficar cheia de gente, de barulho, de vozes, de palavras contra o governo, contra os ricos, contra os patrões.

É inevitável e a rua dos Afogados faz uma idéia do que pode acontecer, teme uma desgraça, mas ainda é cedo. Além de cedo, a rua, por sua gente (de passado triste e presente feliz), sabe que os homens suados e pobres têm uma vida dura — passam fome e sofrem, trabalham muito e ganham pouco, ou não trabalham e não ganham nada. Uma lástima, uma tristeza, uma injustiça — e assim a gente toda exercita-se na solidariedade, desabafa e critica o governo, sempre em voz baixa e com cautela. Prudente, cada frase tem um significado amplo: uma lástima — a omissão do governo; uma tristeza — a vida cara; uma injustiça — as privações dos homens sofridos. Tudo isto, reconhecido de modo tímido, produz um sopro de compreensão, uma inclinação para a ternura, apesar da inquietação e da ameaça de espanto.

Há mulheres nas janelas, conversas, e nas casas comerciais existe um misto de expectativa e acolhimento. Outra crise, ou falsa crise, e a empresa, de portas cerradas, silenciosa, não paga um centavo a ninguém, põe vigias rancorosos nas imediações e faz ameaças de prisão e violência. A revolta está latente, a cidade toda sabe que os empregados vão descer, que outra vez a rua dos Afogados terá centenas, talvez milhares, todos agitados, raivosos, sacudindo a paz dos almoços, dos jantares, das idas e vindas e dos papos tranqüilos nas calçadas, ao fim da tarde ou à noite.

A cidade, medrosa e nervosa, também desce para a rua dos Afogados. Que quer toda a gente? Uns querem a guerra, o sangue, outros apenas a crueldade verbal, o verbo ameaçando tudo, prometendo a queda, a destruição, o fim da injustiça. Os homens, em grupos maiores, estão mais suados. Esperam. Mas o padre de branco, com sua coragem e a força da fé, não chega para mostrar o caminho, garantir o entusiasmo e a certeza de que ninguém seria apanhado pela violência.

O padre demora; o deputado também só pode vir mais tarde, porque está tentando uma solução, e outros grupos de homens famintos, abandonados, ainda tardam, ninguém sabe por qual razão. Em lugar dos que atrasam, os estudantes vêm coloridos, em algazarra, formando bandos, fazendo brincadeiras e buscando alguma coisa para matar o tempo e vencer a manhã. A rua é longa, há campainhas para tocar, latas de lixo para atravancar o trânsito, e o tempo corre entre risadas e perigos. Adiante, um pouco distante, aquele monte de gente.

— Ei, turma! Vê quanto proleta!

Os proletas estão cada vez mais próximos, sentados, de pé e esperando, esperando. É hora de bagunçar, fazer algazarra, todavia as caras estão fechadas, amarguradas, e só cabe fazer perguntas. Um grupo de homens explica. Sabem o que é? Todo mundo aqui está desempregado, passando fome. Mais fome do que no tempo em que os patrões pagavam uma miséria, atrasavam e enganavam meio mundo.

— Essa gente toda está passando fome?

— Se fosse só essa, estava bem. Tem muito mais.

— Olha aí, turma, não pode!

Não pode, não pode, o coro ganhou força, e jovens simpáticos ficaram horrorizados, moças lindas apiedadas, até que a coleta começou a ser feita. Os trocados caíram como por encanto, tiniram em mãos e lenços, até camisas, e logo viraram biscoito, bolacha, doce, refrigerante. A multidão ficou sentada, comendo, bebendo, e no correr do lanche um cidadão idoso, suado, subiu na amurada da fonte.

Poucas palavras: a mocidade generosa, o futuro do país, estavam de mãos dadas com os operários. Era a velha história: uma varinha só se quebra, mas muitas varinhas, todas unidas, ninguém pode sequer torcer.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Palmas. O cidadão suado desce, as fardas se agitam, se escondem, se encolhem, há um jogo de empurra-empurra, até que uma voz trêmula, salta de um rosto pálido. Nos saltos, perturbados por tropeços, a promessa de apoio, a exigência de justiça. Justiça! é o grito que une os jovens e invade a fonte.

Mais de meio-dia. Na ladeira, em algazarra, com suas fardas coloridas, os estudantes vão sumindo. As filas de ônibus estão perto, alguns não têm nenhum trocado, e vingam os lamentos, os xingamentos. E agora? Merda, a gente está duro, aqueles porras daqueles proletas levaram todo o dinheiro da gente.

— Pessoal, pára aí um pouco. Tem gente lisa, sem dinheiro para ir pra casa. Vamos fazer uma vaquinha rápida. Vaquinha, vaquinha, que os proletas pelaram a gente, aqueles porras.

Quem tem, quem não tem, toma daqui, toma dacolá, tem um grupo que não pode dar nada, está combinado um cinema à tarde. Os lamentos crescem e os que sobraram ficaram na pior, bolam planos para arrancar, na praça, os trocados de amigos. Ou então bater nas casas dos parentes para contar que não há dinheiro para o ônibus, porque todo trocado virou bolacha, biscoito, doce e no final deu em merda.

A tarde cai sobre a rua e esquenta a fonte, que lembra uma arena. Além dos prédios que cercam a área, dispostos em forma de quadrado, há a amurada, de onde os homens se vêem observados, vigiados, enquanto esperam os que tardam, tardam e não chegam. Eles se mantêm quietos, desarmados, mas das janelas, das portas, das calçadas, surgem os sinais de temores, de expectativa de luta e sangue.

Entardece, há mais gente, maior barulho, e vozes que fazem eco por toda a fonte. E a fonte vira praça, campo de batalha, instrumento de combate, tudo no verbo, porque os desgarrados acostumaram-se ao verbo, à palavra, à voz que consola, chicoteia e castiga os culpados. Quem são os culpados? O padre de branco — alto, corado — levanta os braços, ergue a voz e condena o bispo, a igreja, os ricos.

Ele não está só: ao seu lado o Cristo, que sofreu com os humildes, por eles morreu na cruz. Na sua voz, no seu caminho certo, a força do Evangelho, que acha mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. A multidão se agita, fica a um passo da revolta, e outros sobem na amurada, falam em derrubar os que exploram, enriquecem e fazem crescer sobre a miséria o poder da injustiça.

— Onde está a justiça?

Ninguém sabe, ninguém viu, ou se viu, a deusa ingrata, ela estava de olhos tão vendados que não percebia um dos pratos da balança pender para um só lado. O povo fica alegre e raivoso, há palmas e gritos, e o medo passa a jorrar da fonte. Uma senhora de cabelos brancos, rosto severo, não admite que se permita tanto barulho, tanta conversa desastrosa, pois no seu tempo havia ordem e cada pobre sabia do seu lugar. Mas o tempo enloqueceu, os pobres já deixam o lodo que habitam e vêm, agressivos e atrevidos, salpicar de lama quem não tem nada com a confusão do mundo.

Um vereador pede calma, um deputado sustenta que ali estão homens pacíficos, ordeiros, que só querem justiça e, à espera dela, com toda certeza, voltarão para suas casas, confiantes na sensibilidade e humanidade dos governantes. Havia crise, desemprego, mas ninguém estava de braços cruzados diante de tudo, já que o povo, na praça, era prova de protesto, da disposição de luta, da decisão de exercer seu direito, voltar sempre. No final, uma frase emprestada, gasta, surrada: a praça é do povo como o céu é do condor.

Palmas, entusiasmo, e o medo avança pela rua, perturba o fim da tarde. As portas se fecham, o comércio teme o saque, e no interior das residências há resmungos, desejo de que tudo acabe logo. E a polícia? Onde está a polícia?

Os homens suados estão sem trabalho, com fome, mas por que vieram, como tantos outros, em tantas vezes, para aquela fonte? Por acaso, não sabem que ali é um lugar pacato, de gente tranqüila, humana, que não gosta de agitação? É claro que sabem, a cidade toda conhece o hábito da gente da fonte, que se reúne nas calçadas, aproveita o fim da tarde e a brisa da noite, num costume saudável de conversar, tocar violão, jogar, tomar café e comer qualquer coisa.

Mas tudo isto parece não significar nada para os invasores, que acharam pouco a manhã, a maior parte da tarde, entraram pela noite, trazendo o desassossego e a baderna. E a polícia? E a polícia que não vem? Numa hora dessas ela não chega, não cala os demagogos, não afasta os tipos suados, mal encarados, mal cheirosos, com certeza embriagados, armados, que podem a qualquer momento provocar uma desgraça, uma tragédia.

Um pouco distante está a polícia. Há soldados armados de cassetetes, outros de baionetas caladas e uns poucos, num caminhão, portando metralhadoras. Ninguém passa no rumo da fonte, há um bloqueio total na direção da rua dos Afogados e um advogado afoito que quer romper a barreira. Os soldados ameaçam reação, o homem da lei diz que passa e surge um homem de farda, superior, que encarna a própria ordem. O advogado dá um passo, alega o seu direito de ir e vir, e segue perseguido por olhares carregados de ódio.

Ele chega à fonte, e logo depois a polícia — que chega tarde, mas chega. Ela cerca a fonte, aumenta o medo, provoca correria, enquanto o deputado verbera contra a arbitrariedade. E clama: há um carro, bem perto daqui, cheio de metralhadoras, para massacrar o povo. O deputado inquieta-se com a ameaça, mas garante que ninguém deve temer: o povo estava em ordem, calmo, e o derramamento de sangue seria um crime revoltante, cuja culpa recairia sobre os seus autores.

Alguns pedem calma, tentam parlamentar, negociar, numa conversa que se arrasta entre insultos e tentativas de polidez. Os insultos crescem, do diálogo nasce a pancada, e vem pancada, pancada, olhos em frestas de janelas e portas, gritos, sangue. Um deputado, empunhando um revólver, atirando apenas palavrões, é derrubado por um jato d'água e não se ergue, nem volta, mas jura que o poder popular não ficará molhado em vão. Irritado, molhado, abatido, é retirado para um consultório médico, onde os palavrões brotam como cogumelos.

Os homens suados, machucados, alguns sangrando, somem da fonte. O padre de branco, com sua batina açoitada pelo vento, sai em busca do governador, do bispo, enquanto as portas se abrem na rua dos Afogados. Agora a água que jorra na fonte tem também manchas de sangue e ecos de dor. A rua fica entre a paz, o terror e a revolta. Não era preciso tanta violência, nem sangue, enfim os homens já sofriam tanto, sem comida e sem trabalho.

A revolta empurra o padre de branco, que anda rápido rumo ao seu Bispo e à sua Igreja. Nele busca socorro, amparo, uma medida drástica contra a violência, uma solidariedade aos operários. O Bispo está no fim de um imenso corredor, sentado numa cadeira de balanço, contraído e com expressão severa no rosto. Corpulento, não lembra um boi grande, parado e meditativo. O boi, ao menos quando medita, tem algum encanto, uma aparência de compreensão do mundo, das coisas, posição em que perde a sua condição de selvagem, irracional, capaz de investir e chifrar o que estiver pela frente.

Na cadeira, imóvel, o Bispo está inflexível, senhor de tudo. Superior na sua sabedoria, enorme na sua autoridade, o Bispo reduz a altura e a coragem do padre de branco. Ele mantém-se pequenino, dócil, e caminha timidamente, sem poder controlar os movimentos, as feições.

— Padre, o senhor não mediu as conseqüências do seu ato.

— Senhor Bispo, eu apenas quis servir à Igreja.

— Mas seus artigos, seus discursos, padre, estão instigando os operários à luta de classes. Isso a Igreja não aprova.

— Mas, Senhor, os operários foram atirados na miséria, estão desesperados e alguém tem de ajudar, de buscar uma saída, qualquer que seja.

— Padre, o seu comportamento vem comprometendo a Igreja e há muitas queixas que não podemos deixar de ouvir. Assim mesmo, ainda tem a proteção dela, que perdoa seu passado, seu envolvimento em política.

— Obrigado, Senhor Bispo.

— Sim, saiba também que os comunistas estão tentando utilizar a Igreja e sua força junto à pobreza. Concorda?

— Concordo, Senhor Bispo.

— Admite também, padre, que os comunistas terminaram desfigurando o papel da autoridade eclesiástica, jogando o Bispo contra os operários?

— Sim, admito.

— Padre, também é certo que no seu entusiasmo admitiu que a Igreja estava contra os desempregados, apesar de não ter recebido sanção para a campanha em favor deles? Concorda?

— Concordo, Senhor Bispo.

Os grilos entoaram uma cantiga sem fim para os lados da quinta do Bispo e o padre de branco desceu as escadas do palácio com sua batina pesando como se fosse de chumbo.

Vertente Editora Ltda.
15,
LIÇÕES DE PANICO
WLADYR NADER

NOVOS NOVOS

O carioca Alberto Dines, que foi editor-chefe do "Jornal do Brasil" e hoje dirige a sucursal da "Folha de S. Paulo" no Rio, é autor de dois livros de contos: *20 Histórias Curtas* (1960), com Esdras do Nascimento, Guido Wilmar Sassi e Isaac Piltcher, e *Posso?* (1972). Em 1974 recebeu menção honrosa no Prêmio Estadual de Literatura, da Guanabara, setor de poesia. *Segredo para Sobrar* é o seu primeiro poema publicado. Dos demais, um também é carioca (Raul), dois mineiros (Ailton e Henry) e um paulista (Lalo). Raul Miranda tem 21 anos, Arias 22. Os cinco foram selecionados entre mais de cem poemas. A extensão de *Mineiridade* impediu que saísse completo.

ALBERTO DINES

Segredo para Sobrar

Poesia é melhor.
Melhor? Mais útil.
Poesia é mais sutil para esconder,
guardar,
sobreviver.
Poesia é resumo, sumo das coisas.
Sumo com ela, ninguém percebe,
nem faro inquisitor e seu raro rancor.

Poesia não se rasga, não se queima, não se prende,
não se enforca, não se risca, não se barra, nem borra,
poesia, sabe-se de cor:
finca-se poesia no coração
e poesia se entoca.
Toca? Ninguém percebe.

Claro, poesia é melhor.
Melhor? Mais leve.
Carrega-se poesia no corpo,
disfarçada em pele,
de arrepio, não padece.
No calmo convívio com veias
poesia pulsa e se faz de trança
— amarrada, balança.
Presa, cresce.

Poesia é música? Das palavras sentidas,
dor em código fingindo doce.
Isto, censor algum apalpa e procura
em gaveta funda e escura.
A propria poesia é treva fechada,
só se ilumina para quem sofre.
Também sente o algoz? Depois.

Poesia, chora-se.
Quando terror está solto
e solta a mola
do medo remoto,
permite-se escorrer lágrima íntima.
Mas não se recolham
rimas molhadas, esbanjadas.
Deixá-las correr ao vento tétrico
e poesia seca.
Poesia seca,
fica.

Duravel é a poesia:
nas emergências, poesia se engole.
Escorrega pela goela como água de beijo
e fica latejando latente feito semente
depois, no devido tempo, poesia volta
na ponta dos dedos, peito, nuca, córnea, nervos,
então, poesia está pronta:
é gente.

Invasor fulo não fareja poesia
— verso não é presa, nem prêmio.
Poesia não conta,
poesia não vale nada.
Verdade? Espalhem:
poesia é bobagem.

Assim, disfarçado em imprestáveis versos escapei.
Sobrei.
Fiquei.

RAUL MIRANDA

Acordes

A minha viola nordestina
tem um cantar triste que dizem ser bonito.
Canto as minhas angústias e esperanças
que quase sempre morrem por falta de água.
Tenho uma língua ferina de repentista
que de tanto medo virou nortista.
O barulho de meu estômago faminto
é quem ritma as minhas músicas.
A minha viola modesta
molesta os coronéis de botas e esporas
que cravam em minha língua ferina, ferida.
Era preciso formar um só som
com todas as violas nordestinas deste país
onde ao norte fica a noite e a morte.

AILTON SANTOS

Sabatina 1

Como espantar o ácido pânico
— íntimo conviva desde a lenda infância -
com portas janelas e sorriso abertos para o caos
de sobreviver domingo a domingo
em pacto com o vil espetáculo?

Ouço algo a pendular nos ossos...
O algoz a calcular o golpe?
Mergulho meu corpo na cama fria

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

NOVOS

em lençóis de sábado e mil olhos.
Inútil:
de novo o pêndulo e o pânico sábado...
Sábado pânico pêndulo...
(pare olhe escute)
Me encolho engulo saliva em pedra
me enojo, me quero surdo mudo.
Mas a rua me avisa do pânico
das janelas abertas para o caos
de sobreviver

- por cautela -
imune ao mágico cio
da noite e do dia,
do quente e do frio
do pejo e do puro
da tara e do lírio
do salto e do mito
do rito e da febre.

Como espantar o ácido pânico
que pendula em meus ossos
pelas portas janelas cautelas
abertas para o caos de sobreviver?

HENRY CORREA DE ARAÚJO

Mineiridade
fragmento

Minas em mim, pecuniária
com seus ais e seus avais

as tetas
as tretas
as retretas
as telas, as teias ameias

Minas em mim
com seus ais a mais.

Minas, laço de gravata
punhal de prata e chibata

Minas em mim
com seus ais visuais.

Minas e este ler sem lentes
nos sulcos da memória

Minas em mim
com suas lavras escravas.

o pulo sobre o muro
o urro, o murro
o sussurro no escuro
os grávidos grifos do grito
na agonia das palavras

Minas em mim
com seus ais virtuais.

NOVOS

Minas e sua mineira idade:
os charcos
os chafarizes
as várias raízes
as várzeas
as varizes

Minas em mim
e sua meia verdade:
a conjura ação

Minas em mim
com seus ais vitrais.

o barroco, o logro
as graves (suaves) aves do agouro
O picadeiro e a picardia
no ouro das abadias.

LALO ARIAS

Hermano

É ele quem voa e sua enquanto durmo
ou resmungo essas coisas que comprometem.
Ele aparece ruivo ou elabora
uma arte de voar ou planta verduras
e as colhe ou sonha florestas
de dançarinas e lagos eternos
sem tamanhos regulares.
O que ele sempre foi quando deitado:
suporta o peso das demolições
e enfrenta a dimensão das paredes
a serem destruídas; sempre deitado
rabiscando uma palavra infantil,
dessas que não se ouvem mais
depois que se cresce.
O que ele é sempre, criança e irmão,
procurando medir o diâmetro total
dos polos em algum astro
ou conversando com a pequena imensidão
dos bosques frente ao universo
e ao calor desértico.
Deita todas as placas, os avisos,
e pinta tudo com outras cores inventadas.
Me pertence, esse gênio, anjo
sem auréola e asas, quando caminha
baixo às chicotadas de chuva ou ódio;
enquanto eu sou eternamente pequeno,
interno e visível, preso e prisão.
O que sou enquanto ele dança
e se comunga com vinho e farinha
é o que me completa a ele,
é o que conforma e faz morrer,
faz vencer, perder, renascer...

Atenção, poetas!
Os autores publicados nestas páginas terão direito a uma assinatura semestral de Escrita.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

NOVOS NOVOS

Fernando Portela e Urariano Mota de Santa são de Pernambuco. Álvaro Meira é baiano e Tavinho Paes carioca. O repórter Portela ("Jornal da Tarde", São Paulo) publicou Leonora Premiada, *contos. Urariano tem 25 anos, é funcionário público e pai de duas meninas. Em 1970 Meira lançou o romance* Boa Viagem, Deputado, *em edição limitada. Tem um outro, inédito,* A Ilha Perdida. *Tavinho Paes preparou* Fome, *"seleção de contos digestivos e pratos comerciais", a partir do cardápio de um restaurante parisiense. Recebemos num mês 57 contos. Quatro estão nestas páginas.*

Mais uma Noite Feliz

Fernando Portela

Foi um dia muito bonito, o de ontem, e eu estava especialmente calmo. Surpreendi a todos: a mulher, meus três meninos, aquele sujeito que tenta conversar comigo na praia todos os dias, e a mim mesmo, nadando um *crawl* perfeito, ritmado, profissional, no mar que também estava calmo. Não dei nenhum grito com as crianças e imitei, para minha mulher, os trejeitos de Robert Willy, o seu charme, a sua calma, *Boll-Bob,* como dizem aquelas fêmeas lindas do seriado policial, *Boll-Bob,* o Super Agente calmo e eficiente de uma Super Interpol. Um exemplo:

MINHA MULHER (empapada de bronzeador, brilhando como uma foca):

— Você me ama, querido?

EU (calmo, meu Deus, irritantemente calmo, levantando-me com um salto elegante, sem jogar areia na cara de ninguém perto, como *Boll-Bob* o faria, e olhando-a, entre o distraído e cavalheiresco, que é a característica principal de Robert Willy, digo-lhe pausadamente, como se fosse em inglês, digo-lhe até com sinceridade e sem a irresistível vontade de espancá-la, que nos dias comuns me ataca, de rasgar-lhe as banhas com as unhas, digo-lhe):

— Para provar-lhe isso, querida, passarei um pouco de óleo aqui — aqui — cinco centímetros acima da região glútea, lado esquerdo, e um pouco nas costelas (costelas- eh, eh, eu nunca lhe via as costelas), para que o seu corpinho (ela nunca percebeu minhas ironias, pouco sutis) fique unânimemente bronzeado.

Na verdade, não sei se o *Boll-Bob* usaria o "unânimemente bronzeado". Na hora, a expressão me pareceu bem pobre. Talvez ficasse melhor um "para que as manchas brancas do seu corpinho sejam apenas aquelas da nossa intimidade, aquelas que a moral pública do Mediterrâneo (o *Boll-Bob* costuma agir no Verão italiano) não permite expor ao sol". Depois, brindando o uísque no copo tilintante (o áudio da nossa tevê é perfeito) e sorrindo com a metade dos dentes, completaria: "*Ainda* não permite". Sorrindo, com a minha/sua malícia tão cansada como persuasiva. E, se fosse uma daquelas adoráveis fêmeas do Robert Willy, e não este lamentável corpo humano, ela também sorriria, conivente, antevendo a trepada sensacional de horas mais tarde, depois que o Bob aniquilasse parte de uma grande quadrilha de entorpecentes, com sede em Hong-Kong ou Honolulu, para onde ele viajará no próximo sábado. Clic.

Sim, sim, muito calmo. Tão calmo para garantir a mim mesmo toda a tranqüilidade necessária ao confronto com o provável assaltante que tentará me matar daqui a pouco, quando desligarem a tevê e eu ficar sozinho no terraço, balançando-me suavemente na rede, e lendo com atenção o artigo do *New York Times* falando que até o Departamento de Estado anda meio preocupado com a entrada ilegal de toneladas de diamantes no país. Eu nunca teria coragem de contrabandear diamantes porque isso me colocaria face a face com o *Boll-Bob,* ele com sua pistola leve, calibre 22, eu com meus quatro agentes chineses a me darem cobertura, mas ele pulando de lado com seu *summer* por trás de uma caixa de sardinhas enlatadas (estamos nas docas de algum lugar), a derrubar meus agentes, um por um, e, depois de perder a pistola, perseguir-me — que homem, meu Deus, que homem! — pulando sobre as caixas, lépido, escapando dos meus tiros quase certeiros, agora está atrás de um enorme molho de cordas, de repente me pula nas costas, e eu pensava que ele estava lá, e me desarma, mas não sem um pouco de luta.

EU (ofegante, subitamente parecido com minha mulher, o suor brilhando na cara gorda):

— Está bem, Bob, está bem... só tenho uma coisa a lhe pedir, eu...

Ele, enfurecido, não quer me ouvir, arrebenta-me a cara com três socos dispensáveis.

— Pare, *Boll-Bob,* não me mate, pelo amor de Deus...

— Verme! Você sujou o meu *summer*...

— Não, não, Bob, pare, podemos conversar um pouco, não quero lhe fazer nenhuma proposta, sei que você é fiel ao Mundo Livre, e que é bem pago, muito bem pago Bob, só tenho um pedido a lhe fazer e sei que ganhará com isso...

— Fala então, porco!

(Sou mesmo um porco. Por um momento, hesito. Acho que ele vai voltar a me espancar.)

— Eu falo, olhe, *look,* Bob, pode parecer ridículo, mas eu sei que vocês não me torturarão, isso é contra os princípios do seu Governo, e nem vão precisar disso, eu conto tudo, tudo, pode ser ridículo, mas em troca eu queria... Bob, eu digo tudo, entrego a Organização, dou os endereços, a sede é em Hong-Kong, Bob, acredite...

A sua roupa está realmente imprestável para a grande noite do Cassino de Beirute... mas não estamos na Itália? Sua roupa está suja, pobre Bob, mas parece que ele não vai me bater outra vez.

— Fala, mafioso! (sim, na Itália).

— Olha, Bob, é ridículo, mas eu só queria, eu só queria...

— Diga de uma vez!

— ... que você me cedesse aquela mulher da praia, Bob, aquela morena que estava ao seu lado, lembra?

Surpreso: Quem... Christine? (ele não sabe, certamente, o sobrenome).

— É, a morena em que você passou óleo, hoje de manhã, eu queria, eu queria dormir com ela. É isso, *Boll-Bob,* dormir com ela.

É raro o programa em que ele ri assim — algo que não se pode chamar de gargalhada — com todos os dentes.

— Aquela... gata? Ora, meu velho, à vontade, é toda sua!

Ele terá outras, quantas queira. Mas não estou decepcionado. Ro-

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

bert Willy me dá a mão direita e puxa-me da rede com uma força que eu não suspeitava, apesar dos socos. Depois que eu recupero o equilíbrio, ele me enlaça os ombros, como um velho amigo, ainda ri um pouco, abre suavemente a porta da sala, pede-me silêncio para que a Coisa Gorda e as três crianças não acordem e deixa-me à porta do banheiro onde me dá um adeus muito pessoal, uma espécie de continência.

— Mas, Bob — sussurro — você não quer os endereços em Hong-Kong?

— Psiu — diz ele baixinho, apontando-me a porta do banheiro.

Como sou burro: ele não trabalha sozinho, claro, os sub-agentes já levantaram toda a ficha da Organização.

— Bob, muito obrigado.

Eu, Ernesto Nazareth de Oliveira, gerente de banco, 32 anos, fiz um sacrifício muito grande para dar um mês de praia à minha família, tiro a roupa, sento-me na privada, apóio os pés na banheira, apanho um pedaço de papel higiênio com a mão direita, passo-o para a esquerda, fecho os olhos e espero a chegada de Christine para outra noite mais feliz da minha vida.

Contista

Urariano Mota de Santana

Birôs espalhados em fila procurando externar ordem e estética, mas na verdade deixando a impressão de arrumação tangida pelo vento. Fichas sujas e sebosas empilhadas. Faz tarde. A modorra perdura secularmente do teto. Ela bate o tempo, dá as horas, os dias e as semanas. Um ar podre antigo presente vence o cheiro artificial de desinfetantes. Há indícios de sinais criptográficos, códigos inidentificáveis, esfinges esdrúxulas, múmias senhoriais. Ruídos vagos, bocejos, deslizar de tinta em folhas amarelecidas compõem o ritual. Um verme cego, que por tato escorrega em conhecidos caminhos, movimenta-se. Antes, é forçado, raivoso, a sair da pachorrenta batida estrada por externo elemento. Numa repartição, algo não segue as normas.

— Profissão? O velho de cabeça baixa anotando.

— Contista. Vinte e cinco anos, cara de adolescente. Meio assustado, a palavra saiu espontânea, impulsiva demais pra ser contida.

— Contador, o senhor quer dizer. Seja mais objetivo.

— Não senhor, contista mesmo.

— Vá lá, é mais uma inovação. Con-tis-ta... quanto percebe?

— Varia, é por maré. Se aceitam os contos, muito bem. Se não, vou comer minhas broinhas de fubá mimoso.

— Não importune, moço. Careca erguida. A boca desdenhosa, arremedando as mãos nos quartos de uma pose velhamente conhecida. Imponente. Senhor supremo dos birôs e relatórios, faraonicamente incrustado nas bandeiras do salão. O que tem a ver contos com contad... contista?

— Contista. Aquele que escreve contos, que vem a ser um seccionamento da vida, um microcosmos significativo. Substantivo, masculino. Dependendo da afinação entre escritor, editor, leitor, profissão também. E por profissão...

— Não me interessa o que é profissão, conto, ou contista. Conversa mole. Fale em bom português.

— Eu escrevo. Procuro viver disso.

Resmungando, "escritor". Soletrando na anotação: "ganhos flutuantes, situação flutuante. Segundo palavras do próprio, é por maré." Os olhos acesos, cheios daquela luz baça, fantasmagórica, de vela acesa alumiando os buracos do espantalho de mamão: — Muito bem. E o que o senhor escreve? Anedotas, panfletos, cartas à namorada?

— De tudo um pouco. Tudo é instrumento. Uma dor de cotovelo, uma rua, uma criança, um adolescente.

Arremedando, "tudo é instrumento". Aos resmungos, no papel, feliz na soletração, destacando as sílabas como no enunciado mágico de frase de Cabala: "pro-se-li-tis-mo". A careca mais alta, exuberante da própria sapiência: — Então os fins justificam o meio, hem meu caro? Entre sério e desdenhoso: — E o que o senhor pretende com ruas, mulheres e crianças?

Contista olha pela janela, percebe sem ver montanhas de papel, processos a arquivar, canais competentes, esbarra lá fora na inútil paisagem:

— Acordar roncadores, ou simplesmente manter-me acordado. Dormir cansa. O sangue se injeta no crânio, a face se crispa verde, o pimentão arde raivoso: — Mas o senhor delira! Então cansa dormir? Então o senhor vem me dizer primeiro que vive de escrever, depois que perambula sonâmbulo por ruas mulheres crianças, sei lá que mais?! Expresse-se com respeito.

— Perdão, mas o senhor me permite uma pergunta? Que faz o senhor ao fim de um dia, no quarto?

O inquisidor se transforma, abate-se na santa auto-flagelação, e se confessa, piedoso: — Rezo. Rezo, me deito e mergulho no sono dos justos. E daí?

Distante, como se tivesse diante de si um mero objeto de exercício, argamassa que, se não presta, joga-se ao lixo: — Se lhe interessa, não consigo dormir. Rolo pela cama incessantemente, a ponto de ter os olhos vermelhos pela manhã.

— E daí?

Vira-se. Modelador e modelado enfrentam-se: — Daí que, enquanto o senhor dorme, eu penso. Penso a ponto de que quando o senhor acorda de um bom sono eu já me encontro em franco delírio.

Enjoado, superior: — Momices, menino. Vá arranjar um trabalho honesto. Passar bem.

A careca se volta novamente sobre a papelada. Sua. Risca malhumorado o contista. Caprichosamente desenha no imenso livro. "SEM OCUPAÇÃO DEFINIDA" surge em letras garrafais.

Auras da Noite

Álvaro Meira

A lembrança de Marilda me acompanha os passos nesta noite. Andando e ruminando, entro em bares desertos, peço chopes que mal bebo, apenas um pretexto para descansar as pernas fatigadas e deixar-me ficar sem estranheza nesses lugares esconsos.

Às vezes, surpreendo o olhar curioso dos garçons, a me fitarem com seus olhos vermelhos de fumaça e noites indormidas.

Trechos de conversa chegam até mim, antes de se dissiparem no ar, sem que me dê ao trabalho de identificar quem fala: o prosaísmo de sempre.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

Saio, em seguida, o copo ao meio, o líquido espesso, a evitável gorjeta sobre o marmorite sulcado. Na porta, antes de reingressar na noite, volto-me. O garçom com um ar de derrota, acabava de limpar a mesa, com a ausência de entusiasmo da profissão, e recolhia agora os níqueis, garrafa e copo — seu mister monótono.

Na rua, postes afastados balizam a solidão. A luz exangue, passantes apressados recolhem-se ao lar. Vem-me à memória, sem motivo plausível, "As mãos do Sr. Otermore". E, na calçada molhada, pois choveu há pouco, soam meus passos, cavos.

Deve ter chovido quando me encontrava naquele último bar. Perto da esquina, paro. Como um navio ancorado, ou ilha servida por tênue farol onde se recolhem náufragos, lá está o bar, no extremo da rua.

Tenho desejos de voltar — antes que o bar se feche —, abrigar-me.

Não deve estar longe o mar, visto sentir no rosto seu hálito pungente. Mar e coqueiros, praias sem fim, manhãs de névoa baixa...

Assim íamos às vezes — eu e Marilda — experimentar o gosto da solidão, o inigualável e esquisito prazer de não ver interrompidos por interferências vulgares nossos silêncios longos. A areia, úmida, cedia um pouco aos nossos pés. Caminhávamos e caminhávamos, procurando um além que se afastava sempre. E curvas distantes de novo nos chamavam para o mistério do que viria depois...

Chego a uma praça, onde um relógio registra o tempo que flui, indesviável, enquanto vai sugando a noite.

A essa hora a noite já não tem esperas — eis o segredo de sua melancolia.

Há um parque ao lado. Bancos ocultam-se na folhagem densa e as alamedas do jardim têm um brilho fosco.

Porque é sábado, ouvem-se risadas de motoristas de táxi contando anedotas, enquanto aguardam o fim de alguma festa. Casais abraçados voltam de qualquer parte, como comediantes cansados.

Sento-me de costas para o bosque escuro e espero com paciência a luz do novo dia.

Atenção, contistas!
Os autores publicados nestas páginas terão direito a uma assinatura semestral de Escrita.

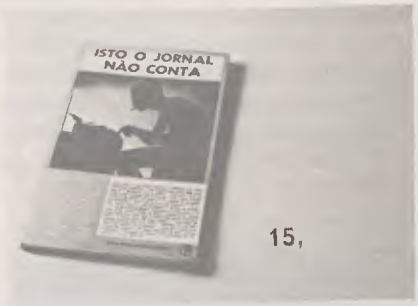
Hors - d'oeuvre: O convite

Tavinho Paes

quase não dava para encontrá-lo no escritório, naquele dia em que tudo aconteceu... eu estava meia hora atrasado, pois o frescão pegou um terrível engarrafamento na avenida principal da cidade... sempre tinha uma desculpa dos diabos... ele sempre aceitava... mas já era tarde... ele estava saindo quando me avistou saltando vomitado pela porta do elevador... cumprimentou-me meio apático, correu até o elevador, entrou... a porta ia fechando quando ele me informou num grito meio surdo que havia um recado para mim sobre a mesa... entrei e o escritório parecia uma daquelas salas de museu onde nada muda... onde tudo é sempre a mesma coisa... essa era a minha vidinha e de meu patrão, enquanto dentro do escritório do centro da cidade... olhei o papelzinho verde dobrado sob a máquina de escrever... peguei-o com os dedos, que há pouco retiraram uma deliciosa meleca do nariz... adoro meleca... O recado era curto: vou suicidar-me... era uma excelente idéia... estes tempos neste país... duros tempos... deixei passar algumas horas... tomei o telefone com as mãos... rodei o disco... números conhecidos... cada número uma letra ou uma sílaba (?) de um nome conhecido... um código entre amigos... falei com ele que também queria fazer... eu queria... e eu poderia... era uma idéia excelente... eu pensei que nunca aconteceria, afinal ele era o patrão e eu não era nada além de um empregado... e não era um empregado-padrão, sem faltas, cheio de disciplina... tinha marcado hora... quase não dava tempo de encontrá-lo em casa... chovia... corri feito doido para não atrasar... Tinha os cabelos molhados, mas achei que não faria muita diferença... só tinha algum receio quanto aos métodos... sofisticação me amedrontava... tinha lido coisas terríveis quando ainda era estudante de história... estava amedrontado, muito embora ele me tivesse dito ao telefone que não havia razões, para preocupações... relâmpagos no céu... eu morria de medo... e morri (de medo) antes da hora... assim perdi o jantar que meu patrão me oferecera...

NÚMEROS ATRASADOS DA ESCRITA
Envie cheque visado ou vale postal à Vertente Editora Ltda., rua Monte Alegre, 1434, 05014 - São Paulo (SP).

10,



15,

15,

Se V. não encontrar Escrita facilmente nas bancas, envie um vale postal em nome da Vertente Editora Ltda.

ASSINE ESCRITA

UM MENINO COMUM

Lúcia Miners tem peças e alguns livros infantis guardados na gaveta. Um Menino Comum *pertence a um deles. Lúcia foi editora do suplemento literário da "Tribuna da Imprensa", no Rio, e atualmente coordena os "Diálogos de Cultura Contemporânea" patrocinados pela Faculdade de Filosofia de Campos.*

Lúcia Miners

Nós aqui em casa somos pessoas muito simples. De minha parte, detesto ser um menino tão comum. Sempre penso nisso quando desço do meu disco voador. Mamãe, por exemplo, não há nada que a faça deixar de ir às compras no jatinho. Papai é outro que tem mania de coisas velhas.

Na garagem está, há séculos, um troço que ele chama de automóvel e que pertenceu a um dos nossos antepassados. Deve ter sido um antepassado bem passado mesmo, porque o tal automóvel andava apenas a mil quilômetros por hora. Também preso àquelas rodinhas miseráveis, o que pode um veículo fazer?

Com ele, certamente não se poderia andar nem um milhão de anos-luz e, para mim, passeio de menos de seis, não tem graça. Hoje dei uma chegadinha mais longe. Saí logo cedo, mas o meu WVBX-257 enguiçou. Sorte eu estar perto de Saturno e poder levá-lo até um dos anéis. Pelo espaçofone chamei um plutoniano. Não era nada demais e com uma pistola reparadora tudo se resolveu.

Mas eu já estava impaciente de ter perdido tempo e por isso decidi ir mais longe do que sempre. Cerca de oito milhões de anos-luz, vi um pontinho lá longe. Acelerei meu disco, que — diga-se de passagem — está envenenadíssimo! Cheguei perto e vi uma coisa que nunca havia visto antes.

Eram verdes e mexiam-se brandamente. Tive um pouco de trabalho para procurar um lugar onde descer.

As tais coisas verdes, quando olhei de perto, não estavam no chão como pensei, mas presas no alto, em postes de um material que não conheço. Não era metal, disso tenho certeza.

Eram milhares de verdes presos e não um só, como vi de cima de meu disco Cheiravam e eram macios. Foi então que notei as bolas. Amarelas e grandes. Peguei uma delas e, dentro do amarelo que arranquei com os dedos, pequenas garrafas moles continham um líquido parecido com o Sabor 1 de que mamãe tanto gosta.

De provada em provada, acabei tomando aquelas coisinhas todas. Depois, olhando em volta, vi estranhos animais. Digo que são animais porque lembravam vagamente os que tenho em casa. Não eram nada parecidos com os nossos garrulhos ou estrágulas, mas eram bonitos assim mesmo. Alguns faziam muuuu, outros mééééé e ainda outros, ruídos que nem sei imitar. Do que mais gostei, foi de um que gritava có có có có có có có! Quase morri de rir! Ele parecia me chamar. Não resisti e fui ver de perto.

O animal estava como que sentado e, levantando-o, vi que debaixo do seu corpo havia uma coisa branca. Uma pedra, pensei. Tentei quebrar aquilo e realmente quebrou. Dentro havia outra pedra, só que mole, se é que existem pedras moles. Amarelíssima, estava envolvida num líqüido sem cor. Provei e acabei tomando tudo. O tal animal se deixou pegar facilmente e, com ele nos braços, andei mais um pouco.

Tudo era muito bonito, mas eu estava com sede. Pensava em que tolo fui não trazendo um pouco de Sabor 1, quando vi adiante algo correndo no chão. Era um líquido, lá isso era! Mas transparente, sem cheiro e agradável de pegar. Bebi. Líqüido como o Sabor 1, ele era. Mas o formidável é que, sujo como eu estava, ele limpou as minhas mãos com tanta eficiência quanto o spray que usamos no banheiro. Minha sede passou imediatamente.

Ouvindo um ruído, me escondi entre os verdes. E vi, oh vi! o ser mais estranho do mundo. Saiu de sua roupa e era da cor do chão que pisávamos. Ele entrou no líqüido que corria no chão parecendo cantar. Entrou nele, batendo alegremente o que imagino sejam braços e pernas.

Mas que criatura indefesa! O que se pode fazer com apenas dois braços e duas pernas? Eu, com seis de cada, me considero infeliz! Perfeitos são os plutonianos que têm oito. E como aquele ser sem antenas pode sentir o que se passa em volta? Pessoalmente, também prefiro a minha cor azul e não é vaidade.

Subitamente notei que estava há muito tempo fora de casa. Mamãe ia ficar danada! Levando o estranho animal que cria pedras comestíveis, voltei. Papai já havia chegado e por pouco não me atrasei para o jantar. Antes que mamãe dissesse *a*, mostrei o estranho animal. Papai gritou: "Veja, Isabel, uma galinha!" Mamãe quase teve uma coisa quando a viu. Fui logo contando de onde a trouxera, antes que papai me acusasse de alguma molecagem.

Mas papai só sabia dizer: "Isabel, ele descobriu!". E mamãe esclamava: "Ele descobriu, Fernão!". Prometi levá-los lá. Mamãe deu aquela choradinha: "Será possível, Fernão?" E papai bancou o herói: "Há de ser, Isabel, há de ser!" Quis saber que conversa era aquela e papai me disse que nossa gente chegou no mundo em que vivemos, quando duas famílias se perderam no espaço, vindas de outro lugar. Com o tempo, adaptaram-se ao novo mundo. Mas eles eram muito diferentes de nós.

Fui saindo de mansinho para não ouvir outra das eternas estórias do antigamente de papai. Mamãe, como sempre, me pegou na porta. Papai brincou: "Deixa Isabel. Ele hoje passou para a História!" Fiquei um bocado orgulhoso e botei o maior peito. Mas mamãe acabou com a minha alegria: "Com História ou sem História, Pedro Àlvares Cabral, esta é a última vez que você me sai de casa sem avisar, entendido?"

Oh droga, por que sou um menino tão comum?

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

LIVROS

CONTRA A MARÉ

Rubem Fonseca é o melhor executante da moderna literatura brasileira. Ouvi alguém dizer essa frase com sentido pejorativo, querendo significar que o autor de "O Caso Morel" é perfeito na forma e vazio de conteúdo. Não concordo com tal opinião, a meu ver extremamente exagerada, mas parece válido explorá-la, ainda que só para fugir à unanimidade dos elogios — todos merecidos — que já devem estar soando monótonos e enjoativos aos ouvidos do escritor. Acabei de ler os 15 contos de "Feliz Ano Novo", o livro mais recente de Rubem Fonseca. Execução impecável. Escritos em sua quase totalidade na primeira pessoa (apenas dois fogem a essa regra: "O Pedido" e "Entrevista"), eles se apresentam com o padrão de acabamento que dá às suas obras o que se convencionou chamar de "qualidade internacional". A estrutura, os diálogos, a ambientação, revelam um domínio de técnica que nada fica a dever aos melhores escritores norte-americanos, de Hemingway a Trumam Capote. Isto sem mencionar o fato de que ele consegue, como nenhum outro autor brasileiro desde Machado de Assis, apreender de forma literariamente convincente o homem da metrópole e o seu cenário. Nesta altura, eu mesmo me pergunto: o que poderia haver de errado que justificasse, ao menos em parte, a restrição citada no começo deste artigo? Minha reação de leitura sugere a seguinte hipótese: exatamente porque se colocou como projeto elevar a prosa de ficção no Brasil a um nível de realização formal equivalente ao que há de melhor nos Estados Unidos, Rubem Fonseca acabou absorvendo um enfoque que não corresponde à nossa realidade porque é fundamentalmente norte-americano. Em outras palavras: suas bem acabadas histórias deixam-nos a sensação de ter visto um filme rodado no Brasil por um competente diretor de Hollywood. A gente termina de ler, por exemplo, o conto "Feliz Ano Novo" que dá título ao volume e pensa: tão bom quanto "A Sangue Frio", de Truman Capote. Da mesma forma que nos lembramos de Hemingway ao acompanhar a movimentação truculenta e decidida de seus advogados-detetives. Nada haveria de mal em tudo isso, não ficasse a impressão de uma certa artificialidade, de uma autolimitação que Rubem Fonseca se impõe e que retém próximos à superfície os seus temas e personagens, quando não os levam à estratosfera de um fantástico de acentuada filiação internacional. Que ele pode ir bem mais fundo e carregar de emoção as suas histórias, prova um dos contos do livro, "O Pedido", onde é narrado o encontro entre dois velhos amigos portugueses, separados há mais de cinco anos por uma desavença nascida da inveja. Neste caso, a técnica apurada não desumaniza os personagens nem os transforma em estereótipos (Artenova, 144 pgs.)

Hamilton Trevisan

A LIÇÃO DOS CLÁSSICOS

Viver a vida, o dia-a-dia, nos angustiosos limites do tempo e do espaço; viver a vida que circula na palavra escrita, nos sem-limites do tempo e do espaço; vivê-la simultaneamente nos dois planos, extraindo-lhe a essência, transformando-a, por obra e graça da magia e artifício, em novo universo de palavras ilimitado. Assim é a poesia de Marly de Oliveira, em cujo último livro, *Contato*, além da coletânea mais recente, que dá título ao volume, estão reunidas outras duas, anteriores, "A Vida Natural" e "O Sangue na Veia". A coerência do procedimento poético faz dessa reunião um conjunto orgânico e harmonioso e que nos permite uma visão tanto quanto possível global do que foi realizado pela autora até hoje.

Incessante vem sendo a busca — e o encontro feliz — das raízes dessa tradição, veias onde correm a seiva, o sangue, a vida sem limites do verbo. Raízes que remontam aos latinos, aos trovadores medievais, aos clássicos do Humanismo e Renascimento, sem esquecermos os modernistas que as revivificaram. Se na coletânea "O Sangue na Veia", que reúne 46 sonetos lírico-amorosos, encontramos algumas sugestões camonianas como "Tu só, tu, puro amor, podes tudo" (Soneto XXVII), nas outras duas há maior variedade de fontes, estruturas, ritmo e temas. Reinventado, revivido, renovado ("O que existe é somente / um rascunho ou um ponto de partida."), tudo adquire uma pureza e claridade novas de expressão, aliadas a uma técnica de estruturação concisa, segura — salutar lição dos clássicos.

Raramente os nossos líricos classicizantes vão além dos sonetos camonianos. A inquietação da busca leva Marly para além dos sonetos, reavivando outras modalidades de composição mais complexas, que exigem maior variedade de esquemas rítmicos e outros recursos técnicos, como as odes, canções, sextinas, a "terza rima". As sugestões dos antigos vêm de fontes originais ou, às vezes, por via de alguns modernistas, notadamente em certas composições em forma de odes ou que exploram motivos campesinos, como neste poema XVI de "A Vida Natural": "Hoje não vou colher / nem laranjas, nem flores, nem amoras. / Vou ver crescer o dia / no redondo das frutas, / e ouvir sem pressa o canto destas aves." Das que vêm diretamente da fonte original, não podemos deixar de mencionar um Dante, cuja "terza rima" foi retomada no poema IX e no belíssimo poema XIV ("Este jardim me lembra outro jardim"), ambos da primeira coletânea; ou um Camões com suas canções e sextinas marcadas pelo tom reflexivo e grave, como neste poema XXII ("Vou fazendo do dia minha noite") ou no XXXI ("Este monte, que nunca vestiu neves"), duas sextinas de estrutura clássica com a supressão apenas do remate. Marly vem, deste modo, orientando-se pelo que há de mais vivo e sadio na tradição do nosso lirismo, lirismo que, diga-se de passagem, anda tão depauperado e desrumado nos dias que correm (Imago, 1/2/1 pgs.).

Y. Fujyama

DISCUTÍVEL MAS OPORTUNO

Apesar das múltiplas diferenças e particularidades que separam os países da América Latina, um fato inegavelmente os une: a situação colonial e neo-colonial, que domina a história do continente. Este é o ponto de partida de *História da América Latina*, de Túlio Halperin Donghi, um historiador argentino que hoje trabalha na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Seu livro, cuja primeira edição (italiana) é de 1968, procura estudar a história moderna da América Latina, ou seja, a história marcada pelas vicissitudes da situação colonial e nascida dos movimentos de independência — independência essa que foi, ao mesmo tempo, a manifestação do esgotamento do "pacto colonial" e a abertura de uma fase marcada por um novo pacto, neo-colonial.

De meados do século passado — quando se consolida esse "novo pacto", mais adequado aos interesses europeus e norte-americanos e aos interesses dominantes no continente — a situação latino-americana evoluiu dentro dos marcos da subordinação das economias nacionais ao imperialismo. Para Halperin Donghi, no entanto, isso não significa que os países da América Latina são meros joguetes nas mãos das grandes potências capitalistas, na medida em que, internamente, muitos dos grupos dirigentes têm interesses compatíveis com essa subordinação e aceitam a divisão das tarefas econômicas com os grupos estrangeiros, pagando, desta forma, o preço do desenvolvimento latino-americano. Essa foi, ao lado da estagnação econômica que daí resulta, a herança colonial recebida e reforçada pela ordem neo-colonial.

A depressão de 1930 revelou os limites do regime neo-colonial, mas não gerou um novo modo de integração da América Latina no mundo. Ao contrário, inseriu o continente num estado de crise econômica crônica, cuja superação converte-se no grande dilema dos povos latino-americanos. Como diz Donghi: "na busca, aos tropeções, de uma via de saída (e nas inúteis tentativas de retornar a um passado irreversível), foram gastos os últimos trinta anos da história da América Latina".

Qual, então, o futuro dos países do continente? Qual a saída para os impasses e as vicissitudes da situação de subordinação ao imperialismo? Halperin Donghi, neste ponto, ao invés de buscar na lógica do desenvolvimento capitalista latino-americano suas contradições e seus desdobramentos futuros, pisa em falso e revela toda sua visão pessimista, trágica e, por extensão, discutível. Para ele, por exemplo, a revolução cubana, apesar de ter provado a possibilidade de uma alternativa socialista, pôs fim às ilusões de uma política independente e ao ideal de um "terceiro mundo", na medida em que Cuba aliou-se ao "bloco soviético". Donghi, no exame do caso cubano, oscila entre a superficialidade e a indefinição, o que, sem dúvida, abala a solidez do livro. Sua "visão trágica", no entanto, vai ainda mais longe, já que Donghi limita-se a ver no "indefinido" futuro latino-americano apenas experiências incertas que terão um "terrível custo" social. Erro de análise ou realidade?

Apesar de tudo, "História da América Latina" é uma interessante e proveitosa síntese da história moderna da América Latina, que retrata com largos traços a evolução dos países deste continente dentro dos quadros da economia capitalista mundial. Um livro oportuno, principalmente para os brasileiros, acostumados a ver a América Latina como uma realidade estranha e distante, e constantemente impelidos a acreditar no mito do "Brasil oásis" (Paz e Terra, "Storia dell América Latina", tradução de Carlos Nélson Coutinho, 325 pgs.).

Marco Aurélio Nogueira

Se V. não encontrar Escrita facilmente nas bancas, envie um vale postal em nome da Vertente Editora Ltda.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

CARTAS

DO NOVO ACADÊMICO

O certo seria não ler e não gostar, mas (que fazer!) eu li e gostei da revista Escrita. *(Que fazer, não: escrevo-lhe minha impressão). A leitura dela me deu enorme prazer e despertou um interesse como igual não sentia há muito tempo por publicaões semelhantes.*

A entrevista do Zé Veiga, "Os Samoiedas" de Lima Barreto, o estudo de Assis Brasil, os contos de Jesurum - tudo oportuno, agradável, para não continuar citando que no fim ia citar a publicação de ponta a ponta.

Só tem uma coisa: será que dá para prosseguir nessa toada? Boa demais para publicação tão cara ou tão barata... Entretanto, tanto faz como tanto fez. Em Goiás, onde lido com publicações literárias desde um tempo mais dilatado (talvez) do que vocês, cheguei a uma teoria digna de Lima Barreto:

"Que diferença faz que uma revista literária dure muitos anos ou que muitas revistas literárias durem pouco tempo cada uma? O ideal de conseguir uma publicação literária tão duradoura e famanã quanto o "Times" é uma alienação cultural: a realidade nossa deve ser outra diferente da inglesa.

Então, corrija-se, Bernardo Élis, e diga ao Nader que não está preocupado com que dure ou não a revista. Adeus.

(Bernardo Élis - Goiânia, GO)

Obrigado, obrigado. É um estímulo para nós.

DE PORTUGAL

Tenho distribuído vários exemplares da Escrita *aqui em Portugal. Cá está estudando o poeta Carlos Nejar. Aproveitei para pedir a ele um poema ainda inédito para publicar em Escrita... Por enquanto me apresso a mandar o poema do Nejar. Não termino sem dizer que gostei muito do primeiro número e que todas as pessoas, a quem mostro Escrita, têm as melhores impressões a respeito. (J. Monserrat Filho - Lisboa, Portugal)*

MUITO ALÉM DO 3.º

Estou surpreso com o lançamento da Escrita. *É muito peito dessa turma aí. O negócio é este mesmo. Quanto mais nos colocam arreios e freios, mais cavalgamos os pastos da liberdade (será?). Veja exemplo: Bondinho (que pena!) Ex, Movimento, Opinião, Escrita, Silêncio (aqui de Minas) O Bicho, Pasquim, etc. Espero que cheguemos muito além do 3.º número. Dizem que qualquer revista literária que ultrapassa o 6.º segue em frente. Será? (Henry Corrêa de Araujo - Belo Horizonte, MG)*

A DURAS PENAS

Tenho em mãos a Escrita *primeira, conseguida a duras penas após percorrer cinco bancas do Centro. Mas valeu a pena. Simpática logo pela roupagem humilde, como humilde é nossa literatura atual, em contraste com tantas publicações de amenidades vestidas de papel luxuoso e cores maravilhosas. Gostei muito do artigo do Rangel sobre J.J. Veiga, escritor à altura da "tragédia brasileira" atual, para citar um termo bem achado num recente debate no Teatro Casa Grande, aqui no Rio, entre autores brasileiríssimos, conscientes de nossas tragédia cultural, como João Antônio (presente em Escrita), Antônio Torres (idem), José Louzeiro (merece ser convocado), Juarez Barroso (idem), Ignácio de Loyola e Wander Piroli - os quais, confiando na abertura do debate com uma represa de expectativas culturais acumuladas, o público, foram talvez surpreendidos pelo transbordamento das comportas, todo mundo querendo falar, xingamentos, incompreensões, etc. Gostei igualmente de ver o conto-reportagem do Percival de Souza. (Jayce André - Rio de Janeiro, RJ)*

Obrigado,amigo.

LONGA VIDA

Cumprimentos por Escrita. *Que tenha longa vida e que a cada número seja mais inconformista. (Janer Cristaldo - Porto Alegre, RS)*

ASEMAL

De mi consideración:

En la revista "Visão", del 29 de setiembre último, apareció una pequeña nota, "Poesia pelo correio", comentando mi existencia y la distribución gratuita de "Asemal". Una de las lectoras (he recibido ya más de 30 cartas de ese país), no sólo me pidió que se la enviara sino que también me comentó muy elogiosamente la reciente salida de su revista, dándome su dirección.

Le agradecería mucho me enviara un ejemplar de la misma, y por mi parte le envío con ésta los ejemplares de "Asemal" que tengo disponibles. Desde ya le seguiré mandando los números posteriores, si bien por vía marítima, más económica.

Por correo aparte despacho igualmente cuatro de los cinco libros de poesía que hasta ahora he publicado, los que acaso les ofrezcan a ustedes, o a gente vinculada con la Redacción de la Revista, algún interés.

Sin más, y deseándole éxito en una empresa que me imagino riesgosa y difícil, lo saludo muy atentamente. (Darío Canton - Buenos Aires, Argentina)

CRÍTICA IMPOSSÍVEL

Pelo que li na página 3 essa é uma das finalidades da revista, mas gostaria de confirmação antes de esvaziar minhas gavetas.

Talvez o que eu escrevo não esteja ainda bom o suficiente para publicar (em tempo: é tudo poesia). Não faz mal desde que me dêem uma resposta, uma crítica por carta. O que não quero é perder tempo e esperanças tirando cópias e enviando material sem obter respostas, como já aconteceu antes. (Cesar Piovani - S. Paulo, SP)

Daremos mensalmente uma relação dos trabalhos recebidos. Todos eles serão examinados, e, dentro do possível (critério dos melhores), publicados.

XADAGUA

Olha, caras, o papo é o seguinte:

Nós aqui em Mococa pretendemos fundar uma revista, mas não sabemos por onde começar. O nome da revista será "Xadagua". É uma revista que falará de tudo que vemos e temos vontade de dizer. Temos o nosso objetivo com ela, que é difundir a cultura popular, mostrar tudo aquilo que está esquecido, longe de um círculo intelectual, mas que é a forma mais viva e verdadeira de cultura e que muitas vezes por serem assuntos e histórias banais, esquecemos, relegando a um segundo plano. (...) Por favor, dê uma mãozinha pra gente. Escreva pra gente dando umas idéias, algum lugar por aí onde podemos imprimir mais barato, pois não dispomos de recurso financeiro nenhum. Pô, afinal somos parentes, todos nós fazemos parte da imprensa roxa! (Getúlio Cardozo da Silva - Mococa, SP)

Dependendo da tiragem, peçam orçamentos a gráficas que tenham rotativa. Sai sempre mais barato, apesar da qualidade inferior. Os preços de composição variam muito: a página da revista tanto pode custar 80 como 300 cruzeiros. Para terem uma idéia, solicitem sempre amostras do que a gráfica pode fazer.

PRESENTE

Estou mandando para os senhores um exemplar de "Presente". E o que peço para os senhores é que me deem uma forcinha pois a gente que está começando precisa de ajuda. É preciso pedir, entrar em contato direto com o pessoal que pode ajudar, o que vocês puderem fazer, a publicação de uma gravura, de um poema, enfim mesmo que for uma propagandazinha do livrinho, pois precisamos vender, não só para cobrir as despesas mas também para custear os nossos próximos trabalhos, exposições, viagens, etc., vocês me ajudam? Inclusive eu gostaria de ter uma opinião a respeito do nosso trabalho. É preciso que considerem que é um trabalho quase que totalmente artesanal, portanto tem muitos defeitos, mas o importante eu creio, são os poemas, eu espero uma opinião. (João Fernandes de Barros - Uberlândia, MG)

Mande outras coisas.

TIMIDEZ DE ESCRITOR

Senhores, por que não inaugurar uma seção "contos pelo correio" ou algo parecido? Sugiro isto porque sei que a maioria dos escritores ou é tímido ou impaciente nas salas de espera, defronte a secretárias, etc. (Sérgio Machado - S. Paulo, SP)

Já estamos recebendo e publicando contos e poemas. Este número comprova.

INSISTA

Se o trabalho que ora envio reunir o mínimo de qualidades para sua publicação, ficarei satisfeito. Em caso contrário, continuarei insistindo. (João da Penha, Rio de Janeiro, RJ)

PRESSUROSO

Venho pressuroso dar o meu aperto de mão a toda a equipe que como se sabe, apesar de tudo, deslancha em um empreendimento literário que desde já começa a ser motivo de alegrias e até de sonhos para aqueles que fazem ou humildemente pretendem fazer literatura brasileira, ou mesmo ainda, simplesmente amam nossa literatura como partícipes na pugna por uma cultura nacional autônoma e desenvolvida. Contudo, louvações por si só pouco fazem além de alçar ânimo e afinal louvações devem estar chegando aos montes aí na Rua Monte Alegre. Em segundo lugar, gostaria de fazer o seguinte comentário sobre o n.º 1 da Escrita: *acho que nele houve muito espaço útil que foi desperdiçado. (Marcelo Cavalcanti - Recife, PE)*

Já no nº 2 da revista, como neste, os espaços para ilustrações sofreram cortes. Por outro lado, não queremos usar sistematicamente corpos pequenos para não dificultar a leitura. Imagine toda a revista no corpo (6) desta página. Não seria cansativa?

SUCESSO NA CERTA

Li o primeiro número da revista Escrita *e gostei. Faz meu gênero, por isso é que estou aqui escrevendo estas mal traçadas e sei também que não vou perder meu tempo. Sem embromação, vamos direto no assunto. Sou professor de português do Colégio Estadual de Amparo e nas horas vagas gosto de escrever. É uma mania que trago comigo desde os tempos de ginásio. Crônicas, contos e romances. Escrevo crônicas para o jornal "O Comércio", de minha cidade (...) Caros redatores, falta-me uma chance. Dêem-me uma coluna na revista Escrita, publiquem qualquer coisa que lhes estou enviando e depois sondem o resultado: sucesso na certa. (Antonio Carlos de Oliveira - Amparo, SP)*

Esperamos que tanta possibilidade de sucesso não lhe suba à cabeça. Os trabalhos enviados fogem à nossa linha.

PATINHO FEIO

Primeiramente quero cumprimentá-los pela excelente qualidade jornalística e editorial de sua revista Escrita, *que nasce assim qual patinho feio de nossa imprensa, repleta de outras da melhor qualidade gráfica, coloridas, mas quase que exclusivamente servidas de matérias estrangeiras, alheias à realidade do homem brasileiro. (Camões Ribeiro do Couto Filho - Taubaté, SP)*

ENFIM, SATISFEITO

Foi com temor que comprei o n.º 1. Afinal dez mangos é grana paca por 32 páginas! Foi com volúpia que devorei todas as linhas. Até os anúncios. As ilustrações foram degustadas. É com prazer que agradeço à boa Escrita *encontrada na banca de jornais. Pois não é que as bancas de jornais de hoje estão semelhantes às portas-de-tinturaria de antanho; informações (já nem ouso falar em literatura, ainda condenada ao confinamento nos livreiros), que é bom, só aos amantes do futebol e do crime. E aparece Escrita. (José Antonio O. Motta A. Corrêa - S. Paulo, SP)*

BARATEAMENTO

É claro que estamos satisfeitos. Todos os brasileiros interessados, realmente, em que ressurjam das cinzas, em nosso meio, milhares de publicações como a que vocês acabam de lançar, o estão. Ainda mais quando podemos desfrutar de textos tão vivos e vibrantes como os de Percival de Souza, João Antônio, Lima Barreto, J.J. Veiga, C. Rangel e os demais. Gente inédita podendo até publicar junto com os novos consagrados e os consagrados em definitivo. Gostaríamos de encontrar nas bancas Escrita, *por muitas e muitas vezes ainda, mas de outra maneira, sem "black-tie". Despojada. Estabelecida a partir do papel jornal, da forma mais acessível ao leitor, ao editor e ao autor. As experiências de "Leitura" e de "Crisis" estão em papel jornal, são dois casos que me ocorrem de imediato, poderia citar ainda e. a propósito, o sensacional "Ex". Desperdiçar experiência alheia, nesse caso, é estreitar os horizontes culturais de nosso povo.*

Espero não ter tomado tempo precioso dos amigos aí. Parabéns pelo n.º 1.

Saudações do compatriota. (Alfredo Costa - Rio de Janeiro, RJ)

Compreendemos seu ponto de vista e acreditamos que queira ajudar. Mas o papel utilizado pela revista representa apenas 10% dos nossos gastos reais. Ainda assim, para tentar barateá-la, usamos neste número papel inferior. E continuaremos fazendo modificações até que as despesas sejam as menores possíveis. Infelizmente, porém, pela tiragem, não poderemos reduzir o preço do exemplar. Em compensação, já neste nº 3 *Escrita* sai com 36 páginas, isto é, quatro a mais.

INCENTIVO

Quero cumprimentar todos pela revista. Um grande incentivo. (Alceu Lanzellotti - São Paulo, SP)

LACUNA

Li e reli, com muito entusiasmo, o primeiro número de sua publicação Escrita. *Esta revista veio preencher uma lacuna no setor de publicações periódicas do gênero. (Luiza Martins Netto - S. Paulo, SP)*

ACADEMIA JUVENIL

Vimos pela presente parabenizá-lo pelo lançamento dessa revista, já no segundo número e acreditamos que se constituirá num sucesso entre todos aqueles ligados de uma maneira ou de outra ao mundo da literatura. (Academia Juvenil de Letras - Paola Patassini, presidente - São Paulo, SP)

JÓIA

Achei jóia pra xuxu o lançamento da revista Escrita *e aqui vão os meus cumprimentos por tal feito.*

Estudante de Comunicação (Ribeirão Preto), sou meio vidrado por literatura, daí todo esse meu enforismo. (Tadeu Pereira - Bebedouro, SP)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

OUTRA VEZ

Eu, novamente... o leitor do "primeiro não". Novamente, não para dizer outro não, e , sim, agora para dizer sim. Não por terem publicado a minha carta, mas por reconhecer a nova linhagem que a revista tomou e pelo nível adquirido (afinal não veio o Bilac que eu esperava!).

Louvações, creio, são totalmente desnecessárias neste caso. E acredito que a linha editorial adotada estará sempre em permanente dinamicidade - isso no sentido de acatarem prioritariamente os novos /sempre/pois, via de regra, o novo é vanguarda e a renovação/necessariamente/deve ser buscada e promovida.

A rigidez editorial (elitista) que assola "todos" os jornais/revistas editados nos grandes centros é a verdadeira responsável pelo marasmo cultural que domina nosso ambiente, truncando, por sua vez, o canal mais eficiente para a semeadura dos novos talentos.

Não resisto em solicitar (ou sugerir) um espaço mais amplo/elástico para a poesia, que está tendo um tratamento desgraçadamente pálido demais por todos os órgãos da imprensa nacional. (Aristides Sérgio Klafke - São Paulo, SP).

APOIO MORAL

Envio a todos os componentes da valiosa equipe responsável pela publicação da revista Escrita *os meus mais sinceros cumprimentos.*

Magnífica a idéia de publicar uma Revista Mensal de Literatura e, mais magníficos ainda, os resultados obtidos. Precisamos em nossa cidade e em nossa pátria publicações sobre literatura pois, infelizmente, ainda existem poucas. embora grandes esforços estejam sendo levados a efeito neste sentido.

Sou formada por faculdade de filosofia embora não lecione pois minhas atividades como secretária são anteriores à minha formação universitária, mas apoio todas as atividades culturais de nossa gente. (Hannelore Marczinski - São Paulo, SP)

NÃO PENSAVA

Eu não pensei que ia sair o n.º 2, mas passou e muito bom, por sinal. Gostei. (Mário R. Fortunato - São Paulo, SP)

NECESSIDADE

Foi com imensa satisfação que encontrei nas bancas esta revista Escrita, *que não poderia deixar de vir num momento tão propício.*

Escrita deixou de ser uma revista para ser uma necessidade. (José Walter Ramos da Silva - São Paulo, SP)

A ÚNICA

Dizer que é a melhor revista no gênero seria sem dúvida um exagero, pois se não estou erradamente informado é a única revista especializada em literatura. Talvez existam falhas mas por enquanto o meu precário senso crítico ainda não as logrou. (Antônio Edson Costa da Silva - São Paulo, SP)

PRIMORDIAL

Não é puxar saco mas a revista Escrita *é genial! Sua meta de divulgar os não lidos e animar os "novos" é primordial para se riscar uma linha sobre os passos tortos de nossa literatura. (Marcelo de Freitas Marques - São Paulo, SP).*

PENITÊNCIA

Escrita *pegou. E eu me penitencio, com grande satisfação, devo dizer, por ter previsto para ela uma vida curta, tão logo vi o primeiro exemplar nas bancas. Não comprei de imediato e, mais tarde, andei um bocado para conseguir o meu: "acabou tudo", afirmavam os jornaleiros. Fiquei agradavelmente surpreso. Será que existe tanta gente assim interessada na matéria? Produzindo? Quero ver esse pessoal nas páginas de* Escrita. *A propósito, qual é a tiragem? Acho possível determinar, dentre os leitores, quem somente curte e quem realmente faz. Estou anexando quatro poemas: escolham vocês os dois estipulados, porque o meu senso de "paternidade" dificultou a tarefa. Breve, mandarei uns dois contos.*

Voltando à Escrita/1, *achei excelente: bem redigida, bem diagramada, apresentação gráfica decente. Quanto às matérias, tudo bem, a não ser por uma certa historieta, "A Abelha Megachile Toca Flauta", cuja, apesar do nome da lírica flautinha, não chegou a botar a boca no trombone, como eu supus. (Luiz R. Guedes - S. Paulo, SP)*

DECÊNCIA

Quando terminei de ler a sua revista, veio-me a impressão de que, finalmente, há alguma coisa decente sobre literatura realizada neste país. (Paulo Amaral Filho - Rio de Janeiro, RJ)

SOBRIEDADE

Foi com o maior prazer que entrei em contato com Escrita *que, pela apresentação, se propõe evitar os costumeiros obstáculos com os quais já está afeito o pobre-diabo que se dá à tolice de cultivar, entre nós, as outroras chamadas belas-letras. Oxalá (como se dizia também antigamente) o futuro confirme a continuidade desses bons propósitos. Quanto a este primeiro número, é bem significativo da qualidade literária da publicação: sóbrio, muito bem feito. Parabéns. (Alváro de Sá Nunes Meira - Salvador, BA)*

MANDE-OS

Acabo de ler Escrita. *Dispensável dizer porque é que a revista é boa... Tenho alguns pequenos contos e agora trabalho num que eu acho que vai dar. (Gilberto Jardineiro - São Paulo, SP)*

NÚMEROS ATRASADOS DA ESCRITA
Envie cheque visado ou vale postal à Vertente Editora Ltda., rua Monte Alegre, 1434, 05014 - São Paulo (SP).

AGUARDEM

NAS MELHORES E NAS PIORES LIVRARIAS DO PAÍS

A HISTÓRIA DE

CÂNDIDO URBANO URUBU

UM LIVRO DE CARLOS EDUARDO NOVAES

ILUSTRADO POR VILMAR RODRIGUES

EDITADO PELA nórdica

20,

Vertente

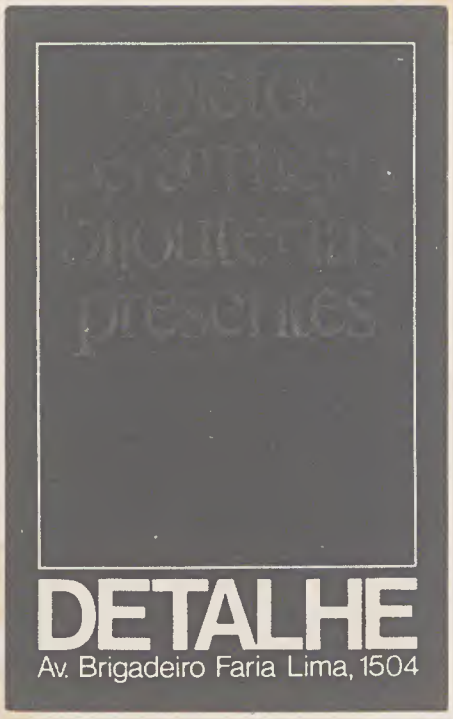
NA LISTA DOS MAIS VENDIDOS

Uma publicação da Vertente Editora Ltda
Rua Monte Alegre, 1434
Fone: 62-3699
05014 - São Paulo (SP)

ASSINE ESCRITA

Por Cr$ 50,00 seis meses de literatura em sua casa. Envie cheque visado ou vale postal à Vertente Editora Ltda., rua Monte Alegre, 1434, 05014 - São Paulo (SP).

8,



LEITURAS CRÍTICO-ANALÍTICAS
TEXTO/CONTEXTO

GUIMARÃES ROSA
de Nelly Novaes Coelho e
Ivana Versiani

(A inovação rosiana versus Romance Regionalista de 30. De *Sagarana* a *Grande Sertão: Veredas*. Homo sapiens x Homo ludens. O sistema verbal rosiano) (142 pgs. - Cr$ 16,00)

MÁRIO DE ANDRADE
de Nelly Novaes Coelho (Sua poesia toda: de Paulicéia Desvairada a Lira Paulistana. Suas conquistas técnicas em face das inovações modernistas de 22) (187 pgs. - Cr$ 10,00

GRACILIANO RAMOS
de Lamberto Puccinelli (Leitura textual de toda obra graciliana, através de uma perspectiva sociológica: Caetés, Angústia, São Bernardo, Vidas Secas, Infância, Memórias do Cárcere) (147 págs. - 16,00)

EDIÇÕES QUÍRON

À venda nas boas livrarias
ou
Reembolso Postal: Edições Quíron Ltda.
Rua Carlos Steinen, 40
(04004) S. Paulo

ASSINE ESCRITA

ASSINE ESCRITA

ASSINE ESCRITA

ASSINE ESCRITA

ASSINE ESCRITA

ASSINE ESCRITA

ESTUDE NOS JARDINS
LETRAS

HABILITAÇÃO, PORTUGUÊS, INGLÊS, desenvolvida em Laboratório Eletrônico de Línguas e, é, claro, por Professores de Primeira.
VESTIBULARES DE 13 a 16/DEZEMBRO
FACULDADE TIBIRIÇÁ
Rua Pamplona, 1616 - (Esquina Lorena) - Fone: 282-3433

Se V. tiver um bom argumento (cinematográfico), a Sincro Cine compra. Remeta-o à rua Paissandu, 359 - 20.000 - Rio de Janeiro (RJ)

PROGRAME O *jornal da semana*
80-2716 80-3590 80-8564 80-9831

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA UNESP CEDEM

FELIZ NATAL
OFERTAS

FELIZ NATAL
+ OFERTAS

É ISSO MESMO! UMA ESTÓRIA SOBRE A IGUALDADE DE DIREITOS, SOBRE O RESPEITO HUMANO, SOBRE UM LUGAR SEM POLUIÇÃO, SEM FOME, NEM GUERRAS, NEM EXPLORAÇÕES, NEM MASSACRES. UMA ESTÓRIA SOBRE O PLANETA CENTRAL NA GALÁXIA TONG!
3X+ OFERTAS

FELIZ NATAL
4X+ OFERTAS

... MUITO LONGE A GALÁXIA TONG!